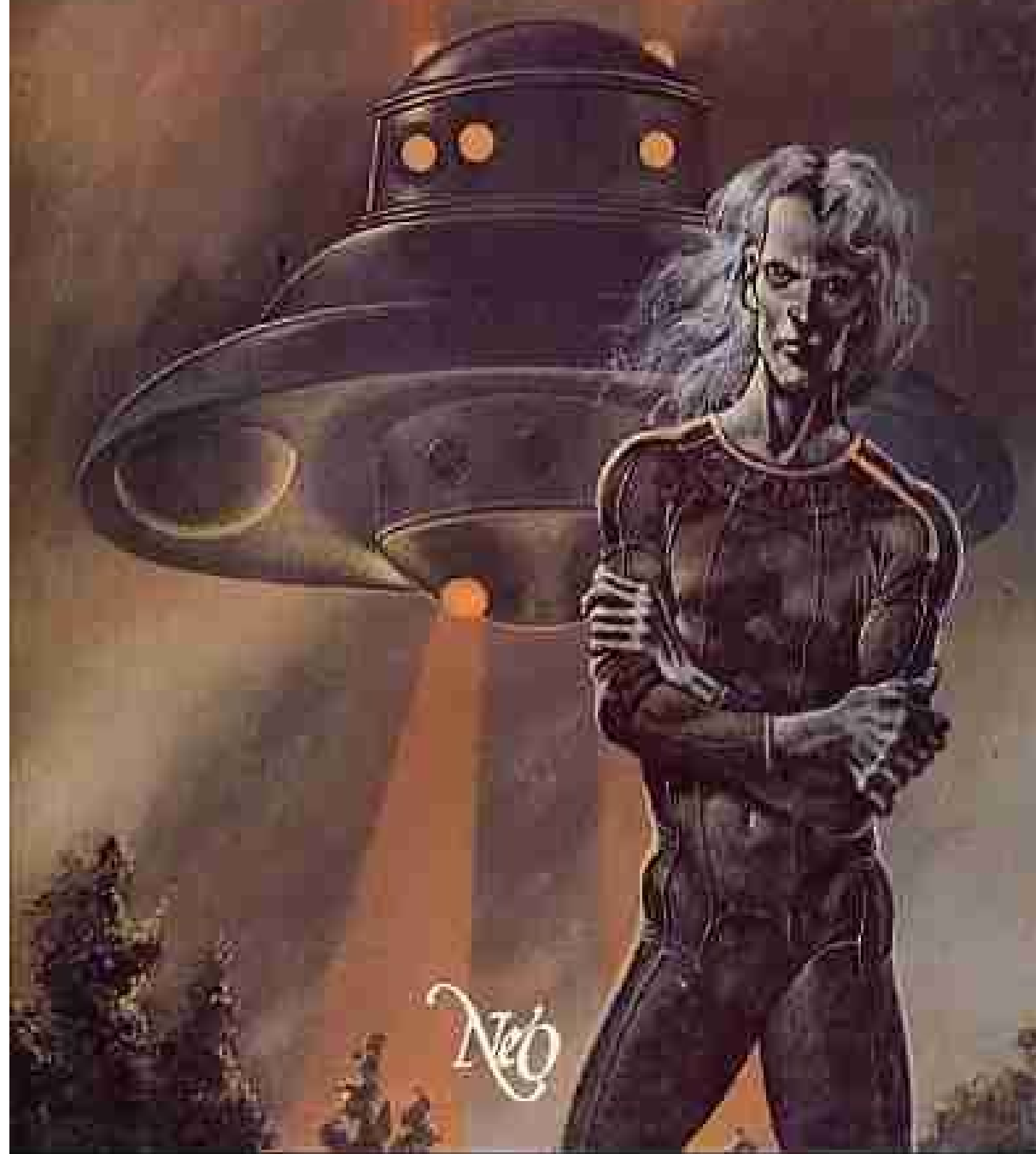


*Francis*  
**CARSAC**  
**CEUX DE**  
**NULLE PART**  
*NeO*





**FRANCIS CARSAC**

**GUERRA  
DE ESTRELAS**

(Traduzido, para o português, por M. HENRIQUE LEIRIA  
e C. EURICO COSTA, e adaptado, para o brasileiro,  
por GUMERCINDO R. DOREA)

**EDIÇÕES G. R. D.**

São PAULO

1961

## **Título DO ORIGINAL FRANCES**

*Ceux de Nulle Part*, (Direitos adquiridos pelas *Publicações Europa-América*, de Portugal, cedidos, para o Brasil, para EDIÇÕES G. R. D.)

### "FICÇÃO CIENTÍFICA G.R.D."

- Vol. I - *Além do Planeta Silencioso*, de C. S. LEWIS
- Vol. II - *Eles Herdarão a Terra*, de DINAH S. DS QUEIROZ
- Vol. III - *As Negras Crateras da Lua*, de ROBERT A. HEILEIX
- Vol. IV - *As Noites Marcianas*, de FAUSTO CUNHA
- Vol. V - *Depois da Catástrofe*, de HAROLD MEAD
- Vol. VI - *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, de ANDRÉ CARNEIRO, ANTÔNIO OLINTO, CLÓVIS GARCIA, DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ, FAUSTO CUNHA, JERONYMO MONTEIRO, LÚCIA BENEDETTI, RUBENS TEIXEIRA SCAVONE, ZORA SELJAN e um artigo introdutório de JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TÔRRES
- Vol. VII - *Cidade*, de CLIFFORD D. SIMAK
- Vol. VIII - *Fuga Para Parte Alguma*, de JERONYMO MONTEIRO
- Vol. IX - *Os Mutantes*, de JOHN WYNDHAM
- Vol. X - *O Menino e o Robô*, de RUBENS T. SCAVONE
- Vol. XI - *Guerra de Estrelas*, de FRANCIS CARSAK

Capa: EDDIE MOYNA

## PRIMEIRA PARTE: **OS VISITANTES**

### PRÓLOGO

Nesta manhã de Março de 195... bati na porta do meu velho amigo, o Dr. Clair, não suspeitando que, dentro de pouco tempo, iria ouvir o mais extraordinário e fantástico relato de toda a minha vida. Disse "meu velho amigo" (se bem que tanto ele como eu só outro dia tivéssemos ultrapassado a casa dos 30) porque nos conhecíamos desde a infância, embora há quatro anos tivéssemos perdido o contacto.

A porta foi aberta - melhor, entreaberta - por uma velha mulher vestida de negro, como é hábito de todas as velhas mulheres desta região. Resmungou:

- Se é para uma consulta, o doutor não recebe hoje. Está fazendo experiências...

Sendo um excelente médico, Clair, todavia, não exercia regularmente a profissão. Graças a uma sólida fortuna, podia consagrar quase todo o seu tempo a complexas experiências de biologia. O seu laboratório, instalado na casa paterna, perto de Rouffignac, era, na opinião das sumidades médicas que o visitaram, um dos melhores do mundo. Muito discreto no que dizia respeito a suas investigações, a elas se referia muito por alto na correspondência que trocávamos, mas, no entanto, eu sabia, pelas suas visitas, que ele era um dos que, como tantos outros dispersos pelo mundo, procuravam a solução do problema do câncer.

A velha mulher fitava-me, desconfiada.

- Não, não venho fazer consulta - respondi. - Diga ao doutor que Frank Borie deseja vê-lo.

- Ah! É o Sr. Borie? Isso é diferente. Ele está lhe esperando.

Do fundo do corredor uma voz de baixo, profunda, gritou:

- Então, Madalena. que é? Quem está aí?

- Sou eu, Séva!

- Entra, com os diabos!

Clair herdara de sua mãe, russa emigrada, uma voz à Chaliapine, uma estatura de cossaco siberiano e o prenome de Vsévolod; de seu pai, natural do Périgeux, uma tez morena e cabelos negros, o que lhe tinha valido, no nosso grupo de estudantes, a alcunha de Claro-Escuro.

Dirigiu-se para mim em grandes passadas, quase me arrancou o braço com um aperto de mão, abalou-me com uma valente palmada nos ombros e, em vez de me mandar entrar para o seu gabinete, como de costume, reconduziu-me para a porta.

- Que belo dia! - declamou ele, enfaticamente - O sol brilha e você veio! A verdade é que só esperava que chegasse de noite, no automotriz.

- Trouxe o meu automóvel. Mas venho lhe causar incômodo?

- Não, não, de forma nenhuma! Estou verdadeiramente contente por lhe ver. O que faz você? Como vai a pilha atômica?

- Silêncio! Mistério! Você sabe muito bem que não posso falar disso.

- Está bem, cientista misterioso! A propósito: quero lhe agradecer a última remessa de isótopos radioativos. Me foram muito úteis. Mas não aborrecerei você com outros pedidos. Estou tratando de coisas melhores.

- O que? - perguntei, admirado.

- Calma! É mistério! Não posso falar disso!

No corredor, atrás de nós, ouviu-se um ligeiro ruído de passos e pela porta, que ficara entreaberta, pareceu-me distinguir uma delicada silhueta feminina. Todavia, segundo eu sabia, Clair era solteiro e não mantinha qualquer ligação.

Notou, sem dúvida, a direção do meu olhar e, segurando-me pelo braço, fez com que me voltasse.

- Pois muito bem. Você não mudou. Está o mesmo. Entremos.

- Não posso lhe retribuir o cumprimento. Você envelheceu.

- Ah! Talvez... talvez! Passe primeiro.

O gabinete dele que eu bem conhecia, com as estantes de livros (dos quais bem poucos tratavam de medicina), estava vazio, mas nele flutuava um sutil e agradável perfume, que aspirei. Clair apercebeu-se disso e, evitando qualquer pergunta minha, esclareceu:

- Sim, recebi há alguns dias - oh! em consulta... uma célebre atriz e o seu perfume ainda permanece. É extraordinário o progresso da química!

Estabelecemos uma conversa sem sequência. Comuniquei-lhe a morte de minha mãe e tive a surpresa de o ouvir dizer: "Ah ! Muito bem!".

- O quê? Muito bem?! - exclamei, indignado e penalizado.

- Não, eu queria dizer que compreendo, finalmente, porque você me deixou tanto tempo sem notícias suas. Então você está agora sozinho no mundo?

- Sim.

- Pois bem, talvez proponha a você uma coisa muito interessante. Mas é ainda um vago projeto. Falaremos dele hoje de noite.

- E no laboratório? Algo de novo?

- Quer vê-lo? Venha comigo.

O laboratório - construído após a minha última visita, há quatro anos - era uma ampla divisão envidraçada, mais comprida do que larga, que ocupava os fundos da casa. Detive-me na porta, assobiando de admiração. Percorri-o, notando, de passagem, o micromanipulador, o coração artificial. Num quarto escuro contíguo erguia-se um enorme gerador de raios X. No centro do laboratório, sobre uma mesa, uma cobertura dissimulava um aparelho.

- E isto? - perguntei.

- Não é nada. Não está ainda pronto. É uma experiência...

- Ignorava que você construía aparelhos. Sabe que, como físico, poderei talvez lhe ajudar.

- Veremos. mais tarde. Agora prefiro não falar no assunto.

- Seja - disse eu, um pouco constrangido. - Se isso lhe desagrade...

A campainha da porta da rua tiniu.

- Bolas! A Madalena saiu. Tenho de ir abrir.

Tendo ficado só, aproximei-me do aparelho e, indiscretamente, ergui a cobertura. Fiquei boquiaberto. Em lugar do mecanismo improvisado que esperava, vi um maravilhoso conjunto de tubos de vidro e de metal, de ampolas transparentes ou opacas, de ligações. Em múltiplos mostradores agulhas bífidas marcavam graduações de que eu não pude adivinhar o significado. Estou habituado a toda a espécie de aparelhos científicos e utilizamos, no meu laboratório, alguns bem complexos. Mas não conhecia nenhum que se assemelhasse a este

Ouvindo no corredor os passos apressados do meu amigo, deixei cair rapidamente a cobertura e, com ar indiferente, pus-me a olhar distraidamente o jardim, através da janela.

- Um caso de difteria num garoto. O meu colega está ausente. Tenho de ir. Leia um livro no meu gabinete enquanto não volto.

- Quer que lhe leve? O meu carro está na porta.

- Ótimo. Isso evitará que vá tirar o meu da garagem.

Pelo caminho meditava nas singularidades que havia notado. Clair só me esperava de noite e ficara com um ar embaraçado por eu ter chegado mais cedo. Tinha-me entretido durante alguns minutos na porta, embora fizesse frio. Eu percebera uma silhueta esquivando-se no corredor e, logo a seguir, Clair conduzira-me para dentro. Mostrara um ar satisfeito quando soubera do falecimento de minha mãe e por eu ficar sozinho no mundo. E, por fim, havia aquele estranho aparelho... Diabos me levem se descortinava para que servia! E, ainda por cima, num laboratório de biologia! Seria Clair o inventor? Isso já me parecia possível. E o construtor? Recordei-me das suas montagens de física, no liceu, e não pude deixar de sorrir.

Paramos em frente a uma chácara. Clair só se demorou um quarto de hora.

- Não é nada. Vim a tempo. O meu colega continuará o tratamento.

- Você não clinica mais?

- Raramente. Não tenho tempo. Somente quando o Dr. Gauthier está ausente ou quando me pede consulta.

No regresso guardou o meu automóvel na garagem e transportou a minha bagagem para o quarto que habitualmente me era destinado.

Era contíguo ao dele, e pareceu-me ouvir, quando passamos na porta, um ligeiro ruído no interior.

A refeição do meio-dia, servida pela velha criada, era excelente, como de costume. Clair falou pouco. Estava preocupado, hesitante. Quando lhe comuniquei que, após o almoço, ia aos Eyzies ver alguns amigos, mostrou-se aliviado e marcou-me encontro para as 19 horas.

Nos Eyzies visitei o paleontologista Bouchard, que me relatou uma estranha história. Seis meses antes a região fora alarmada pelo aparecimento de "diabos" na floresta de Rouffignac. Tinha corrido o boato de que esses diabos tinham levado o Dr. Clair, mas tudo isso era vago, pois no dia seguinte ao do desaparecimento dos diabos, "numa coluna de fogo verde", o doutor reaparecera. Tinha, muito simplesmente, ficado dois dias em casa. efetuando uma experiência.

Quanto aos "diabos", o mais curioso da história era que quinze camponeses pretendiam tê-los visto: diziam que se assemelhavam a homens, mas tinham o poder sobrenatural de imobilizar as pessoas. O presidente da Câmara ordenara um inquérito, bem como o bispo de Périgueux. Mas perante as autoridades os camponeses tinham sido menos afirmativos. Finalmente, tudo se acalmara. "No entanto", acrescentou Bouchard, "devo dizer que na noite em que os tais "diabos" teriam desaparecido, vi no céu uma intensa luz verde para os lados de Rouffignac".

Em verdade, esta história, por si, não apresentava grande interesse. Diariamente são publicadas histórias assim nos jornais. Mas, não sei porquê, associei-a com as singularidades de Clair.

Quando cheguei na casa dele encontrei-o aliviado, como se tivesse tomado uma resolução, depois de ter hesitado muito. A mesa da sala de jantar estava posta para três pessoas.

Espera alguém? - perguntei.

- Não, mas vou lhe apresentar minha mulher.

- Sua mulher?! Você é casado?!

E pensei: "A silhueta!".

- Oficialmente, ainda não. Mas não demorará, desde que tenhamos os papéis. Ulna é estrangeira.

Hesitou um momento.

- É escandinava: finlandesa. Quero lhe advertir de que ainda fala mal o francês.

- Você fala finlandês? É novidade para mim!

- Aprendi no ano passado, numa viagem de dez meses. Creio que mandei lhe dizer.

- Não. E julgava eu que o finlandês era difícil!

- E é. Mas, você sabe, a minha hereditariedade eslava...

Chamou: "Ulna!".

Uma esguia e estranha rapariga entrou: alta, loura, de um louro-pálido, olhos de uma cor indecisa - que não se poderia dizer se era cinzenta, azul ou verde -, de traços regulares. Era muito bela. Mas qualquer coisa nela surpreendia, sem que se pudesse precisar o que era. Talvez a pele dourada, contrastando com o louro-pálido dos cabelos? Ou a inverosímil pequenez da boca? A notável amplitude dos olhos? Ou tudo isso junto?

Inclinou-se graciosamente perante mim e estendeu-me a mão, uma mão que me pareceu extraordinariamente alongada, pronunciando ao mesmo tempo algumas palavras em voz muito baixa, mas cantante.

Fiquei sentado na frente dela. Quanto mais a olhava mais estranha me parecia. Servia-se com presteza da faca e do garfo, mas não com aquele automatismo inconsciente que o hábito dá.

Me conservei mais ou menos calado durante o jantar. Clair falou por todos nós. A velha Madalena era uma cozinheira de primeira qualidade, mesmo nesta região, onde as boas cozinheiras abundam. O meu amigo tinha feito uma razia na adega. Notei que Ulna comia pouco e não bebia, contrariamente ao doutor e, devo confessá-lo, a mim próprio. À medida que o jantar prosseguia perdi pouco a pouco o constrangimento que me paralisava. Ulna nada dizia, mas de vez em quando fitava Clair nos olhos, e tive a curiosa impressão de haver uma comunicação, não de sentimentos, mas de ideias.

Após a sobremesa, Clair dobrou cuidadosamente o guardanapo, afastou a cadeira, sentou-se em frente do fogo, numa poltrona baixa. Com um sinal convidou-me a sentar-me diante dele e depois chamou pela criada, para que servisse o café. Ulna tinha saído. Voltou trazendo um jornal dobrado em quatro, em que Clair pegou e depois me estendeu. Com um rápido olhar ao cabeçalho verifiquei que datava de há seis meses. Ia restituir-lho, pedindo-lhe uma explicação, quando notei, no fundo da página, um artigo circulado a vermelho:

## **"AINDA OS DISCOS VOADORES**

*Kansas City, 2 de Outubro.*



*Ontem, o tenente George K. Simpson Jr. regressava de um exercício a bordo do seu caça F. 109, ao cair da noite, quando percebeu, a cerca de 52.000 pés, uma sombra discoidal que se deslocava rapidamente. Perseguiu-a e pôde aproximar-se. Viu então que se tratava de um disco, cujo diâmetro calculou em 30 ms., com uma espessura, no centro, de cerca de 5 m. O objeto deslocava-se a uma velocidade que o tenente Simpson declarou ultrapassar, segundo a velocidade do seu próprio avião, os 1.100 km/h. A perseguição prolongava-se já há dez minutos quando o piloto percebeu que o misterioso engenho ia passar sobre a base de N..., que só podia ser sobrevoada por aviões americanos. A ordem era formal e o tenente Simpson atacou então o engenho. Estava nesse momento a cerca de 2 km. dele e ligeiramente mais alto. Avançando a toda velocidade, disparou uma salva de foguetões. "Vi então", relatou ele, "os foguetões explodirem no revestimento metálico. Um segundo depois o meu aparelho explodiu e senti-me projetado pelo assento da catapulta. Felizmente o para-quedas abriu-se!". Esta cena foi testemunhada por numerosas pessoas, em terra; os técnicos examinam atualmente os destroços do avião do tenente Simpson. Quanto ao engenho misterioso, desapareceu, subindo verticalmente no céu, a uma grande velocidade."*

Devolvi o jornal a Clair, declarando, num tom cético:

- Julgava que os meios oficiais americanos, após longos inquéritos, já tinham cortado as asas a esse pássaro. Decididamente, tem vida longa!

O meu amigo não respondeu. Abanou lentamente a cabeça, inclinou-se, tirou do fogo uma brasa, com a pinça, e acendeu cuidadosamente o cachimbo. Puxou algumas fumaças e fez sinal para a criada servir o café. Ulna não bebeu. Saboreamo-lo em silêncio. No final mandou servir o conhaque e, olhando-me de frente, disse:

- Você sabe que não sou totalmente ignorante em ciências físicas. Sabe, igualmente, que sou realista, matter of fact, como dizem os Ingleses Pois bem: tenho uma longa história a lhe contar sobre este disco voador.

- Não olhe de soslaio para as garrafas... O seu número é talvez impressionante, mas lhe asseguro que não influenciou no que vou lhe relatar. Talvez influencie na minha decisão de falar? Nem isso! Já tinha decidido contar tudo a você, na primeira ocasião em que lhe visse. Eis a minha história. Instale-se bem na poltrona, porque, como lhe disse, ela será longa.

Interrompi-o:

- Tenho na minha mala um registrador magnético. Posso gravar o seu relato?

- Se quiser. Até talvez seja útil.

Após o aparelho ter sido instalado, ele começou.

Na altura em que pronunciava as primeiras palavras o meu olhar caiu na mão de Ulna, pousada no braço da poltrona. Compreendi então porque é que essa mão me parecera tão alongada: Só tinha quatro dedos.

## CAPÍTULO I

### O RELATO DO DR. CLAIR

Como você sabe - começou Clair -, sou um bom caçador. Ou, pelo menos, é a reputação que tenho, embora só muito raramente dê um tiro. Alguma destreza natural, aliada a muita sorte, fazem com que eu esteja condenado a nunca voltar da caça com as mãos vazias... Ora, no passado dia 1 de Outubro - fixe bem esta data -, lá para o fim da tarde, não dera ainda um único tiro. Noutra ocasião qualquer não teria me importado, preferindo mais ver os animais viver do que matá-los - já mato muitos outros para as minhas experiências! Mas tinha convidado para jantar comigo no dia seguinte o presidente da Câmara de Rouffignac, pois necessitava da colaboração dele para um projeto que, agora, já perdeu a oportunidade. Como o homem é louco por caça, resolvi fazer uma surtida para a conseguir. Quando o Sol já se tinha posto atravessei a clareira do Magnou, em plena floresta. Você a conhece tão bem como eu: coberta de tijo e de erva bravia, rodeada de castanheiros e carvalhos, é muito pitoresca de dia, mas de noite é sinistra. Não sou impressionável, mas, no entanto, alarguei o passo. Ao passar sob uma árvore tropecei numa raiz, bati violentamente com a cabeça num carvalho e perdi os sentidos.

Quando voltei a mim não murmurei o clássico "onde estou?". Tinha uma lancinante dor na cabeça, zumbido nos ouvidos, e durante uns minutos receei ter fraturado o crânio. Felizmente, isso não aconteceu. O meu relógio marcava 1 hora da manhã, a noite estava negra como breu e o vento soprava, fazendo gemer as árvores. Depois, por cima da clareira, a Lua iluminou uma nuvem negra, rodeando-a de um feérico círculo luminoso.

Sentei-me, procurando a espingarda, que, por sorte, tinha descarregado antes da queda. Tateei na relva úmida e na vegetação apodrecida antes de a encontrar. Me servindo dela como de um bordão, ergui-me lentamente, com o rosto voltado para a clareira. Na medida em que me levantava, o meu campo visual aumentava, e foi então que vi a coisa.

A princípio pareceu-me uma massa escura, uma espécie de zimbório erguendo-se acima da vegetação, uma massa indistinta na fraca claridade. Depois a Lua apareceu por um instante entre as nuvens e entrevi, no espaço de um relâmpago, uma carapaça arredondada, brilhando como metal. Confesso que senti medo. Esta clareira do Magnou está a uma boa meia hora de caminho, através do bosque, da estrada mais próxima, e depois que o velhote original que lhe deu o seu nome morreu, rara é

a semana que um homem por aí passe. Avancei silenciosamente até ao extremo do bosque e, escondendo-me atrás de um castanheiro, perscrutei a clareira. Nada se movia, nem havia nenhuma luz. Nada, a não ser aquela enorme massa, indecisa obscuridade mais densa na obscuridade do bosque.

Então, bruscamente, o vento parou. No silêncio apenas interrompido pelo quebrar de ramos secos, ao longe, no bosque - algum animal assustado -, ouvi uns gemidos, quase imperceptíveis.

Sou médico. Apesar do que se passara, não me veio a idéia de deixar de prestar socorro ao ser que gemia daquela maneira - um gemido humano e não de um animal. Empunhando a lanterna elétrica, acendi-a e projetei o facho para a minha frente. A luz refletiu na enorme carapaça metálica, de forma lenticular, da qual me aproximei com o coração batendo. Os queixumes vinham do outro lado. Dei a volta ao engenho, tropeçando nas ervas, picando-me nos espinhos, cambaleando, praguejando, flagelando as pernas, mas devorado por uma curiosidade que varreu o medo. Os gemidos tornaram-se mais distintos, e então encontrei-me perante uma porta metálica, um alçapão aberto para o interior da coisa.

A minha lâmpada iluminou uma passagem estreita, absolutamente nua, fechada por uma porta estanque de metal branco. No chão metálico jazia um homem - ou pelo menos o que de momento me pareceu um homem. Tinha uma longa cabeleira branca e pareceu-me vestir uma cota justa, de cor verde, que brilhava como seda. De um ferimento da - cabeça caía, gota a gota, um sangue escuro. Quando me debruçava sobre ele, os gemidos cessaram, estremeceu e expirou.

Penetrei então até ao fim do corredor. A porta estanque estava unida, sem solução de continuidade, mas percebi, do lado direito, na altura da mão, um trinco avermelhado, que rodei. A porta abriu-se e um jorro de luz azulada ofuscou-me. Tateando, dei dois passos em frente e senti a porta fechar-se atrás de mim.

Protegendo os olhos com a mão, abri-os lentamente e vi uma divisão hexagonal, com cerca de 5 metros de diâmetro e 2 metros de alto. As paredes estavam cobertas de estranhos aparelhos e, no centro, estirados em três poltronas, jaziam três seres, mortos ou desmaiados. Só então pude examiná-los cuidadosamente.

A primeira coisa de que tive a certeza foi de que não eram homens. A forma geral era análoga a da nossa espécie: corpo esbelto, com duas pernas e dois braços, e cabeça arredondada, assente num pescoço. Mas que grande diferença de pormenores! A estatura era mais graciosa do que a nossa, ainda que de maior talhe; as pernas muito longas e finas, bem como os braços; as mãos, grandes, possuíam sete dedos idênticos, dois dos quais, segundo mais tarde soube, são oponíveis. A fronte estreita e alta, os olhos enormes, o nariz curto, as orelhas minúsculas, a boca de finos lábios, o cabelo de um branco-platinado, davam á fisionomia um aspecto estranho. Mas o mais esquisito era a cor da pele, de um delicado verde-amêndoa, com reflexos sedosos. Como única vestimenta envergavam também uma cota de tecido verde, sob a qual se desenhava uma musculatura harmoniosa. Um dos três seres prostrados tinha uma mão ferida, donde corria um sangue verde que formava uma poça no chão.

Após uma ligeira indecisão aproximei-me do que estava mais perto da porta e toquei-lhe na face. Estava quente, resistente ao toque dos dedos. Desarrolhando o meu cantil, tentei fazê-lo beber um gole de vinho branco. A reação foi imediata. Abriu os olhos, de um verde-opalino, olhando-me durante uns segundos, e, depois, erguendo-se rapidamente, correu para um dos aparelhos da parede.

Já tinha deixado de jogar rugby há alguns anos, mas creio que nunca consegui fazer uma placagem tão rápida na minha vida. Como um relâmpago, pensei que ele

estava procurando uma arma, coisa que não o deixaria fazer. Resistiu pouco tempo, energicamente, mas sem grande força. Como deixasse de se debater, larguei-o e ajudei-o a erguer-se. Foi então que a mais extraordinária das coisas se produziu: o indivíduo olhou-me de frente e senti formarem-se em mim pensamentos que me eram estranhos.

Sabe voce que desempenhei um papel de relevo naquela polêmica que há anos opôs os médicos deste departamento com aquele charlatão que pretendia curar alienados reeducando-lhes o cérebro por transmissão de pensamento. Tinha escrito sobre esse assunto dois ou três artigos que julguei definitivos, esclarecendo de uma vez para sempre o caso e rejeitando-o para a fileira das aldrabices sem fundamento. Deve dizer-se que, agora, a minha confusão se misturava com algum despeito, e durante um ou dois segundos mandei mentalmente ao Diabo o ser que ali estava e me provara o meu erro. Ele apercebeu-se disso e qualquer coisa, como uma expressão de espanto, assomou-lhe ao rosto. Eu tentava acalmá-lo, dizendo em voz alta que as minhas intenções eram pacíficas.

Voltando a cabeça, reparou no companheiro ferido, precipitou-se para ele, teve um gesto de impotência e, dirigindo-se para mim, perguntou-me se eu poderia fazer qualquer coisa. Não articulou uma única palavra, mas eu ouvi em mim uma voz sem timbre e sem inflexão. Aproximei-me do ferido e, tirando do bolso um cordel e um lenço limpo, fiz um garrote. O sangue verde deixou de correr. Tentei então averiguar se não havia um médico na equipe. Só fui compreendido quando, no meu pensamento, substituí a palavra "médico" por "curador".

- Espero que não esteja morto - respondeu o ser de epiderme verde.

Saiu para o procurar. Regressou sozinho, mas fez-me saber que nos restantes compartimentos havia outros seus companheiros feridos. Quando eu me interrogava sobre o que havia de fazer, aquele que eu tratara veio a si, bem como os restantes, e vi-me rodeado por três estranhos que não pertenciam ao nosso mundo.

Não me ameaçaram. O primeiro explicou-lhes rapidamente o que se passara. Percebi então que quando não se olhavam de frente, ou quando estavam um pouco afastados uns dos outros, a transmissão de pensamento não se fazia; nessas ocasiões falavam. A sua linguagem é uma série de sussurros modulados e muito rápidos.

Aquele que eu tinha reanimado, e cujo nome se poderá traduzir por Souilik, foi ao corredor e trouxe o cadáver do médico de bordo.

Que estranha noite eu ali passei! Até ao raiar do dia só fiz curativos naqueles seres desconhecidos. Não contando os mortos, eram em número de dez. Entre eles havia quatro "mulheres". Como descrever a beleza dessas criaturas? A vista habituava-se rapidamente com a cor esquisita da pele para nada mais ver do que a sua graciosidade de formas e leveza dos movimentos. O mais belo atleta, junto destes seres, seria tosco; a mais linda rapariga, desajeitada. Havia mais dois braços partidos e vários ferimentos, que me pareciam originados por estilhaços de granada. Tratei-os o melhor que pude, ajudado por duas das mulheres. Enquanto o fazia tive oportunidade de saber alguma coisa da sua história, a que não me referirei, porque depois vim a conhecê-la melhor!

A aurora rompeu - uma aurora úmida. O céu estava encoberto e, pouco depois, a chuva tamborilava na carapaça arredondada do aparelho. Durante uma estiada saí e arroteei todo o aparelho. Era como que uma lentilha, liso, sem uma única vigia, construído num metal polido, sem pintura, mas ligeiramente azulado. No lado oposto da entrada abriam-se dois buracos recortados irregularmente, de cerca de 30

centímetros de diâmetro. Voltei-me ao ouvir um ligeiro ruído de passos. Souilik e dois dos seus companheiros aproximavam-se, trazendo um tubo de metal amarelo e algumas folhas de chapa metálica.

A reparação foi feita rapidamente Souilik passou o tubo de metal em torno dos dois rombos. Nenhuma chama brotou. Todavia, o metal fundiu rapidamente. Uma vez regularizados os bordos dos buracos, foi colocada sobre cada um deles uma chapa. Então o tubo amarelo voltou a ser aplicado, depois de uma modificação num regulador. A chapa aderiu na fuselagem, obturando de tal forma os rombos que me foi impossível distinguir a soldadura.

Voltei para o interior do aparelho com Souilik e penetrei na divisão situada sob a parte avariada da fuselagem. A dupla parede interior, já tinha sido consertada, mas a divisão estava ainda num estado deplorável. Devia ter sido o laboratório. No centro via-se uma larga mesa, ainda repleta de estilhaços de vidro, de filamentos emaranhados e de complicados aparelhos, na sua maior parte quebrados. Debruçado sobre eles, um ser de altura avantajada tentava restabelecer as ligações.

Souilik voltou-se para mim e senti os seus pensamentos a me invadirem.

- Por que é que os habitantes deste planeta nos atacaram? Não lhes fizemos mal; procurávamos simplesmente entrar em contacto com vocês, como já o fizemos com muitos outros mundos. Só nas Galáxias Malditas é que encontramos uma hostilidade idêntica. Dois dos nossos foram mortos e fomos obrigados a destruir o aparelho que nos assaltou. O nosso *ksil* avariou-se e aterramos neste local, brutalmente, o que também causou baixas e ferimentos. E ainda não sabemos se conseguiremos partir!

- Lamento muitíssimo tudo isso, creia-me. Mas a Terra está atualmente, em grande parte, nas mãos de duas potências rivais e qualquer aparelho desconhecido é facilmente tomado por inimigo. Onde foram atacados? A este ou a oeste desta região?

- A oeste. Mas vocês vivem ainda num período de guerras num só planeta?

- Infelizmente! Ainda há poucos anos uma dessas guerras ensanguentou quase todo o mundo.

O "homem" de alta estatura pronunciou uma breve frase., - Só nos será possível levantar vôo dentro de dois dias transmitiu-me então Souilik. - Você poderá ir embora e dirá aos habitantes deste planeta que, apesar de sermos pacíficos, possuímos meios de defesa.

- Vou-me embora, é certo. Mas creio que aqui vocês não correm nenhum risco. Entretanto, nada direi, para evitar qualquer incidente. Nesta época é muito raro passar alguém neste local. Se me permitirem, voltarei de noite.

Parti, cambaleando, sob a chuva. Chapinhando nas zonas arbustosas do bosque, com o rosto fustigado pelos arbustos molhados, pensava na minha incrível aventura. Tinha tomado uma decisão: voltaria quando fosse noite.

Encontrei o meu automóvel e dirigi-me para a aldeia. A minha velha criada deu altos gritos quando me viu: eu tinha um profundo corte no couro cabeludo, os cabelos empastados de sangue coagulado. Conteí uma vaga história do acidente, arranjei-me, fiz a minha toalete e almocei com bom apetite. O dia parecia-me terrivelmente longo, e ao crepúsculo preparei o meu automóvel. Aguardei a noite cerrada para escapar, indo por caminhos escusos.

Arrumei o automóvel dentro do bosque, pois não queria despertar a atenção deixando-o na estrada. Depois meti-me ao caminho, por entre as árvores, em direção da clareira do Magnou. Quando já estava longe da estrada acendi a lanterna elétrica, evitando assim picar-me nos espinhos. Cheguei sem novidade nas proximidades da clareira. Dela emanava uma claridade esverdeada, muito fraca,

semelhante a de um mostrador de relógio luminoso. Dei ainda alguns passos, mas tropecei numa raiz e caí, fazendo um grande ruído. Então, agitando-se, os arbustos e a vegetação rasteira inclinaram-se para mim, e quando me ergui senti uma absoluta incapacidade de avançar.

Nada havia que me desse a impressão de existir uma parede. Nada disso. Simplesmente, a partir de um certo limite, assinalado por um círculo de vegetação inclinada para o exterior, o ar parecia viscoso, e depois tomou-se rapidamente compacto, sem que, no entanto, o limite fosse discernível ou invariável. Conseguia avançar alguns centímetros, mas logo me sentia empurrado para trás, embora sem brusquidão. Não senti, de resto, nenhuma dificuldade respiratória. Tudo se passava como se de um ponto central ocupado pelo disco voador partissem feixes de ondas repulsivas. Durante dez minutos teimeei em tentar atravessar a barreira, sem que o conseguisse. Compreendendo perfeitamente o terror que o Bousquet sentiria no dia seguinte. Mas contarei isso oportunamente.

Por fim, chamei, sem elevar muito a voz. Um vivo facho luminoso, proveniente do disco voador, envolveu-me, passando através dos troncos. Simultaneamente o muro elástico pareceu ceder e avancei cerca de dois metros. Então ele endureceu novamente e logo eu fiquei imobilizado no interior, sem possibilidade de avançar ou recuar. O facho fixou-se em mim. Ofuscado, voltei o rosto, praguejando; a luz deteve-se um metro atrás de mim, e tenho a certeza de que qualquer pessoa situada no prolongamento da sua trajetória, mas a alguns centímetros para além do limite, não a teria percebido. Mais tarde, em Ella, vi outras coisas prodigiosas, mas naquela altura aquilo pareceu-me absolutamente inverossímil e contrário ao bom senso.

Senti um contacto no ombro e novamente voltei a cabeça para a clareira. Uma das "mulheres" estava junto de mim. Apesar de não ter sentido qualquer sensação de transmissão de pensamento, soube que ela se chamava Essine e que vinha me procurar. Não foi sem espanto que verifiquei que podíamos caminhar sem dificuldade. Pouco depois estava junto do disco voador.

Fui recebido cordialmente e sem nenhuma desconfiança aparente. Souilik apressou-se a transmitir-me : "Já tinha lhe prevenido de que possuíamos meios de defesa". Perguntei pelos feridos: estavam muito melhores; após toda a confusão e os imprevistos da aterragem forçada, os Hiss - já disse que era esse o nome deles? - tinham-se reorganizado rapidamente. Como complemento aos meus primeiros tratamentos - rudimentares, - devido a eu desconhecer a sua anatomia e a sua psicologia tinham aplicado o seu maravilhoso gerador de raios bióticos, do qual mais tarde falarei.

O interior do aparelho estava completamente reparado, mas vários dos múltiplos aparelhos do "laboratório" estavam ainda em estilhaças. Neles trabalhava febrilmente o homem de alta estatura, cujo nome era Aass, ajudado por dois outros e por sua mulher. No seu rosto verde notei uma expressão preocupada, precisamente semelhante a que tinha meu pai quando os cálculos não o satisfaziam. Bruscamente, voltou-se para mim e transmitiu:

- Será possível arranjar na Terra dois quilos de tungstênio? Note que ele não me transmitiu a palavra "Terra", nem "quilo" ou "tungstênio", e, no entanto, compreendi, sem erro possível, o sentido da sua pergunta.

- Isso parece-me difícil - pensei em voz alta.

- Então estamos condenados a viver neste planeta!

E ao mesmo tempo que o pensamento recebi o choque do desespero que o invadira.

- Não me fiz compreender bem - disse eu.

Um dos meus clientes, residente no Castelo da Rocha, era um antigo diretor de uma fundição e várias vezes me mostrara a sua coleção de aços especiais e metais raros. Sendo o tungstênio muito denso, era muito possível que o pequeno bloco que ele possuía pesasse dois quilos. O difícil seria convencê-lo a: desfazer-se dele Mas, na pior das hipóteses, não seria impossível, ainda que mais demorado, encontrar algures aquela porção de metal.

À medida que transmitia as minhas reflexões os rostos dos meus amigos desanuviaram-se. Prometi tratar do caso no dia seguinte e, percebendo que os perturbava no seu trabalho, voltei a partir sem nenhuma dificuldade, salvo uma lenta e potente empurradela nas costas, quando passei o círculo.

Às 9 horas fui ao Castelo da Rocha. O meu cliente estava ausente. Com o coração aos saltos, expliquei pra mulher o fim da minha visita, pretextando uma experiência importante e urgente. O bloco a que eu me referia não pesava dois quilos, mas o que estava numa das vitrinas ultrapassava esse peso Ela consentiu em me emprestar o bloco com a condição de lhe prometer que o devolveria dentro de um prazo que não ultrapassasse um mês. No final de contas, devolvi oito dias depois, como você verá, ou, melhor, devolvi um outro equivalente.

Calculando que os meus misteriosos amigos dele precisariam o mais breve possível, corri direto para a clareira do Magnou. O círculo repulsivo já não existia. Fui acolhido por Souilik, a quem entreguei o bloco. Por ter uma entrevista, ao meio-dia, com o presidente da Câmara, não pude ficar mais tempo. Ficou combinado que eu passaria o dia seguinte - o seu último dia na Terra, pensavam eles - no disco voador, pois tinham várias perguntas a fazer-me sobre o nosso planeta. Por minha parte esperava propor-lhes voltarem à Terra, mas a um local mais seguro. Pensava, nesse momento, nos planaltos dos Causses, no Saara, ou em qualquer sítio no gênero.

No decorrer do almoço distraí-me. Um dos meus empregados trouxera-me, finalmente, a almejada lebre. O presidente estava eufórico e eu tirei vantagens disso.

Cerca das 4 horas da tarde, quando nos levantávamos da mesa, bateram na porta. Não sei porque, tive um pressentimento de que um grave aborrecimento se aproximava. Era o Bousquet, um conhecido malandro, caçador furtivo, que desejava falar ao presidente.

Surpreendido por aquele imprevisto pedido (habitualmente o Bousquet evitava cuidadosamente tudo que, de perto ou de longe, se assemelhasse a autoridade), o presidente perguntou-me se podia receber o homem em minha casa.

- Isto é rápido, e depois poderemos falar demoradamente do nosso assunto.

Concordei e o Bousquet entrou. Já conhecia o malandro, de o ter tratado uma ou duas vezes, gratuitamente. Como recompensa, ensinara-me vários locais de boa caça.

Não perdeu tempo com cumprimentos:

- Sr. Presidente, há diabos na clareira do Magnou!

Creio que empalideci. Os meus "amigos" tinham sido descobertos!

- Diabos? Que história é essa? - retorquiu o presidente, homem pouco dado a superstições.

- Sim, senhor. Diabos! Vi com meus olhos!

- Ah, sim?! E com quem se parecem os teus diabos?

- Com homens. Com homens verdes. E também havia diabos!

- Vamos ver, explique-se! Como é que você os viu?

- Pois saiba o Sr. Presidente que eu andava passeando pelo bosque, não muito longe da clareira, quando ouvi um ruído de ramos quebrados Pensando que era um

porco bravo, ergui a espingarda...

- Ah! Você andava passeando com a sua espingarda? Sem licença, não é verdade?
- Eu...
- Adiante. Vamos aos diabos.
- Ergui então a minha espingarda, voltei-me e dei de cara com uma diaba.
- Veja só! e era bonita?
- Não era má... Mas tinha a pele verde. Me assustei e disparei a espingarda.

Praguejei intimamente.

- Não a atingi porque o cano estava voltado para baixo, mas ela aterrorizou-se, fez um gesto com a mão e eu caí como "Se tivesse levado uma bordoadada. Depois pôs-se a correr. Levantei-me, furioso, e comecei a persegui-la. Ela corria que nem uma lebre. Perdi-a de vista e quando cheguei a vinte metros da clareira dei com o nariz contra o muro!

- O que? Ali não tem nenhum muro! Conheço a clareira como as minhas mãos!

- Me expliquei mal, Sr. Presidente. Sei muito bem que ali não tem muros, mas era como se tivesse. Não conseguia avançar. E os arbustos estavam curvados como se soprasse um vento forte, e, no entanto, não soprava!

Pensei na minha própria experiência e compreendi o desabafo de Bousquet.

- Não podia avançar! Espreitei através das árvores e vi uma dúzia de diabos atarefados em volta de uma máquina brilhante como o fundo de uma panela. Entravam e saíam por uma porta. Reconheci a diaba, falando a um dos outros, mas eu estava muito longe para conseguir ouvir as palavras. Então todos os diabos se voltaram para mim e riram-se! Depois caiu-me em cima uma coisa, sem que eu visse o que era, e fui rolando pelo meio dos arbustos até uns bons cem metros da clareira. Foi isso que me afugentou. Corri até a estrada e depois vim aqui prevenir o senhor.

O presidente fitava-o com ar cético:

- Você tem certeza de que hoje não bebeu? Uma aguardentezinha ou rum? ..
- Não, sr. Presidente. Apenas dois litros de tinto, ao almoço, como toda a gente.
- Hum... Que pensa disto, doutor?

Eu tentava ganhar tempo e menti sem escrúpulos:

O senhor sabe que, por muito pouco que o fígado deste homem esteja avariado, dois litros bastam. Tem reputação de beber. O delírio, a maior parte das vezes, faz com que vejam elefantes cor-de-rosa mais vulgarmente do que diabos verdes... Mas nunca se sabe...

- Bem, está bem. Dentro de uma hora vá se encontrar comigo na Câmara Municipal. Tenho assuntos mais importantes a tratar do que os teus diabos.

Bousquet saiu abanando a cabeça. O presidente disse-me então:

-Evidentemente que está bêbado, se bem que não titubeie. Diabos! Veja lá isto! É um caso para o abade e não para mim!

Concordei com um assentimento de cabeça, os pensamentos distantes. Como despachar o presidente, sem o ofender, a fim de avisar os meus "amigos"?

Na verdade, não o consegui. Tive de discutir pormenorizadamente o assunto que nos dizia respeito e ele só partiu lá para as 18 horas.

Saí imediatamente e fui a Rouffignac. Numerosos grupos, dispersos, estacionavam na praça. O Bousquet tinha espalhado o caso e o tema aumentava de minuto a minuto. Já se falava de duzentos diabos a vomitar fogo. Todavia, isso não me inquietava lá muito porque ninguém queria ir verificar os fatos no local.

Depois de Rouffignac tomei a estrada que conduzia ao bosque. Um quilômetro depois fui obrigado a travar. Com a luz dos faróis vi uns doze camponeses, que reconheci como sendo os meus companheiros habituais da caça. Todos eles traziam



espingardas. Parei.

- Onde é que vocês vão? Caça ou guerra?

- Caçar o diabo, Sr. Clair!

- O quê? Vocês acreditam numa só das palavras do que disse aquele mentiroso do Bousquet? Estava com uma bebedeira quando contou a história. O presidente lhes contará o que se passou!

- Talvez sim. Mas não a Maria do Blanchard. Ela também os viu e ficou quase doida de medo. O seu colega está tratando dela.

- Ah! Ora vejam! E foi na clareira do Magnou que ela também viu os diabos?

- Sim, senhor, e nós vamos até lá. Veremos se os diabos resistem aos balaços.

- Cuidado! Vocês vão fazer asneira. Isto é um caso para polícia. E, além disso, os tais diabos não fizeram mal a ninguém.

- Então porque é que se esconderam? Talvez sejam espões russos disfarçados.

- Ou americanos - afirmou uma voz que eu reconheci como sendo a do contramestre das pedreiras de caulino.

- Então muito menos o caso diz respeito a vocês. É com a Segurança Territorial!

- Pois é! E enquanto eles não vêm nós vamos verificar! Não, nós vamos lá!

Tomei rapidamente uma decisão. Não podia pensar em explicar-lhes a verdade. Mais urgente do que isso era prevenir os Hiss.

- Bem, então também eu vou. Irei na frente!

Antes que pudessem dizer fosse o que fosse, corri. A chuva começou a cair abundantemente. Ouvi gritos atrás de mim, mas não me detive; antes, pelo contrário, acelerei.

Finalmente, cheguei na clareira. Dela dimanava uma claridade esverdeada, proveniente de uma cúpula opalescente que se erguia no local onde estava o disco. Que se passara? Afastei violentamente os arbustos e penetrei no espaço descoberto, onde a chuva caía com redobrada violência. Consegui tocar na base da cúpula e então compreendi: era a chuva a escorrer por uma superfície invisível de repulsão! Os meus "amigos" Hiss tinham arranjado um guarda-chuva pouco vulgar!

Chamei, sem ousar elevar muito a voz, com receio de atrair a atenção dos "caçadores de diabos", que, então, já deviam estar no bosque. Ao cabo de alguns minutos surgiu uma abertura em seco, perante Souilik.

- Que há de novo? - transmitiu-me.

- Vocês vão ser atacados. Os meus compatriotas julgam-nos entes malfazejos. É necessário partirem imediatamente!

- Não poderemos partir antes de raiar o dia. Mas com o nosso *essom*. nada temos a temer.

Compreendi que *essom* era a barreira repulsiva.

- Na realidade, não podem partir? - perguntei, aborrecido com todas as complicações que previa avizinham-se.

- Não. Os motores não estão completamente reparados e é muito perigoso passar para o *ahun* sem estarmos afastados do planeta.

como em todas as ocasiões em que percebia que a transmissão de ideias não era possível, ele pronunciara a palavra. - o que é o *ahun*?

Não respondeu.

Essine, a "mulher", apareceu nesse momento e transmitiu-me:

- Entre no *ksill*.

Seguimo-la. Encontrei-me novamente na presença de Aass, o Hiss de alta estatura que já vira no laboratório. Pediu-me que repetisse o que já dissera e, depois, perguntou-me:

- Quais são os meios de ataque no vosso planeta?
- São muito variados e alguns potentes (pensava na bomba atômica); mas os que vos ameaçam não são perigosos...

Fiz uma descrição mental da espingarda de caça. Aass exclamou:

- Nesse caso o perigo não é grande nem para eles nem para nós!

Lá fora ouviram-se alguns tiros e, a seguir, exclamações de desapontamento. Aass rodou um comutador. Com a luz extinta, toda uma parede da divisão pareceu desaparecer. Vi a clareira como se nela estivesse e como se fosse dia alto. A chuva tinha parado e na orla do bosque, no final da vereda, duas silhuetas humanas apontavam as espingardas. Quatro Hiss contemplavam-nos placidamente. Os tiros foram disparados e ouviu-se o mesmo côro de desapontamento: as balas tinham mais uma vez esbarrado no círculo invisível. Podiam-se ver, suspensos no ar, imóveis, formando pequenos círculos negros.

Aass sussurrou algumas palavras a Essine. Ela saiu, e pouco depois todos os Hiss estavam dentro do aparelho.

Durante toda a noite trabalharam, agindo como se eu não estivesse presente. Aliás, não procuraram esconder-me fosse o que fosse, e vi montarem alguns complicados aparelhos, dos quais não pude adivinhar nem o princípio, nem a utilidade.

## CAPÍTULO II

### A VIAGEM NO NADA

Quando uma aurora chuvosa rompeu a este, por cima do perfil negro das árvores, tudo estava pronto para a partida e os sitiados mantinham-se no bosque. De vez em quando podiam ser vistos, se movendo entre os troncos umedecidos Deviam ter passado uma noite desconfortável, sob a chuva, ansiosos. Até eu estava inquieto, muito fatigado e perplexo: se não conseguisse sair do *ksill* sem ser visto, isso significaria para mim intermináveis semanas de interrogatórios, entrevistas, aborrecimentos de toda a ordem.

Pensava em tudo isso molemente, estirado numa poltrona, na divisão onde pela primeira vez tinha visto um Hiss vivo. Aass tocou-me no ombro:

- O que se passa? Você está emitindo há muito tempo ondas de inquietação.

Expliquei-lhe o que se passava em poucas palavras.

- Não é difícil. De um momento para o outro vamos partir. Deixaremos você um pouco mais longe, noutra clareira. Agradecemos ter vindo nos prevenir e, sobretudo, ter você tratado os nossos feridos.

Ficou uns instantes sem transmitir.

Não podemos pensar em lhe levar para Ella. A lei é formal: nenhum contacto com planetas onde a guerra ainda exista. Lamento que assim seja. O seu mundo parece-me comportar, ao mesmo tempo, muito de selvageria e muito de civilização. Mais tarde, quando a humanidade de vocês se transformar, voltaremos. Talvez antes, se a ameaça dos Milsliks aumentar o suficiente para chegar a abolir a lei. A não ser que daqui até lá a humanidade daqui se tenha destruído a si própria, como as dos planetas Aour e Gen, do sol Ep-Han. Que nome dão vocês a este planeta?

- Terra - respondi -, pelo menos no meu país. Noutras paragens tem outros nomes, de acordo com a língua.

- Tserr - repetiu ele em voz alta. - É curioso. Na nossa língua essa palavra significa "violência", mas, também, "força". Venha comigo.

Me conduziu até a secção dos aparelhos mais complicados. Nela estavam Souilik, Essine e uma outra "mulher".

- Vamos partir. Mas antes disso convém afastar os seus compatriotas. É muito perigoso estar próximo de um *ksill* que vai decolar.

Souilik manobrou algumas delicadas alavancas. Essine apagou a luz e a clareira surgiu desenhada na parede. Os camponeses continuavam teimosamente de

sentinela atrás das árvores. Aass emitiu o curto assobio entrecortado que é o modo de rir dos Hiss.

- Repare bem - transmitiu-me ele.

Atrás de um nodoso tronco, tão nitidamente visível como se eu estivesse a três passos, apareciam uma aba de chapéu, um cano de espingarda e uns bigodes eriçados: o Tio Carrêre! Subitamente saltou de trás da árvore, com a cabeça para os pés, rolando entre o tojo e os arbustos, a espingarda pelo ar, gesticulando, vociferando maravilhosas pragas, em bom calão, que os aparelhos de escuta retransmitiram fielmente. Desapareceu atrás de uns castanheiros. A direita e a esquerda os seus companheiros tiveram a mesma sorte.

Aass deu uma ordem.

- Estão suficientemente longe. Vamos partir.

Não ouvi qualquer ruído, não senti a mínima vibração.

E, coisa que muito me surpreendeu, não notei a mínima sensação de aceleração. O chão desapareceu rapidamente sob nós. Ainda vi a clareira com as marcas do *ksill*, assinaladas pelos arbustos partidos. Já estávamos longe.

- Há uma outra clareira a este, a pouca distância disse eu. - Poderão deixar-me lá.

Na ocasião em que os Hiss iam desaparecer da minha vida para sempre senti-me cheio de uma curiosidade intensa, devorado por um desejo de partir com eles, tremendo de raiva por um conjunto de circunstâncias estúpidas não me ter permitido saber mais coisas a seu respeito. Entretanto já se avistava a outra clareira, menor do que a do Magnou, mas bastante larga para uma aterragem. Descíamos com bastante velocidade.

Por acaso olhei nesse momento para o céu, através do écran, À nossa esquerda aproximavam-se, a grande velocidade, três pontos negros. Rapidamente compreendi o que se tratava: eram três dos novos caças a jato, da base de Périgueux, capazes de uma velocidade superior a 2.000 quilômetros por hora.

- Atenção!... Perigo!... gritei, sem pensar que os Hiss não compreendiam a nossa palavra articulada.

Aass também os vira, pelo que, em vez de continuarmos a descer, subimos. Os caças lançaram-se em nossa perseguição Um deles ultrapassou-nos, e tão próximo que vi perfeitamente o piloto

No posto de comando Souilik manobrou febrilmente um conjunto de instrumentos. Deixamos os caças longe, atrás de nós - pequenos pontos negros diminuindo, progressivamente, de amplitude, cada vez mais distantes. A superfície visível da Terra crescia, de momento a momento, até poder abrangê-la com um só olhar. O céu passou de azul a índigo e, depois, a negro. As estrelas tornaram-se visíveis. Compreendi que deixávamos a atmosfera terrestre!

Uma meia hora depois da nossa partida a Terra era totalmente visível: uma enorme bola esverdeada, cheia de manchas brancas. Eu era o primeiro homem que escapava da atração terrestre!

Ficamos imóveis no Espaço enquanto durou o "conselho de guerra" que se reuniu na minha presença. Os meus companheiros nada fizeram para esconder a discussão que se desenrolava. Antes pelo contrário: Essine não deixou de me transmitir os pontos mais importantes. Resumindo: Aass opinava que se esperasse que anoitecesse para me desembarcarem; Souilik, ao invés, apoiado por Essine e por dois outros Hiss, pretendia levar-me para o planeta Ella. Parecia que o seu principal argumento era ser eu um representante do "planeta humano" mais distante que eles conheciam; por outro lado, que a regra de não estabelecer relações com os mundos

onde a guerra ainda reinava só dizia respeito aos planetas galáxicos e não aos extragaláxicos. Dava-se o caso, acrescentou ele, de a nossa humanidade não ter a menor noção do "caminho do *ahun*", e, portanto, Ela não corria perigo algum. Em qualquer altura eu podia regressar. E mais ainda: quem poderia negligenciar o menor apoio que fosse quando a ameaça dos Milsliks estava a menos de um milhão de anos-luz? Quem podia, sobretudo, insistiu ele, negligenciar o apoio de uma humanidade de sangue vermelho?

Finalmente Aass voltou-se para mim e disse.

- Se você quiser poderemos lhe levar para o nosso planeta, desde que você possa ingerir os nossos alimentos, porque a viagem é longa. Vai comer conosco. Se tudo correr bem, partiremos para Ela e lhe traremos de volta mais tarde.

E foi assim que comi o meu primeiro repasto extraterreno, refeição que depressa seria seguida de muitas outras. O "disco" - ou, como direi a partir de agora, o *ksill* - conservava-se imóvel, a 25.000 quilômetros da Terra.

Os Hiss, salvo no caso de banquetes solenes, tomam as refeições de pé. Comemos na própria divisão onde estávamos. Os alimentos compunham-se de uma geleia rosada, de ótimo paladar, e biscoitos, que pareciam feitos com uma farinha de cereal, regados por um líquido que lembrava o hidromel. Os pratos e os talheres eram de uma matéria transparente, de azul muito lindo, inquebrável, segundo observei ao deixar cair o meu prato. Com grande alívio, verifiquei que ficara rapidamente satisfeito e digerira perfeitamente os alimentos.

Passei a tarde a olhar para a Terra, esta Terra que ia deixar para ir não sei para onde. De noite, após uma refeição idêntica, indicaram-me uma cama baixa. Apesar da minha excitação mental, a fadiga adormeceu-me.

Quando acordei estava sozinho na divisão. Ao lado ouvia um ruído contínuo. Me levantei, abri a porta e encontrei Aass. - Ia lhe acordar - transmitiu ele - Vocês, terrestres, dormem muito.

Me conduziu para o laboratório.

- Antes de prosseguir, já é tempo, creio eu, de lhe dar uma idéia das subdivisões do nosso *ksill*. São mais ou menos invariáveis Os *ksills* têm uma forma exterior de lentilha, cujo diâmetro varia de 15 a 150 metros, indo a espessura de 2 a 18 metros. Num *ksill* de envergadura média, como aquele onde eu estava, e que media 30 por 3,5 metros, o centro era ocupado pelo posto de comando, ou *séall*, divisão hexagonal com cerca de 5 metros de lado. Em volta havia outras seis divisões, com as mesmas dimensões: dormitório, casa dos motores (havia três), etc. Ao redor destas divisões, e diminuindo progressivamente de altura para a periferia, estavam alojados os armazéns de víveres, os acumuladores de energia, os reservatórios de ar, etc. A equipagem normal de um *ksill* deste tipo é de doze pessoas.

No laboratório estavam reunidos - sem contar Aass - os nove sobreviventes, que assim vi todos juntos pela primeira vez. Eram cinco homens e quatro mulheres. Contrariamente ao que acontece habitualmente quando se entra em contacto com uma raça diferente, não tive nenhuma dificuldade em distinguir os indivíduos uns dos outros. Aass era o mais avantajado, mais alto alguns centímetros do que eu. Os outros eram nitidamente mais baixos. Nenhuma das mulheres atingia 1,65 m. Já tinha contacto com dois deles, além de Aass: Souilik e Essine.

Aass fez as apresentações. Segundo o que percebi, era físico, ou, tal como me transmitiu, "estudava as forças". Além disso, chefiava a expedição. Souilik era o capitão e comandava o *ksill*.

Dois outros eram "marinheiros", se assim me posso exprimir. Os dois restantes estudavam os planetas, o que, traduzido, queria dizer astrônomos. Como já lhe

disse, o médico morreria na brutal aterragem de emergência. O outro morto, especialista de astronomia estelar, perecera atingido pelos foguetões do avião americano. Das quatro mulheres, duas eram botânicas, uma psicóloga e Essine ocupava-se de antropologia comparada.

Me perguntaram em que eu trabalhava na Terra. Respondi que tinha feito estudos de medicina mas que, atualmente, "estudava a vida". Pareceram ficar muito satisfeitos com esta resposta.

Iniciaram depois uma viva discussão oral que não julgaram útil traduzirem para mim. No final dispersaram-se e fiquei sozinho no laboratório com Aass e Souilik. Aass pediu-me que me sentasse e depois transmitiu-me:

- Decidimos levar você para o nosso planeta. Não me pergunte a que distância está da Terra. Nada poderei lhe dizer. Em breve compreenderá porquê. O mundo de vocês está no mesmo universo que o nosso - o mesmo universo no sentido lato do termo -, porque, se assim não fosse, não nos teria sido possível o nosso encontro. Vamos iniciar a viagem de regresso. Quando chegarmos a Ella os Sábios decidirão qual a sua sorte. Na pior das hipóteses, farão você regressar para a Terra.

Somente há duzentos e quarenta *émis* que exploramos o "Grande Espaço" (um *émis* corresponde a dois anos e meio terrestres). Já conhecemos centenas de mundos onde vivem humanidades mais ou menos semelhantes a da Terra, mas é a primeira vez que encontramos um planeta onde o sangue dos homens é vermelho. Você constitui, portanto, material de estudo e é só por essa razão que lhe levaremos para Ella, apesar da lei de exclusão.

Agora, que já estamos suficientemente afastados da Tserr, vamos passar para o *ahun*. Não se assuste com nada, mas não toque em nenhum aparelho Segundo o que verificamos no aparelho que nos atacou, vocês ainda usam motores químicos. Por isso não poderá compreender os nossos.

- Também temos motores físicos - disse eu. - Mas o que é o *ahun*?

- É o "Não-Espaço", que rodeia o Espaço e o separa dos universos negativos. É, também, o "Não-Tempo". No *ahun* não existem distâncias nem tempo. Eis a razão por que não posso lhe dizer a que distância se encontra Ella da Terra, embora saibamos que está a mais de um milhão de anos-luz.

- Mas ainda há pouco me dizia que a Terra é o planeta mais longínquo que vocês conhecem!

Aass contraiu os lábios, o que nele, segundo mais tarde soube, era um indício de perplexidade.

- Como fazer você compreender? Para ser franco, nem nós próprios compreendemos. Utilizamos, simplesmente. Sabe que o Espaço e o Tempo estão ligados?

- Sim, um nosso genial físico descobriu isso ainda há bem pouco tempo.

- Bem, o Espaço-Tempo, o universo, vagueia no *ahun*. O Espaço está dobrado sobre si próprio, mas o Tempo é aberto: o passado não volta. Nada pode existir no *ahun*, onde o Espaço também não existe. Imagina que deslocamos uma pequena quantidade de Espaço que vai se alojar no interior do *ksill*. Nós nos encontraremos encerrados neste Espaço, no *ahun*, ao lado (se estas palavras têm um sentido) do Grande Espaço do universo, mas sem nos confundirmos com ele Vamos derivar em relação a ele Ao fim de um dado tempo - tempo do nosso *ksill* - faremos a manobra inversa e nos encontraremos no Espaço-Tempo do universo, num ponto que, segundo a experiência o demonstrou, estará distante alguns milhões de quilômetros de Ella. Nessa altura, para empreender o regresso, vamos passar no lado exterior do Espaço-Tempo. Da outra vez percorrêramos o lado interno. É possível que,

simultaneamente com a viagem de uns bilhões de quilômetros no Espaço, haja uma outra viagem no Tempo. Mas isso não poderei garantir, dado que a física do *ahun* é ainda muito recente. Talvez que nós, os Hiss, ainda não existamos em relação ao vosso planeta E talvez que já tivéssemos desaparecido há milênios, o que não creio, devido aos Milsliks: se prosseguirem, não levarão milênios a atingir vocês, por mais longe que estejam. De fato, nós somos, em relação a vocês, como vocês o são em relação a nós, os Seres de Parte Alguma e do Tempo Nulo. Todavia, existimos no Espaço-Tempo, mas ninguém poderá jamais dizer que são as distâncias e o tempo que devemos cruzar para nos encontrarmos, pois que para o fazer é necessário passar para o *ahun* o Não-Espaço e o Não-Tempo. Compreende?

- Não muito bem. Só um dos nossos físicos o perceberia.

- O perigo são os universos negativos que nos rodeiam. A teoria demonstra que qualquer universo positivo deve estar rodeado de dois universos negativos. Se nos afastamos muito do nosso universo, corremos o risco de encontrar um deles: a nossa matéria desapareceria numa prodigiosa fogueira de luz. É o que deve ter acontecido a alguns *ksills*, no início da experiência, que nunca mais regressaram. Depois aprendemos a controlar melhor a nossa passagem no *ahun*. Agora tenho de ir dirigir a manobra. Quer vir?

Passamos para o *séall*, a sala de direção. Souilik, debruçado sobre o quadro de comandos, estava ocupado em minuciosas manobras. Aass indicou-me um assento, dizendo:

- Aconteça o que acontecer, fique calado!

Iniciou, com Souilik, uma longa litania que me fez lembrar a check-list dos pilotos dos bombardeiros pesados. Após cada resposta Souilik puxava um manipulo, rodava um botão, baixava uma alavanca. Quando a manobra terminou Aass voltou-se para mim e arvorou um dos seus singulares sorrisos.

- Ahêsch! - gritou.

Durante dez segundos nada aconteceu. Eu aguardava, angustiado. Então o *ksill* estremeceu violentamente e tive de me agarrar aos braços da cadeira para não cair. Começou a ouvir-se um ruído surdo. Foi tudo. O silêncio voltou, o chão deixou de estremecer. Aass ergueu-se:

- Agora vamos esperar cento e um *basikes*.

Pedi que me explicasse o que era um *basike*. É a unidade de tempo deles, medida em minúsculos relógios. Um *basike* equivale a uma hora, onze minutos e dezenove segundos.

Não insistirei nesta espera de cento e um *basikes*. A vida no *ksill* é tão monótona como num dos nossos submarinos. Não havia nenhuma manobra a fazer. Os Hiss, com exceção de um guarda no *séall*, distraíam-se com um jogo que lembrava muito vagamente o das "damas", ou liam em volumosos livros impressos a azul numa matéria esquisita, ou, então, conversavam. Percebi rapidamente que, com exceção de Aass, Souilik e Essine, os outros não me respondiam quando tentava entrar em comunicação com eles Limitavam-se a sorrir-me e prosseguiam.

Aass ficou a maior parte do tempo fechado no laboratório. Souilik e Essine, pelo contrário, mostravam-se afáveis, faziam-me múltiplas perguntas sobre a Terra, a forma como os homens vivem, a história da humanidade. Iludiam habilmente as perguntas que eu lhes fazia, dando respostas evasivas, adiando sempre para outra ocasião os dados precisos. Apesar disso, sentia-os muito parecidos conosco.

Cansado de instruir os Hiss sobre a Terra sem receber informações em troca, fui procurar Aass, a quem expus a situação. Olhou-me demoradamente e depois respondeu:

- Agem assim por ordem minha. Se os Sábios aceitarem a sua permanência em Ella, você terá muito tempo para aprender o que deseja. Entretanto, preferimos que não saiba muitas coisas sobre nós.

- Você acha que me mandarão embora? Não vejo que perigo possa representar a minha presença no planeta de vocês,

Mal pronunciara estas palavras, empalideci. Sim, havia perigo! E não só para eles! Para mim, sobretudo. Na minha qualidade de médico já devia ter pensado nisso: os micróbios! Devia levar comigo milhões de germes aos quais o meu organismo estava adaptado, protegido por uma lenta auto-vacinação, mas que poderiam ser mortais para os Hiss. E eles decerto que eram portadores de germes mortais para mim.

Alarmado, transmiti as minhas reflexões a Aass, que sorriu. - Já há muito tempo que esse problema se levantara para nós. Para ser preciso, foi na época em que a nossa humanidade abandonou o nosso planeta natal, Ella-Ven, da estrela Oriabor, para colonizar Ella-Tan, da estrela Ialthar. Já não existe no seu corpo qualquer germe. E durante o seu primeiro sono a bordo, após a partida, submetemos você ao *hassrn*.

- O que é o *hassrn*?

- Você saberá mais tarde. Tiramos um pouco do seu sangue de maneira a podermos lhe re-imunizar, se você voltar de novo para a Terra. Quanto a nós, nada pode acontecer, pois de dois em dois dias somos submetidos aos raios do *hassrn* quando estamos num outro planeta, E, a propósito do sangue, que tiramos, me diga: todos os seres da Terra têm tanto ferro no sangue como você?

- Sim, exceto alguns invertebrados, cujo pigmento respiratório é na base do cobre.

- Então vocês são aparentados com os Milsliks!

- Quem são os Milsliks, de que estão sempre falando?

- Você saberá em breve. E o seu planeta também o saberá!...

E Aass acenou a cabeça, como sempre fazia quando dava uma conversa por terminada.

As horas - os *basikes* - passaram. Aass veio me procurar, para me levar ao *séall*, quando íamos passar novamente para o "Grande Espaço". Fizeram as mesmas manobras. Souilik pôs a funcionar o écran de visão: estávamos no vácuo, rodeados de estrelas uma estava nitidamente mais próxima de nós do que as outras. O diâmetro aparente era aproximadamente a terça parte do da Lua. Aass apontou para ela, dizendo:

- Ialthar, o nosso sol. Dentro de alguns *basikes* estaremos em Ella.

Foram longos esses *Basikes*! Fascinado, via crescer a estrela para onde nos dirigíamos. Ligeiramente azulada, logo me impressionou. Voltei depois a minha atenção para os planetas que giravam em sua volta. Souilik ensinou-me a manejar um periscópio, que, na realidade, era um potente telescópio. Em volta de Ialthar rodavam doze planetas Chamam-se, respectivamente, do mais distante ao mais próximo, Aphen, Sétor, Sigon, Héran, Tan, Sophir, Réssan, Marte - sim, Marte, uma curiosa coincidência -, Ella, Song, Eiklé e Roni. Sigon e Tan têm anéis como o nosso Saturno. O maior é Héran e os menores Aphen e Roni. Marte e Ella são das mesmas dimensões, um pouco maiores do que a Terra. Réssan, menor ainda, é habitado, bem como Marte e, evidentemente, Ella. Na maior parte dos outros planetas os Hiss possuem colônias industriais ou científicas, por vezes mantidas em condições difíceis. Quase todos os planetas têm satélites, repartidos segundo uma curiosa lei numérica. Roni e Eiklé não têm nenhum; Song tem um; Ella, dois (Ari e Arzi) ; Marte, três (Sen, San e Sun ) ; Réssan, quatro (Atua, Atéa, Asua e Aséa); Sophir, cinco; Tan, seis.



Depois os números decrescem novamente, até Sétor, que tem três, e Aphen, que não tem nenhum. Um dos satélites de Héran, um mundo enorme, maior do que Júpiter, tem as dimensões da Terra. Aphen está a onze bilhões de quilômetros de Ialthar ! Note que todas estas informações só as obtive mais tarde.

Estávamos no Espaço, entre a órbita de Sophir e a de Réssan. Passamos perto deste último o suficiente para conseguir distinguir nitidamente, através do telescópio, uma cordilheira rodeada de nuvens. Em contrapartida, Marte estava muito longe, do outro lado de Ialthar. Finalmente, Ella deixou de ser um ponto perdido no céu para se tornar uma pequena esfera que aumentava de minuto para minuto.

## SEGUNDA PARTE: **UM MUNDO FANTÁSTICO**

### CAPÍTULO I

#### **O PLANETA ELLA**

Com grande tristeza minha, aterramos de noite. Quando penetramos na atmosfera de Ella o meu relógio marcava 7 horas e 20 minutos (ignorei sempre se da manhã ou da noite, na Terra). O céu estava encoberto de tal forma que pouco pude distinguir do planeta antes de penetrarmos na zona obscura: apenas, entre as nuvens, grandes superfícies brilhantes, provavelmente mares. Aterramos sem nenhum ruído ou oscilação. O *ksill* pousou no centro de uma superfície nua, obscura. Apenas algumas luzes brilhavam ao longe.

- Ninguém nos espera? - perguntei ingenuamente a Souilik.  
- Esperar porque? Quem pode saber quando um *ksill* chega? Há centenas deles que exploram o Espaço! Esperá-los para quê? Anunciei a nossa chegada aos Sábios. Amanhã você comparecerá perante eles Venha comigo.

Saímos. A obscuridade era total. Souilik acendeu uma pequena lâmpada, fixada na testa por uma placa, e partimos. Antes de darmos cem passos a lâmpada iluminou uma construção baixa e branca, sem nenhuma abertura visível. Contornamo-la. Sem que Souilik tivesse feito um gesto, abriu-se diante de nós uma porta e penetrei então num pequeno corredor, de um branco imaculado, Ao fundo, na direita e na esquerda, abriam-se portas sem batentes. Souilik apontou-me a da esquerda.

- Você vai dormir ali.

A divisão estava fracamente iluminada por uma doce luz azul. Havia um leito muito baixo, ligeiramente côncavo, sem cobertores. Ao lado, numa pequena mesa, alguns aparelhos complicados. Souilik apontou-me um:

- O-que-faz-sono - disse. - Se não conseguir dormir, aperte este botão. Dado que assimila os nossos alimentos, também o aparelho deve poder agir sobre você.

Ele me deixou. Fiquei um momento sentado no leito. Tinha a impressão de estar na Terra, em qualquer país muito civilizado, mas não num planeta desconhecido, sei lá a quantos bilhões de quilômetros! Sobre a coberta branca do leito encontrei uma espécie de vestimenta para dormir, um pijama de uma única peça, de um tecido

muito leve, que vesti. Me deitei. A cama era elástica, na medida, adaptando-se ao corpo, sem ser demasiado mole. A leve coberta era quente, tão quente que, estando a temperatura tão doce, não tardei a afastá-la. Me agitei durante algum tempo, sem conseguir dormir, e me lembrei, então, do que me dissera Souilik: apertei o botão indicado. Só tive tempo de ouvir um ligeiro zumbido.

Acordei muito lentamente, emergindo de um sonho estranho, onde falara com homens que tinham o rosto verde. Onde estava eu? Pensei, por um momento, estar na Escandinávia, onde realmente já fora em viagem. Todavia, recordava-me muito bem de ter regressado. Em todo o caso, não estava em minha casa e na minha cama, que é horivelmente dura. Céus! Estava em Ella!

Me ergui de um salto e apertei o interruptor da luz.

A parede na minha frente tornou-se transparente. Uma pradaria amarela estendia-se até ao horizonte, junto a umas montanhas azuladas. Do lado esquerdo a lentilha do *ksill* era uma mancha escura pousada na erva amarela. O céu era de um curioso azul-claro e, no alto, flutuavam algumas nuvens brancas. Ainda devia ser muito cedo.

Com um ligeiro ruído, uma mesa baixa, montada sobre rodas, entrou no quarto. Movia-se lentamente e veio parar junto ao leito. Do interior surgiram, lentamente, uma taça cheia de um líquido amarelo-ouro e um prato com uma geleia rosada. Segundo as aparências, os Hiss tinham o hábito de tomar o café matinal na cama!... Comi e bebi com muito apetite todos os alimentos, que tinham um gosto agradável, ainda que indefinível. Logo que terminei, o autômato retirou-se.

Me vesti e saí. A porta que dava para o exterior estava aberta, como aliás todas as portas do edifício. Este era pequeno e eu pensei que não haveria outras divisões a não ser as três que comunicavam com o corredor. Soube mais tarde que todas as casas dos Hiss tinham dois ou três andares subterrâneos.

Cá fora o ar era fresco, sem ser frio, e o sol - nunca pude designá-lo por Ialthar - estava ainda baixo. Não se via ninguém. A pouca distância avistei três construções, tão simples como a casa de Souilik. Lá longe, para o nascente, havia muitas outras disseminadas. Do lado das montanhas a planície era nua até ao horizonte, a oeste. A este, norte e sul, pelo contrário, erguiam-se alguns bosques. Me dirigi, despreocupado, para um deles. As árvores erguiam para o céu um tronco esguio e longo, estriado a rosa e verde. As folhas tinham o mesmo amarelo-escuro da erva. Pude distinguir três perfumes diferentes.

Havia em tudo uma calma maravilhosa. Aquilo que torna insuportável a nossa civilização - os ruídos, os odores nauseabundos, a caótica confusão das cidades - parecia banido deste mundo. Reinava uma imensa e dulcificante paz. Me lembrei da Utopia que Wells descreve em *Men like Gods*.

Regressei lentamente pra casa. Parecia deserta. No quarto fronteiro ao meu encontrei uma poltrona baixa, muito leve, que levei para defronte da porta, onde me sentei, esperando. Dez minutos depois vi caminhar próximo de um bosque uma elegante silhueta, Era uma rapariga, ou uma jovem mulher, deste novo mundo. Passou junto a mim, com o caminhar dançante dos Hiss, me olhando com curiosidade, mas sem surpresa. Parecia ter a pele de um verde mais pálido do que o dos meus companheiros de viagem. Sorri para ela, que me respondeu com um pequeno gesto e seguiu o seu caminho.

Finalmente, Souilik chegou. Apareceu por trás de mim, arvorou um sorriso hiss e disse:

- Dentro de pouco tempo você comparecerá perante os Sábios. Enquanto isto, vamos visitar a casa.

Além do quarto onde eu dormira e do outro onde encontrara a poltrona, o rés-do-

chão comportava uma terceira divisão, onde havia os ascensores que conduziam até a parte subterrânea. Souilik desculpou-se da pequenez das suas instalações, próprias de um oficial celibatário. Só havia dois andares. No primeiro estavam instalados dois quartos e um gabinete, sendo este uma divisão circular com as paredes repletas de estantes de livros, tendo no centro uma mesa coberta de delicados aparelhos. O segundo andar compreendia uma dispensa, uma "cozinha" e um magnífico quarto de banho. É a única divisão dos Hiss onde se pode encontrar um espelho. Quando me vi nele refletido recuei: tinha uma barba de oito dias, medonha. Perguntei a Souilik se havia qualquer coisa em Ella parecido com uma máquina de barbear.

- Não. Nenhum Hiss tem pelos no rosto. Em Réssan, onde residem os representantes das humanidades estrangeiras, alguns dos quais são barbados, é possível que haja. Mas me explique o que é uma "máquina de barbear" que eu mandarei fazer uma. De qualquer forma, os Sábios querem lhe ver tal como você está agora.

Protestei:

- Não, não quero parecer um selvagem! Represento o meu planeta!

Souilik sorriu:

- Você é o representante do 862<sup>o</sup> planeta humano que nós conhecemos. Os Sábios já viram outros mais medonhos do que você!

Apesar desta afirmação, aproveitei a sala de banho para cuidar da toalete. As instalações, ultra-aperfeiçoadas, não diferiam muito, no entanto, das similares terrestres.

Quando subi ao rés-do-chão Soirilik estava pronto para partir. Ao sairmos de casa me dirigi para o *ksill*. Porém, Souilik, que era naturalmente alegre, deu uma gargalhada, isto é, emitiu um assobio entre cortado que é o riso dos Hiss.

- Não, não vamos no *ksill*! Não somos personagens bastante importantes para consumirmos *kse-ilto* numa pequena viagem de umas centenas de *brunns*. Me acompanhe!

Nos fundos da casa inclinou-se e puxou por uma alavanca fixada no solo. A terra abriu-se e pelo alçapão apareceu uma miniatura de avião, sem hélice nem orifícios de reatores visíveis. As asas, muito finas, tinham cerca de 4 metros de envergadura. A fuselagem, curta e arredondada, não ultrapassava os 2,5 metros de comprimento. Não havia rodas, mas sim dois longos deslizadores, curvos na frente.

- Isto é um *réob* - disse Souilik. - Espero que dentro em breve você tenha um.

No interior havia dois assentos baixos, um atrás do outro. Evidentemente que me instalei no da retaguarda, deixando o de pilotagem a Souilik. Levantamos vôo rapidamente, deslizando apenas vinte metros pela relva. O *réob* era silencioso e parecia muito manejável e seguro. Subimos velozmente para uma altitude considerável e rumamos para o oeste, em direção das montanhas. Segundo o que calculei, pela experiência que já tinha de aviões, devíamos voar a cerca de 600 quilômetros a hora. Mais tarde eu próprio pilotei um *réob* muitas vezes, pelo que posso afirmar que se atingem facilmente velocidades supersônicas.

Como você deve imaginar, olhava avidamente a terra que desfilava debaixo de nós. Estávamos a uma altitude que não me permitia distinguir muitos pormenores. No entanto, uma coisa logo me chamou a atenção: não havia cidades. Tal fato me surpreendeu e manifestei esta surpresa a Souilik.

- Em Ella é proibido construir mais de três casas num raio de quinhentos passos.

- Qual é então a população de Ella?

- Setecentos milhões. Mas para lhe falar, sou obrigado a me voltar, pois você não compreende a palavra articulada. E eu tenho de olhar para onde nos dirigimos.

Deixei, por isso, de fazer perguntas. Sobrevoamos uma floresta amarelada e vi alguns ribeiros, que desaguavam num rio, o qual desembocava num mar. A cadeia de montanhas formava como que uma gigantesca ilha. Começamos a cruzar com outros aviões, uns pequenos como o nosso, outros enormes. Contornamos os picos das montanhas, sobre o mar, e, a seguir, descemos rapidamente Souilik voltou-se e transmitiu-me:

- A esquerda, entre aqueles dois picos, é a Casa dos Sábios. Entre os dois cumes, o vale, que descia até uma longa praia branca, tinha sido fechado por um muro gigantesco, onde fora construído um imenso terraço. Neste, entre árvores amarelas, violetas ou verdes, erguiam-se longas construções baixas, de cor branca: Ao fundo um segundo muro servia de base a um terraço superior, menor, e ocupado, na maior parte, por uma construção, de uma admirável elegância, que lembrava um pouco o Pártenon.

Aterramos no terraço mais baixo, junto a um pequeno bosque de árvores verdes, que, neste mundo estranho, me pareceram fraternais.

Através de uma escadaria monumental, nos dirigimos para o outro terraço. Souilik disse-me ser a Escadaria das Humanidades. Tinha cento e onze degraus. Dos lados, ao nível de cada degrau, erguiam-se estátuas de ouro. Figuravam seres mais ou menos humanos em filas de três ou quatro, segundo os casos, dando-se as mãos; isto até ao cimo da escada, onde havia uma outra estátua, esta de metal verde, que figurava um Hiss com os braços estendidos, num gesto de acolhimento. Havia seres estranhos representados nestas estátuas, alguns de meter medo. Vi rostos sem nariz, outros sem orelhas. outros com três, quatro ou seis olhos; seres de seis membros, alguns de uma extraordinária beleza, outros inconcebivelmente medonhos, contorcidos, peludos. Mas todos eles lembravam, de uma maneira ou de outra, a nossa espécie, mesmo que fosse só pelo porte da cabeça e pela posição vertical. À medida que subíamos a escadaria, examinava-os, tornado de um vago mal-estar ao pensar que estas criações não eram fantasia de um artista, mas sim a representação, tão exata quanto possível, dos oitocentos e sessenta e um tipos de humanidades que os Hiss conheciam. Os últimos degraus ainda estavam vazios. Souilik me apontou um. em frente do estranho cortejo:

- Aqui ficará você, representando a humanidade da Terra.

Como foi o primeiro a chegar a Ella, você será o modelo Não sei de que lado será colocado. Em princípio, será a direita, juntamente com as raças que ainda não desistiram das guerras planetárias.

Na esquerda, no último degrau ocupado, em frente de um gigante maciço, de olhos pedunculados e crânio calvo, erguia-se uma esbelta figura, que me pareceu perfeitamente humana até ao momento de reparar que as suas mãos só possuíam quatro dedos.

(Neste momento não pude deixar de olhar para Ulna... Clair sorriu, prosseguindo).

Passando ao lado da estátua do Hiss, chegamos ao segundo terraço. Nesse momento voltei-me, olhando a paisagem. O terraço inferior, por um efeito de perspectiva, parecia sobranceiro ao mar azul, agitado por pequenas vagas de crista branca. O nosso *réob*, ao lado do bosque, parecia minúsculo. Outros aviões tinham aterrado e vários Hiss dirigiam-se para a escadaria. Olhei novamente para a estátua:

- Quem são aqueles?

- Vieram de quase tão longe como você. Além de nós, são os únicos que sabem passar pelo *ahun*. Vieram pelos seus próprios meios. Não os descobrimos, mas sim eles que nos descobriram. Assemelham-se muito a vocês, Terrenos. Mas até agora

somente os Sábios os viram de perto. Por isso não posso lhe dar mais pormenores sobre eles. Só os Sábios, se o desejarem fazer.

- Os Sábios são o governo de Ella?

- Não, estão acima do governo. São os que sabem e os que podem.

- São muito idosos?

- Alguns. Outros são novos. Tal como você, vou vê-los pela primeira vez. Devo essa honra ao fato de lhe ter trazido; embora contra a vontade de Aass.

- E Aass? Qual é a situação dele?

- Mais tarde será provavelmente um Sábio. Mas vamos, que o momento chegou!

Continuamos a andar até ao pseudo-Pártenon. Visto de perto revelava-se muito maior do que eu julgara. Passamos através de uma porta metálica, monumental. Souilik parou durante alguns instantes com guardas, armados de pequenas varas de metal branco.

Seguimos por um corredor em cujas paredes havia afrescos representando paisagens de diversos planetas estranhos. Ao fundo havia uma pequena porta de madeira castanha, por onde entramos para uma pequena sala. Esperamos até que um outro Hiss nos fez sinal para o seguirmos.

A sala onde penetramos depois lembrava, pela sua disposição, um anfiteatro. Cerca de quarenta Hiss estavam sentados em sua volta e três outros num estrado. Alguns eram visivelmente idosos. Tinham a pele verde descolorida, os cabelos brancos e ralos, mas nenhuma ruga lhes sulcava o rosto.

Mandaram que eu me sentasse numa das cadeiras do anfiteatro. Ocorreu, então, um pequeno incidente, sem importância, mas que, nessa altura, me vexou consideravelmente. Involuntariamente, apertei um botão colocado no braço direito do assento, e este, abrindo-se, transformou-se numa cama, fazendo-me dar uma cambalhota para trás. Os Hiss são um povo muito alegre e trocista por natureza. O fato causou, por isso, numerosos risos. Soube depois que neste anfiteatro o teto serve de écran e que as cadeiras são construídas de maneira a permitirem que se acompanhe sem esforço a projeção.

Voltado para os três Hiss do estrado, Souilik fez o seu relatório em linguagem articulada. Assim, nada pude compreender. Fui surpreendido pelo fato de, embora, evidentemente, cheio de respeito pela assembleia, Souilik não ter feito nenhum gesto convencional de cortesia.

Logo que ele terminou, o que estava sentado ao centro, cujo nome era Azzlem, voltou-se para mim e senti o seu pensamento entrar em comunicação com o meu, sem nenhum dos tateamentos que, por vezes, tornavam difíceis as minhas "conversas" com Souilik.

- Já sei, por intermédio de Aass, de que planeta inconcebivelmente longínquo você vem. Sei, também, que a guerra ainda existe no seu mundo. Portanto, você não deveria estar aqui. Mas, com os serviços prestados aos nossos, após o aparelho deles ter sido atacado pelos engenhos volantes da Terra, Souilik e Aass resolveram lhe trazer e nós aprovamos tal medida. De momento você não irá para Réssan, onde vivem os estrangeiros. Se não vir nisso inconveniente ficará alojado na casa de Souilik, e todos os dias virá aqui conversar sobre a Terra com os nossos Sábios. Aass disse-me que você é um dos que estudam a vida, e certamente lhe será útil confrontar os seus conhecimentos com os dos Hiss que estudam o mesmo assunto. Isto porque os conhecimentos não estão igualmente desenvolvidos em todos os mundos humanos, e talvez você saiba coisas que nos ajudem a compreender melhor os Milsliks.

- Me sentirei muito feliz - respondi eu - de comparar os meus conhecimentos aos

de vocês. Mas quando eu embarquei, um pouco contra minha vontade, no *ksill*, Aass prometeu que eu regressaria ao meu planeta Posso considerar esta promessa como válida?

- Certamente, desde que isso dependa de nós. Mas ainda há pouco é que você chegou!

- Oh, não quero partir imediatamente! Se vocês têm interesse no meu planeta, também eu me interesso por este e em todos aqueles que descobriram.

- Lhe informaremos se o seu exame for bom. Agora nos fale um pouco do seu mundo. Antes de começar, ponha este amplificador na cabeça, a fim de todos os presentes se aperceberem dos seus pensamentos.

Me deram um leve capacete de metal e de quartzo, munido de uma série de pequenas antenas.

Durante mais de uma hora concentrei o pensamento na Terra, sua posição no Espaço, suas características, sobretudo o que eu sabia da sua história geológica. De vez em quando um dos assistentes, e principalmente um colosso ainda maior do que Aass, fazia-me perguntas e pedia-me que precisasse pormenores. Como o capacete amplificava, quer as respostas mentais, quer as minhas próprias emissões de pensamentos, essas perguntas ressoavam dolorosamente no meu crânio, como se as tivessem berrado aos meus ouvidos, Comuniquei o fato a Azzlem, que imediatamente fez regularizar a comunicação.

No final interrompeu-me, dizendo:

- Basta por hoje. Tudo o que foi dito foi registado e vai ser estudado. Você voltará aqui depois de amanhã.

Fiz uma pergunta:

- Os alimentos daqui contêm ferro? O ferro é indispensável para o meu organismo.

- Contêm muito pouco. Vamos dar ordem para que os alimentos preparados para os Sinzus, cujo corpo também contêm ferro, lhe sejam fornecidos.

- Ainda outra pergunta: quem são os Milsliks, sobre os quais Aass não quis me dar informações! " "

- Você saberá em breve. São os-que-apagam-estrelas.

Fez o movimento de cabeça que nos Hiss indica ter terminado a conversa, sendo, portanto, inconveniente insistir.

## CAPÍTULO II

### A LIGA DAS TERRAS HUMANAS

Voltei a partir com Souilik. Voamos na direção este. Perguntei-lhe se não seria possível, em vez de regressarmos diretamente, sobrevoarmos um pouco aquela parte do planeta, a baixa altitude.

- Evidentemente que é possível - respondeu. - Enquanto os Sábios não tomarem alguma disposição a seu respeito, estou dispensado de qualquer serviço, salvo o de velar pela conservação do meu *ksill*. Onde quer ir?

- Não sei. Podemos falar com Aass?

- Não. Aass já partiu para Marte, onde reside, e eu não posso lhe conduzir para fora de Ella. Aliás, seria uma longa viagem e você tem de se apresentar depois de amanhã perante os Sábios. Mas podemos ir ver Essine, se isso lhe agrada.

- Pode ser.

Já tinha notado que Souilik sentia uma viva simpatia por Essine. No entanto não falei nisso, não sabendo se para os Hiss uma simples alusão poderia ser considerada como uma grande injúria ou, simplesmente, como uma grave falta de delicadeza.

Essine habitava a 1.600 *brunns* da casa de Souilik, ou seja a cerca de 800 quilômetros. A meu pedido, não voamos muito depressa e demos numerosas voltas. Desse modo o percurso demorou duas horas. Sobrevoamos uma imensa planície, depois uma região desolada, selvagem, cortada por profundo vales, uma cadeia de vulcões extintos e, finalmente, uma estreita faixa de terra entre as montanhas e o mar. Sobre esta última região percorremos cerca, de 100 quilômetros e chegamos, então, a uma grande e elevada ilha. Essine habitava uma casa análoga a de Souilik, mas mais vasta e pintada de vermelho.

- Essine é uma Siouk, enquanto eu sou um Essok - explicou Souilik. - É por isso que a casa dela é vermelha e a minha branca. É tudo o que resta das antigas diferenciações nacionais, bem como alguns usos particulares. Lhe previno, por exemplo, de que em casa deles é considerado como muito indelicado recusar-se a comer mesmo que não se tenha fome, ao passo que entre nós isso é perfeitamente permitido.

Comecei a rir, pensando em alguns vinicultores da Terra, que se sentem ofendidos se não aceitamos provar o seu vinho. Souilik pediu-me explicação para a minha hilaridade.

- Decididamente - exclamou ele -, todos os planetas se assemelham. É a mesma



coisa com os Krens, do planeta Mara, da estrela Stor, do Quarto Universo! Têm uma bebida, a que chamam "Aben-Torne", que para nós é horrorosa. E, no entanto, já a tive de beber por três vezes! O "vinho" que vocês oferecem é bom?

- Umas vezes bom, outras mau. Rimo-nos.

Chegamos na porta da casa, e então penetrei, pela primeira vez, num lar hiss.

Convém agora que eu antecipe a narrativa e lhe dê algumas informações sobre a organização social de Ella. Como acontece conosco, a célula-base é constituída pela família; contudo, os laços familiares são, legalmente, mais frouxos, mas, na realidade, mais apertados do que os nossos. O casamento pode ser dissolvido por comum acordo, mas é um caso muito raro. Os Hiss são de temperamento nitidamente monogâmico. Casam-se geralmente jovens, numa idade que corresponde aos nossos 25 anos. Nunca têm mais de três filhos, mas raramente menos que dois. Antes do casamento, segundo o que observei, os costumes são livres, mas depois tornam-se muitos estritos.

Todos os jovens Hiss têm de frequentar a escola até aos 18 anos, em números terrestres. Uns escolhem então uma profissão e passam a frequentar as escolas técnicas; os outros, os mais dotados, ingressam naquilo que, na Terra, são as nossas Universidades. Entre estes são escolhidos os melhores, que participarão da exploração do Espaço. Apesar de muito jovem, e embora continuasse os seus estudos, Essine já participara de três explorações no *ksill* comandado por Souilik.

As casas siocho diferenciavam-se da de Souilik na porta de entrada, que dava diretamente para uma larga sala de recepção, mobiliada com cadeiras baixas.

Essine aguardava-nos, ladeada pela sua irmã mais nova, pelo irmão e pela mãe. O seu pai, importante personagem, denominada "ordenador das emoções místicas" - pelo menos foi o que percebi do que me foi transmitido -, estava ausente.

Senti-me imediatamente confuso. Souilik e os outros Hiss entabularam uma viva conversação em linguagem falada e eu limitei-me a ficar sentado, olhando em volta. A sala estava quase nua: os Hiss não apreciam os bibelôs. As paredes, pintadas de azul-claro, estavam decoradas com formas geométricas.

Pouco depois a mãe saiu e ficaram apenas os jovens. A irmã de Essine veio sentar-se na minha frente e pôs-se, bruscamente, a bombardear-me com perguntas: donde vinha, qual era o meu nome, a minha idade, a minha profissão? Como eram as mulheres terrestres? Que pensava eu de Ella?...

Souilik e Essine vieram participar também na conversa e ao fim de alguns minutos esqueci-me completamente de que estava num mundo estranho. Tudo me parecia familiar. Quase que o lamentava, dizendo para comigo que, na realidade, esta fantástica viagem era vã, dado que todas as humanidades do Céu se assemelhavam. Quase que não valia a pena deixar a Terra para encontrar muito pouco que fosse de novo. Novo! Bolas! Depois veria se havia ou não algo de novo! Quando penso nos horrores daquele planeta Siphon! Mas naquela altura ignorava ainda tudo isso e parecia-me que física e mentalmente, apesar da pele verde e dos cabelos brancos, os Hiss se assemelhavam muito a nós.

Transmiti essa reflexão a Souilik. Antes que ele pudesse responder, Essen-Iza, a irmã de Essine, adiantou-se:

- Oh! sim, você dá a impressão de ser um Hiss barbado, cor-de-rosa!

Souilik sorria enigmaticamente. Acabou por afirmar:

- Na verdade, vocês nada sabem. Eu já tomei contacto com cinco humanidades, das quais uma, os Krens, são tão parecidos fisicamente conosco que é quase impossível distinguir-nos; Ao princípio são as semelhanças de costumes que chamam a atenção. Depois... Quando já tiver vivido muito tempo em Ella talvez você pense

como os Froons, de Sik, da estrela Wencor, do Sexto Universo, que, por questões várias, têm relações conosco, mas, na verdade, não nos suportam.

Depois disto partimos. Essen-Iza e seu irmão Ars desejaram cerimoniosamente um "bom vôo" a Souilik e a "*Srenn Sévold Slair*", isto é, ao Sr. Vsévolod Clair. Essine acompanhou-nos no seu *réob*.

Uma hora depois estávamos de volta na casa de Souilik.

Essine demorou-se pouco tempo e nós ficamos sós. Não me recordo muito bem do que fizemos no meu primeiro dia em Ella. Me parece que só mais tarde é que eu comecei a aprender a falar e a escrever o hiss. Talvez fosse Souilik quem me ensinou esse curioso "Jogo das Estrelas", que se joga numa espécie de tabuleiro redondo e que consiste em conseguir, com pedras que representam estrelas, planetas e *ksills*, uma certa combinação que permite empregar "o Mislik"; a partir desse momento tem-se a partida ganha, porque a parada é difícil e pode-se então começar a "extinguir" as estrelas, do adversário.

Passamos o fim da tarde juntos. Eu começava a me afeiçoar por aquele jovem Hiss, que se tornaria o meu melhor amigo em Ella. Após uma ligeira refeição, em que, pela primeira vez, provei os alimentos destinados aos Sinzus (que têm um sabor acentuado de carne), saímos e sentamo-nos na porta da casa.

Interroguei Souilik sobre as suas viagens. Ele conhecia cinco planetas humanos e muitos outros inabitados ou habitados somente por formas inferiores de vida. Alguns desses mundos - o planeta Biran, o sol Fsien, do Primeiro Universo, por exemplo - eram de uma beleza extraordinária; outros, pelo contrário, desolados. Souilik estivera também nos planetas Aour e Gen, do sol Ep-Han, do Primeiro Universo - o dos Hiss -, cujos habitantes se tinham suicidado em guerras infernais. Me mostrou fotografias a cores desses mundos, excelentes imagens que não sonhamos conseguir com a nossa técnica. Tenho algumas comigo. Mostrou-me também uma estatueta encontrada nas ruínas de uma cidade de Aour, frágil objeto de vidro que escapou ao desastre e que, apesar do estranho ser que representava - uma espécie de homem alado, com cabeça cônica -, era de uma invulgar perfeição.

Não tenho uma recordação nítida do que se passou no dia seguinte. Melhor: tenho-a, certamente, mas deve estar misturada com a dos dias que se sucederam. No entanto, recordo-me muito bem do dia imediato a esse, pois foi o da minha segunda visita na Casa dos Sábios.

Parti com Souilik no *réob*. A viagem foi rápida e logo que chegamos fui introduzido no gabinete de Azzlem, enquanto Souilik tornava a partir. As paredes da sala eram nuas, com exceção de cinco painéis retangulares que pareciam feitos de vidro despolido. No centro, sobre uma mesa de uma matéria estranha, estavam alguns pequenos aparelhos e um quadro de comandos complexo. Azzlem mandou-me sentar em frente a ele. Uma vez mais senti uma impressão familiar, aquela que sentia quando era interno no hospital e o chefe de equipe me mandava chamar.

Azzlem devia ser idoso. A descoloração da pele estava desenvolvida e dava-lhe um ar esverdeado, que entre nós parecia doentio. Mas o seu corpo, que se desenhava sob a cota cinzenta, fazia inveja a muitos atletas da Terra.

Ficou um momento me olhando de frente, sem nada transmitir. Sentia que me comparava aos numerosos espécimes de outros seres que tinham-me precedido neste gabinete. Depois a nossa conversação silenciosa começou:

- É extremamente lamentável que os seus compatriotas dizia ele - tivessem atacado o nosso *ksill* e tenham assim matado dois dos nossos. Aass é um pouco culpado, arriscado daquela maneira. Não calculou que vocês já soubessem voar.

- Aprendemos a fazê-lo tem pouco tempo - respondi. Mas nenhum dos nossos

aparelhos atingiu ainda, salvo um ou outro foguete experimental, o vazio interplanetário.

- Como? Sabem voar e não puderam sair da atmosfera? E quais foram esses engenhos que o conseguiram? Não percebi um dos seus pensamentos.

- Um foguete! - disse eu. E fiz uma descrição mental desses aparelhos

O seu rosto exprimiu surpresa.

- Já percebo. Bem entendido, nós conhecemos teoricamente os "foguetes". Mas não os empregamos. O rendimento é deplorável! E os engenhos volantes de vocês são movidos por esses "foguetes"?

- Alguns. Outros, por motores de explosão.

Tive de explicar novamente este termo Também eu começava a ficar admirado. Fiz-lhe, por minha vez, uma objeção. - Não vejo - disse eu - a relação que há entre o vôo na atmosfera e a possibilidade de sair dela.

- É evidente! Desde que se puderam utilizar os campos gravíticos negativos, o sair da atmosfera não foi senão uma questão de conseguir aparelhos estanques. Vocês utilizam gravíticos?

- Não posso afirmá-lo, embora não saiba exatamente do que se trata.

Azzlem tentou durante muito tempo me fazer compreender.

Mas, muitas vezes, eu não só não compreendia, como não "ouvia" nada. Azzlem usava noções que me eram completamente estranhas e toda a comunicação se interrompia imediatamente entre os nossos pensamentos. Lamentei imenso não ser um físico ou, então, que você estivesse lá! Se bem que seria muito melhor que fosse o próprio Einstein. Azzlem desistiu.

- Sejam quais forem os meios de propulsão, o que é certo é que um dos aparelhos de vocês atacou o nosso *ksill* eficazmente. Souilik já me disse que isso foi devido a um equívoco. Acredito em você.

- Posso lhe fazer uma pergunta? - interrompi. - O *ksill* em que viajei foi o primeiro a visitar a Terra?

- Sim, posso lhe garantir. Todas as ordens para explorações são dadas por mim. Eu tinha mandado Aass e Souilik ver se existiam outros universos para além do Décimo Sexto. O seu fica vinte vezes mais afastado do que aquele, o que significa que é necessário estar vinte vezes mais tempo no *ahun* para o atingirmos. Não posso garantir, contrariamente ao que lhe disse Aass, que seja possível o seu regresso. Não é seguro que possamos ultrapassar a tal ponto as regras de navegação no *ahun*. Saberemos em breve. O meu filho Asserok vai regressar do Décimo Sétimo Universo, descoberto durante a viagem de Aass, e que está quase tão distanciado como o de vocês e na mesma direção. Quando digo que o descobrimos é inexato. Foram eles que nos descobriram. Têm também o sangue vermelho, conhecem o *ahun* e assemelham-se aos terrenos.

- Mas se o *ksill* - disse eu - foi, então, o primeiro a nos visitar, o relatório oficial de um dos governos da Terra, concluindo por erros de observação ou alucinações, os testemunhos do aparecimento de "discos voadores", era exato!

Contei-lhe toda a história e Azzlem riu-se com vontade.

- Pois bem: algumas vezes também entre nós houve espíritos aventureiros que adivinharam a verdade a partir de dados falsos. E, agora, ao trabalho! Vou lhe confiar a alguns Sábios que vão lhe interrogar sobre a Terra. Em seguida lhe daremos uma idéia resumida da nossa história.

Passei a maior parte do dia respondendo, o melhor que sabia, a toda uma série de perguntas variadas, algumas completamente incongruentes. E foram essas estranhas

perguntas que, pela primeira vez, me deixaram antever a que ponto os Hiss diferiam de nós, em certos aspectos. As minhas respostas, por vezes, quase os escandalizavam. Quando, a propósito do estado sanitário e das doenças da Terra, lhes falei das devastações do alcoolismo - conheciam o álcool, que sobre eles tem efeitos análogos aos nossos - me perguntaram porque não suprimíamos os ébrios ou não os mandávamos colonizar um planeta desabitado. Quando, a propósito disso, lhes falei do respeito pela vida humana que tentávamos desenvolver na Terra, sem grande êxito, é preciso dizê-lo, todos me responderam: "Mas os ébrios não são homens! Atentam contra a "lei divina"!"

O que era essa "lei divina" só mais tarde o soube.

De noite Souilik veio me buscar e soube então que era ele quem me instruiria sobre o passado de Ella. Na verdade, como quase todos os Hiss, o meu amigo desempenhava dois gêneros de tarefa: uma, social, como comandante de um *ksill*; outra, pessoal, que para ele consistia naquilo a que chamava "arqueologia universal". Como oficial estava submetido, durante determinados períodos, a uma rigorosa disciplina. Mas, uma vez terminado o serviço, tornava-se num dos mais novos (mas, me contou Essine, um dos melhores) "arqueólogos universais".

Foi nesse noite, na casa dele, que eu tive a minha primeira lição de história hiss, no gabinete de Souilik, onde notei dois quadros de vidro despolido, como no de Azzlem.

- Segundo o que hoje você disse (eu estava ausente, mas fui posto ao corrente), a humanidade apareceu no seu planeta ao cabo de muito tempo e alguns crêem ter tido origem na animalidade. Conosco, em Ella de Oriabor, aconteceu o mesmo. Ali os nossos ancestrais começaram por utilizar instrumentos e armas de pedra e, graças a quase indestrutibilidade dessas matérias, estamos mais bem informados sobre os alvores da nossa espécie do que sobre as eras mais recentes.

Dirigiui-se a um mostrador e fez uma pequena manobra semelhante a que se faz para marcar um número de telefone. Um dos quadros de vidro despolido iluminou-se e apareceram imagens: eram instrumentos de pedra lascada, exatamente semelhantes aos descobertos nas nossas grutas.

- Acabei de marcar uma referência e a biblioteca arqueológica transmite-me estes documentos - explicou ele - Mais tarde a civilização nasceu no planeta e, tal como na Terra, os impérios ergueram-se e caíram, as guerras destruíram a obra de séculos, as raças foram exterminadas e as populações sucumbiram. Nasceram crenças que se tornaram quase universais, para, progressivamente, desaparecerem umas após outras.

Os Hiss parece não terem experimentado a relativa estagnação técnica que se verificou nos tempos de Roma e na Idade Média. Desse modo, as guerras tornaram-se rapidamente devastadoras. A última que se verificou remontava a cerca de 2.300 dos nossos anos e tinha terminado num planeta arrasado por armas de cujo poder não fazemos, felizmente, a mínima idéia. Houve, então, um longo período durante o qual, por falta de população suficiente, a civilização esteve prestes a soçobrar. Só se manteve graças a obstinação de alguns sábios e ao refúgio que a Ciência encontrou nesse período de pilhagem e de pequenas guerras civis, nos mosteiros subterrâneos dos adeptos de uma poderosa religião.

Desse modo, quando, após quinhentos anos de desordem, a civilização partiu para a conquista do planeta (conquista facilitada pelo fato de a população ter regressado, praticamente, para a idade dos metais), essa nova civilização, dizia, era uma espécie de teocracia científica.

Bem mais difícil foi a reconquista do solo. Regiões inteiras haviam sido devastadas, envenenadas por uma radioatividade permanente, queimadas, empedernidas. Durante um longo período o nível da população foi limitado: Ella-Ven só poderia alimentar cerca de cem milhões de habitantes, em vez dos sete bilhões que existiam antes da Guerra dos Seis Meses.

A solução para o problema fora encontrada mil anos antes da minha chegada: a emigração. Há muito tempo que os Hiss sabiam que Ialthar comportava vários planetas habitáveis, contrariamente a Oriabor, que contava somente com Ella-Ven. Precisamente antes da Guerra dos Seis Meses tinham descoberto a forma de controlar os campos gravíticos. No entanto, essa descoberta foi imediatamente aplicada, por vários governos, na construção de engenhos bélicos. O segredo perdeu-se depois durante longo tempo, até ser redescoberto por acaso. Durante o "Período Sombrio" as pesquisas científicas encaminharam-se mais para o campo da biologia do que para o da física; dada a falta de fontes de energia suficientes.

Uma vez descobertos de novo os campos gravíticos, a solução surgiu: emigrar para os planetas de Ialthar. Ialthar está, como lhe disse, a cerca de um quarto de ano-luz de Oriabor. Os campos gravíticos permitiram atingir uma velocidade que ultrapassa um pouco a metade da velocidade da luz. Era, portanto, uma viagem relativamente curta.

Foi realizada, novecentos e sessenta anos antes da minha chegada, por mais de duas mil astronaves, cada uma das quais transportava trezentos Hiss, material e animais domésticos ou selvagens. Uma expedição anterior tinha concluído pela perfeita habitabilidade de Ella-Tan, Nova-Ella, Marte e até de Réssan, mais frio do que os outros. Foram, portanto, cerca de seiscentos mil os Hiss que, um belo dia, desembarcaram num planeta onde só existiam formas animais.

Esta primeira colonização foi uma catástrofe. Mal os colonos tinham começado a edificar algumas cidades provisórias, terríveis e novas epidemias dizimaram-nos. Morreram, dizem as crônicas, mais de cento e vinte mil pessoas em oito dias! O *hassrn*, com os seus raios abióticos diferenciais, ainda não tinha sido inventado. Aterrorizados, muitos dos Hiss regressaram a Ella-Ven, levando a epidemia. A civilização esteve de novo prestes a perecer.

Os colonos sobreviventes, pouco a pouco imunizados contra os micróbios do seu novo planeta, cresceram em número durante os séculos seguintes. Setecentos anos antes da minha chegada o *hassrn* foi inventado e o problema deixou de existir. Os Hiss colonizaram então Marte e Réssan. Há seiscentos anos, um dos seus físicos, ancestral de Aass, diga-se de passagem, descobriu a existência do *ahun* e a possibilidade teórica de o utilizar para atingir as estrelas distantes. Como já lhe expliquei, essa descoberta teve para os Hiss uma importância religiosa extraordinária. As distâncias entre as estrelas, se bem que mais reduzidas, em média, do que na parte da nossa galáxia onde se encontra o Sol, tornaram-se impossíveis de vencer: a estrela mais próxima de Ialthar, depois de Oriabor, é Sudéma, a um ano-luz, o que significa, para ida e volta, uma viagem de quatro anos.

Seguidamente é Erianthé, a dois anos e meio-luz, ou seja depois de quase dez anos de viagem. Os Hiss não foram nunca mais longe por este processo; e ainda tinha sido preciso empregar a hibernação artificial.

Com a utilização do *ahun*, em compensação, o problema apresentava-se sob um aspecto inteiramente novo e as possibilidades de exploração tornavam-se praticamente ilimitadas. E aos olhos dos Hiss isto parecia a realização da Antiga Promessa.

Seria absolutamente impossível compreender fosse o que fosse tanto do que se segue como da mentalidade dos Hiss sem conhecer, pelo menos, as bases fundamentais da sua religião. Já lhe falei deste culto perseguido e sempre renascente que, finalmente, tinha triunfado. Veio a ser a religião, não direi oficial, porque seria pouco de mais e inexato, mas a religião "impregnante" de todos os Hiss. Os raros cétricos que encontrei em Ella - Souilik é um deles - não são nada mal vistos. Mas a sua ação é fraca e o seu ceticismo não atinge, de resto, senão os dogmas. Priticamente, procedem como os crentes.

Os Hiss são maniqueus: para eles o universo foi criado por um Deus do Bem, em constante luta com um Deus do Mal. Não se trata, na realidade, do Bem e do Mal, no sentido que nós os entendemos, mas da Luz e das Trevas. O Deus da Luz criou o Espaço, o Templo, os Sóis. O outro procura destruí-los e levar o mundo ao nada, indiferenciado, original. Os Hiss - isto é capital - e as outras humanidades de carne são filhos do Deus da Luz. O outro criou os Milsliks.

Não tenho formação metafísica e não sou nada místico. Não lhe direi ter compreendido exatamente o pensamento deles. É decerto mais sutil do que eu digo. Mas o velho cétrico que sou foi muitas vezes perturbado quando pôde ler os livros sagrados dos Hiss, onde se encontram curiosas coincidências com a nossa Bíblia e certos textos religiosos hindus e onde figuram profecias que datam da sua pré-história, numa época em que eles não podiam saber o que existia fora do seu planeta,

(Clair meteu a mão no bolso e tirou um pequeno livro, que me entregou. Sobre finas folhas apergaminhadas, minúsculos sinais estavam impressos a azul).

- São profecias de Sian-Thom - disse. - Elas datam de há mais de nove mil anos. Vou lhe traduzir algumas passagens.

Folheou algumas páginas e leu para mim:

*"E os Filhos da Luz, cada um na sua estrela, terão de lutar contra o desejo de destruir; e, na luta, derrotas e vitórias seguir-se-ão durante séculos. Mas no dia em que os Filhos da Luz, cada um na sua estrela, encontrarem o Caminho da Reunião, virá a mais dura prova, pois que os Filhos do Frio e da Noite tentarão tirar-lhes a Luz".*

E isto:

*"Hiss! Hiss! Vós saís a raça eleita para guiar os Filhos da Luz contra os Milsliks, filhos do Frio eterno. Mas nenhum chefe pode vencer sem os seus guerreiros, nem todos os guerreiros são hábeis nas mesmas armas, e nenhum chefe pode dizer com que arma vencerá. Não desdenheis, Hiss, a ajuda dos outros Filhos da Luz!".*

E ainda:

*"Não desdenheis, Hiss, aqueles que vos pareçam estrangeiros. Pode ser que sejam também Filhos da Luz, pode ser que tenham em si (Clair acentuou estas palavras) o sangue vermelho que os Filhos do Frio eterno não podem gelar".*

E quando você souber o que me aconteceu mais tarde reconhecerá que é, pelo menos, assustador.

Enfim, a Antiga Promessa:

*"Pelos caminhos do Tempo, eu, Sian-Thom, o Vidente, projetei o meu espírito no*

*Futuro. Não procureis, Hiss, saber se esse futuro está próximo, ou tão longe como o horizonte do deserto de Siancor, que recua quando o viajante avança. E vi a raça eleita dos Hiss receber os embaixadores de todos os Filhos da Luz, e a sua linha triunfa enfim dos Filhos da Noite e do Frio eterno. Digo-vos, Hiss, o mundo pertencer-vos-á, tão longe como possais imaginar, para lá das estrelas, mas ele não pertencerá só a vós. Pertencerá a todos unidos, Hiss, todos unidos, vencerão os Seres das Trevas e do Frio e repelirão para o Nada, fora do mundo, os seus inimigos, os Filhos do Frio e da Noite, aqueles que não têm membros nem carne, aqueles que não conhecem nem o Bem nem o Mal".*

E aqui está. Quer se acredite ou não, uma formidável civilização, a mais poderosa do Universo talvez, é fundada sobre esta Antiga Promessa.

Então, quando o caminho do *ahun* se encontrou aberto, os Hiss partiram em exploração. Não conheciam os Milsliks. Uma das suas primeiras viagens trouxe-os a um planeta - Assenta, do sol Swin, se você deseja saber o nome -, situado sobre a extremidade da sua galáxia. Aí eles instalaram um observatório e começaram a enumerar as galáxias e descobriram o estranho fato de, numa delas, situada a aproximadamente quinze milhões de anos-luz, as estrelas se apagarem num ritmo rápido, absolutamente contrário a todas as previsões baseadas sobre as leis físicas. Num século e meio a galáxia inteira, de pequeno tamanho, tinha desaparecido.

Misturo agora ao que me ensinou Souilik aquilo que aprendi mais tarde com Azzlem e outros. Três expedições partiram sucessivamente pelo caminho do *ahun*, em direção desta galáxia. Nenhuma regressou. Depois outras estrelas começaram a apagar-se, desta vez numa galáxia bem mais próxima, a cerca de sete milhões de anos-luz. O processo, sempre o mesmo, era o seguinte: começava por uma alteração do espectro, as riscas metálicas multiplicavam-se, depois a estrela começava a mudar para o vermelho, cada vez mais escuro. Ao fim de alguns meses só os receptores a infravermelhos chegavam a descobri-la. Depois nenhum brilho dela vinha. E os Hiss, que acreditavam na Profecia e na Promessa, começaram a ver nestes estranhos fenômenos o rasto duma ação do Outro, do Pai da Noite e do Frio. Tanto mais que tinham já descoberto algumas humanidades diferentes da deles!

Bem entendido que este processo de extinção das estrelas começou muito antes de ter existido algum Hiss em Ella-Ven, pois que os Hiss não remontam a além de dois milhões de anos, o máximo. Não sei como eles conciliam a anterioridade de existência evidente dos Milsliks sobre eles mesmos com a sua própria metafísica,

Os Hiss descobriram finalmente os Milsliks. Uma expedição, passando pelo *ahun*, partiu para uma galáxia muito próxima, a menos de um milhão de anos-luz.

Compreendia três *ksills*, sob o comando de um astrônomo chamado Ossenthur. Emergiram no Espaço - me esqueci de lhe dizer que eles sabem emergir sempre a uma boa distância dum corpo material -, bastante próximo dum sol que está se apagando. O fim pareceu-lhes pouco interessante, apesar dum cortejo de planetas, e iam partir de novo quando Ossenthur reparou, no espectro da estrela, em particularidades que o aproximavam da galáxia que se tinha apagado tão bizarramente. Decidiu aterrar sobre um planeta Desembarcaram então num mundo agonizante, donde toda a vida tinha já desaparecido. Nunca tinha havido humanidade: apenas alguns animais superiores, dos quais encontraram os cadáveres gelados. A sua estada durava há três meses, as observações acumulavam-se, o sol tornava-se cada dia mais sombrio no céu vermelho. Quando, enfim, a temperatura caiu tão baixo que o azoto começava a liquefazer-se, apareceram os Milsliks. Isto passou-se de trezentos anos antes da minha chegada.

Donde vinham os Milsliks? Os Hiss não o sabem, a aparição deles sobre um planeta ainda permanece misteriosa; mas eles nunca aparecem antes que o frio seja suficiente para liquefazer o azoto.

Dois *ksills* foram surpreendidos pelos Milsliks. O terceiro, o de Ossenthur, encontrava-se voando a mais de cem quilômetros de altura. O primeiro *ksill* teve apenas tempo de transmitir que se encontrava rodeado de coisas brilhantes e móveis. Depois foi o silêncio. O segundo foi atingido quando tentava elevar-se. Pôde transmitir as imagens: sobre o solo gelado fervilhavam formas poliédricas, móveis, de clarão metálico, quase da estatura de um homem. Brutalmente toda a transmissão cessou, enquanto o *ksill* se esmagava na superfície do planeta

Ossenthur ficou oito dias vigiando o solo. No oitavo dia, não vendo nada se mover em volta do primeiro *ksill*, lançou-se como um raio e aterrou ao lado, regando a terra em redor do *ksill* com raios abióticos. No interior do *ksill* nada tinha sido atingido, mas nem um Hiss vivia. Ossenthur mandou retirar os cadáveres, abandonando o aparelho aos Milsliks - deu a estas estranhas criaturas o nome da Profecia -, e depois de ter destruído os motores, partiu para Ella.

Os biólogos estudaram os cadáveres. Os Hiss tinham sucumbido de asfixia, o pigmento respiratório deles fora destruído!

E foi assim que os Hiss se lançaram a toda a força na procura de outras humanidades, a fim de encontrar aquela "cujo sangue vermelho não pode ser gelado". Mas sobre todos os planetas que encontraram os "homens" tinham o sangue azul, verde ou amarelo. Compreendi então porque, apesar da lei de exclusão, me tinham trazido e o que esperavam de mim, de nós, Terrestres.

Entretanto, como já disse, tinham entrado em contacto com várias humanidades planetárias, cujos embaixadores habitam permanentemente em Réssan, onde se encontra o Grande Conselho da Liga dos Mundos Humanos.



## CAPÍTULO III

### O MISLIK

Os Milsliks encontravam-se então a menos de um milhão de anos-luz de Ella. Nessa época os Hiss não tinham ainda compreendido a relação que existia entre estes seres metálicos e a extinção das estrelas, mas faziam já uma idéia do inimigo por excelência, o Filho do Frio e da Noite, o inimigo metafísico. Procuraram então destruí-lo, Salvo um, todos os meios empregados fracassaram. Em vão os sábios hiss procuraram os meios de destruição usados pelos seus antepassados; os Milsliks pareciam invulneráveis. Nenhum raio abiótico, nenhum bombardeamento de neutrões, prótons, eléctrodos, intranucleares mesmo, os matava. Só o calor era eficaz: um dia um *ksill*, atingido pela mortal radiação mislik, contra a qual os Hiss não tinham ainda encontrado outra proteção prática senão uma distância superior ao seu alcance, esmagou-se no solo e incendiou-se. Um Mislik que se encontrava próximo cessou de mover-se, contraiu-se. Correndo o perigo de perdas sérias, os *ksills* puderam descer suficientemente baixo para o apanhar num campo gravítico negativo e trazê-lo para Ella. O estudo foi uma desilusão: encontraram-se na presença dum bloco de ferro-níquel puro. Se tinha tido estrutura, esta fora destruída pelo calor.

A luta continuou, esterilmente, durante três séculos. Agora os Hiss sabiam matar os Milsliks: bastava apanhá-los numa radiação que produzisse uma temperatura superior a 200<sup>0</sup> absolutos, durante uma dezena de segundos. Mas os Milsliks defendiam-se. O alcance do seu raio abiótico aumentou e tornou-se perigosa a aproximação de um planeta em seu poder a menos de vinte quilômetros. Por meios desconhecidos descobriam a aproximação de um *ksill* e esvaziavam-no de toda a vida antes que este pudesse lançar eficazmente as suas bombas térmicas. Aprenderam também - ou pelo menos utilizaram pela primeira vez com o conhecimento dos Hiss - a arte de se elevar no espaço sem aparelho

Os Milsliks rodavam assim constantemente sobre os planetas que eles ocupavam, em grupos de, pelo menos, nove. O seu poder de radiação crescia de fato como o cubo do número de Milsliks presentes, e com menos de nove indivíduos é muito vagaroso a agir. Os Hiss experimentaram então uma nova tática: saíam do *ahum* ao nível do planeta, largavam bombas e depois desapareciam. Tática eficaz, mas extremamente perigosa. Acontecia as vezes que, por um ínfimo erro de cálculo, o *ksill* surgia sob a superfície do planeta. Seguia-se uma fantástica explosão atômica, ocupando os átomos do *ksill* e os do planeta o mesmo lugar no mesmo momento.

O império dos Milsliks estendia-se cada vez mais nesta infeliz galáxia, cujas estrelas continuavam a apagar-se uma a uma. E era uma coisa estranha para as equipagens de *ksills* ver resplandecer algures nesta galáxia apagada uma luz que levaria perto de um milhão de anos para chegar a Ella.

Não foi senão uns vinte anos antes da minha chegada que os Hiss compreenderam que os Milsliks não se contentavam em colonizar os planetas de sóis extintos, mas também os apagavam. A hipótese já tinha sido apresentada por Ossenthur, há trezentos anos, mas era tão fantástica que ninguém a fixou. Na galáxia atacada, o Segundo Universo dos Hiss, bastante longe do império mislik, existia um planeta humano cujos habitantes, vizinhos dos Hiss, mantinham com eles excelentes relações. Este planeta, Hassni, do sol Sklin, servia de base avançada na guerra. Um dia assinalaram Milsliks na face gelada dum planeta exterior deste sistema. Ao mesmo tempo os sábios de Hassni notaram uma diminuição muito sensível da energia emitida pelo seu sol. Uma patrulha audaciosa, composta por três *ksills* tripulados por Hassnianos, assinalou, pela primeira vez na história da guerra, que sobre este planeta exterior os Milsliks tinham construído imensos pilares metálicos. Quando, algum tempo mais tarde, Hassni se encontrou colocado entre o seu sol e o planeta exterior Affr toda a reação nuclear se tornou impossível durante alguns dias nos laboratórios e nas centrais. O Sol emitia uma energia sempre decrescente e foi preciso renderem-se a evidência: os Milsliks conheciam o processo de inibir as reações nucleares das estrelas!

Não houve outra solução senão evacuar Hassni. Os Hassnianos foram transportados para um planeta duma estrela da galáxia de Ella.

Enfim, dois anos antes da minha chegada um Mislik isolado foi capturado vivo. Esse Mislik eu vi, toquei nele !

Pouco a pouco me integrei na vida elliana. Habitava sempre em casa de Souilik, mas já tinham me dado um *réob*, Aprendi muito depressa a pilotá-lo. Estes pequenos aviões são de tal forma aperfeiçoados que é quase impossível fazer uma falsa manobra. A pilotagem é inteiramente automática e o papel do condutor limita-se a escolher a direção, a velocidade, a altitude. Bem entendido, pode-se ligar sempre o piloto automático. A maior parte dos Hiss só raramente o utiliza. Este povo encontrou a solução do problema da máquina: servir-se dela, não a temer e não ser .seu escravo. O mesmo indivíduo que considera como absolutamente normal tomar um *ksill*, passar "por detrás do Espaço", como eles dizem, e percorrer assim sabe Deus quantos milhares de quilômetros não hesitará em andar dias inteiros, se nisso tiver vontade. Pela minha parte, passaram-se muitos meses antes que me .arriscasse a desligar o piloto automático. Mas uma vez que ousei fazê-la encontrei na conduta deste maravilhoso engenho um tão vivo prazer que não utilizei mais o autômato senão para longas viagens. De começo, aliás, e até que eu fosse definitivamente adotado pela comunidade hiss - eu sou um dos três "estrangeiros" que o foram -, não tinha o direito de me servir do *réob* senão para ir da casa de Souilik até a Casa dos Sábios.

Aprendi também a falar a língua hiss, muito difícil para nós, "Terrestres, Consiste sobretudo em murmúrios, com raras consoantes além de s ou Z, como você pôde verificar pelos nomes próprios. O diabo é o seu maldito acento tônico, cujo lugar varia conforme a pessoa a quem nos dirigimos, o tempo do verbo, etc. Por exemplo, o meu hospedeiro chamava-se Souilik, mas a sua casa era: "Souil'k sian". "Eu saio de casa de. Souilik" diz-se "Stan Souil'k san". Vê você a dificuldade de construir uma frase complicada. Nunca cheguei a falar hiss absolutamente correto. De resto, pouco

me importava, visto que o compreendia. Para "falar" eu próprio tinha sempre o recurso de "transmitir" diretamente a um Hiss, que traduzia.

De dois em dois dias ia na Casa dos Sábios ou fazia, de qualquer forma, um curso de civilização terrestre. Em contrapartida, ali aprendia a língua, por métodos semi-hipnóticos. Aprendia também tudo o que podia da civilização e da ciência hiss. Colaborava com dois Hiss em pesquisas de biologia comparada. O meu Sangue foi minuciosamente estudado e fui radiografado um incalculável número de vezes. Os meus colaboradores (compreendendo muito bem a minha curiosidade) também se deixaram observar. A organização deles era paralela a nossa, mas desconfio de que os seus longínquos antepassados deviam ter estado muito mais próximo dos nossos répteis do que dos nossos mamíferos.

A propósito, devo dizer algumas palavras da fauna. Esta é, pela sua vasta natureza, de dupla origem. Do seu planeta Ella-Ven os Hiss trouxeram alguns animais domésticos, em especial um grande gato, de pernas muito altas, de pelo esverdeado e duma inteligência comparável com a dos nossos macacos. Adoram-no, e cada casa tem, pelo menos, um. Primitivamente, durante a pré-história de Ella-Ven, estes animais tinham sido adestrados na caça, mas agora as suas temíveis garras e os seus dentes, em curto sabre, não servem senão para romper as poltronas dos seus donos. Além destes *missdolss* os Hiss criam um grande animal que lhes fornece um leite amarelo-louro. A fauna indígena de Ella-Tan vive ainda dentro duma vasta restrição e compreende feras perigosas, que os jovens Hiss algumas vezes caçam, ao arco, com uma matilha de *missdolss*. Não existe em Ella nenhum animal alado, nem pássaro, nem inseto, mas em compensação existe uma espécie venenosa de pequenos seres homólogos (mas não análogos) às nossas formigas que toda a ciência dos Hiss tem sido incapaz de exterminar. Em Ella-Ven haviam também um animal do tamanho de um elefante grande, mas os Hiss não julgaram útil trazê-lo para o seu novo planeta.

Ao fim de dois meses supor-tei a prova a que todo o jovem Hiss é submetido antes de passar à categoria dos adultos, quer dizer, o exame psicométrico. Isto nada tem de comum com os nossos testes, e os Hiss não pretendem de forma alguma medir o gênio criador, mas apenas as aptidões para tal ou tal trabalho e o grau médio de inteligência. Passei então ao psicômetro, de resto, de minha livre vontade. Foi impressionante. Imagine uma espécie de cadeira de repouso sobre a qual me estendi, numa sala com as paredes vitrificadas, um capacete erigido de bicos na cabeça, uma obscuridade total, com exceção duma pequena lâmpada azul, e a estranha cara dum Hiss debruçado sobre os aparelhos registradores. Senti um ligeiro choque elétrico, e a partir desse momento a minha personalidade foi de certo modo desdobrada. Sabia que me faziam perguntas, sabia que lhes respondia, mas diabolos me levem se eu podia dizer que espécie de perguntas e que espécie de respostas eram! Via o Hiss modificar devagar os reguladores, na minha cabeça havia uma ligeira vertigem, agradável. e já não sentia sob as minhas costas o contacto da cadeira. Isto durou, parece, dois *basikes*, mas pareceu-me durar apenas dois minutos. A luz voltou, tiraram-me o capacete e levantei-me com o espírito curiosamente vazio e repousado.

O estudo dos registos levou uma dezena de dias. Fui então convocado para ir na casa de Azzlem, que encontrei rodeado de três psicotécnicos,

Pelo que disseram, o resultado do exame fora surpreendente. As minhas capacidades intelectuais ultrapassaram largamente a média dos Hiss, colocando-me na cotação 88 (a média dos Sábios é de 87). As minhas capacidades afetivas perturbaram-nos bastante mais: segundo o que soube, eu era um indivíduo que

podia ser perigoso, dotado duma combatividade extrema e de fantásticas possibilidades de amor ou de ódio, com um gosto muito vivo de solidão e uma certa insociabilidade. Este último traço não deve lhe surpreender! Em compensação, as minhas capacidades de emoção mística eram baixas, muito baixas, quase nulas, e isso pareceu entristecê-los. Mas o que os intrigava mais é que eu emitia um certo tipo de ondas que eles não souberam interpretar e que se aproxima muito dum tipo de ondas emitido pelos Milsliks!

O resultado prático foi que, em vez de ser enviado para Réssan, com os representantes das outras humanidades, fiquei em Ella, achando os Sábios preferível esta solução.

Continuei então a viver em casa de Souilik. Este partiu dentro em pouco para uma viagem no *ahun*, deixando-me só. Mas eu já tinha travado conhecimento com muitos vizinhos e recebia muitas vezes a visita de Essine ou de membros da sua família. Como tinha aprendido a ler ao mesmo tempo que a falar, comecei a utilizar os numerosos livros de Souilik. Muitos, tratando de ciências físicas, ultrapassavam-me. Outros, ao contrário, tratando de biologia ou de arqueologia universal, apaixonaram-me.

Lia um dia tranquilamente uma história resumida do planeta Szem, do sol Fluh, do Décimo Primeiro Universo, quando um *réob* azul aterrou em frente da casa. Saiu dele o gigantesco Hiss que fazia parte do Conselho dos Sábios e se chamava Assza. Tinha tido pouca convivência com ele, pois era um físico, e os Hiss depressa julgaram que, nesse aspecto, os meus conhecimentos eram bastante medíocres para valer a pena agregarem-me a um especialista. Fiquei, pois, surpreendido com a sua visita. Segundo, a maneira direta dos Hiss, ele não perdeu tempo:

- Venha, precisamos de você.

- Porquê? - perguntei.

- Para ver se você é, afinal, um dos seres de sangue vermelho da Profecia, que os Milsliks não podem matar. Venha. Não correrá nenhum perigo.

Poderia decerto ter recusado, mas não tinha nenhuma vontade. Estava impaciente por saber o que eram os famosos Milsliks, Segui-o, pois, no seu *réob*.

Subimos muito alto, a grande velocidade. O *réob* sobrevoou dois mares, montanhas, ainda um mar, e depois, ao fim de três horas o piloto picou em direção a uma pequena ilha rochosa, desolada. Tínhamos percorrido mais de 9.000 quilômetros. O Sol declinava no horizonte e devíamos estar a uma latitude muito elevada, porque vi gelos flutuarem no mar.

Assza pousou o *réob* numa minúscula plataforma que pendia sobre as ondas. Dirigimo-nos para uma larga porta metálica. Com gestos complicados, o meu guia abriu um guichet e falou. A porta entreabriu-se e entramos Doze jovens Hiss, armados da sua "espingarda de calor", examinaram-me. Passamos este posto de guarda e penetramos numa sala octogonal, cuja parede apresentava a falta de polimento peculiar dos écrans de visão. assza mandou-me sentar:

- Isto é o meu gabinete - disse ele - Estou encarregado da vigilância do Mislik. - E me explicou o que em seguida você vai ouvir.

Há pouco mais de dois anos, um *ksill* conseguira surpreender um Mislik isolado no Espaço e capturá-lo. Isso fora bastante difícil e a tripulação, exposta de maneira prolongada aos seus raios, sofrera muito tempo de anemia. Mas o mais árduo fora fazer o Mislik atravessar a atmosfera quente de Ella sem o matar. Tinham-no, enfim, conseguido, e o Mislik lá estava, numa cripta, sempre mantida a uma temperatura de 120 absolutos. Todos os tipos de humanidades com exceção dos últimos conhecidos

que sabiam passar no *ahun* e de mim - foram voluntariamente submetidos a emissão dos raios do Mislik, com todas as precauções necessárias para que não houvesse acidente mortal. Nenhum pudera resistir. Mas nenhum também tinha o sangue vermelho da Profecia. Eu tinha este sangue!

- Olhe o Mislik! - me disse Assza.

Mergulhou a sala na obscuridade. Sobre o écran apareceram imagens numa curiosa luz azul.

- Luz fria. Qualquer outra iluminação mataria o Mislik! A minha vista mergulhou num compartimento de largas proporções. O solo rochoso estava nu. Ao meio, imóvel, estava qualquer coisa que tomei primeiro por uma pequena construção metálica, feita de placas articuladas por juntas ocas, Aquilo brilhava como um vivo clarão prateado e tinha uma forma polidédrica e uma estrutura de, aproximadamente, dois metros por um.

O Hiss levou-me em frente de aparelhos registadores que me lembraram o psicômetro. Sobre os quadrantes, agulhas fosforescentes oscilavam lentamente, tubos fluorescentes palpitavam em lentas ondulações regulares.

- A vida do Mislik - disse Assza. - Ele é constantemente centro destes fenômenos eletromagnéticos, que, parece, vocês, gentes da Terra, utilizam como manancial de energia. Ele Repousa.

Assza premiu um botão. O termômetro que indicava a temperatura da cripta passou de 120 a 300 absolutos. As agulhas deram um salto no quadrante, os tubos emitiram uma luz mais viva, as suas palpitações aceleraram-se. Assza designou-me um, que vibrava numa cadência particular.

- As ondas Phen: as que, segundo o nosso conhecimento, só você e os Milsliks emitem!

Levantei os olhos e me vi num espelho Era um fantástico espetáculo, as nossas caras iluminadas por esta única luz palpitante, esverdeada, que vinha dos tubos, e o reflexo da luz azul do écran. Raramente em Ella tive uma tão viva impressão de deslocação doutro mundo. Tive medo.

O Mislik movia-se agora. As suas placas articuladas batiam umas nas outras e deslocava-se com a velocidade de um homem a passo. Docemente, Assza tornou a pôr a temperatura a 120 absolutos.

- Aqui está. Gostaríamos que você descesse na cripta, expondo-se aos raios do Mislik. Não há nenhum perigo, nenhum perigo grave. Todos os outros já desceram, sem sucesso, infelizmente. No Espaço, quando estamos protegidos pela parede dos nossos *ksills*, são necessários nove Milsliks para pôr a nossa vida em perigo. Aqui, tão perto e sem proteção, um só chega. Como reina nesta sala uma temperatura muito baixa, e o vazio quase absoluto, você será equipado em conformidade. Vigiei tudo daqui e dois autômatos lhe acompanharão, para trazerem você se perder os sentidos. Aceita?

Hesitei um instante, vendo rastejar o ser de pesadelo, que me parecia revelar sob a carapaça geométrica um espírito impiedoso, uma pura inteligência sem nenhum sentimento, mais temível do que toda a ferocidade consciente. Sim, era bem aquilo. O Filho da Noite e do Frio!

- Seja - respondi, deitando um último olhar sobre o écran.

- Se necessário - acrescentou Assza -, posso elevar a temperatura e matá-lo. Mas não penso ser forçado a isso. Há, no entanto, um risco para você. Um só Mislik não pode matar um Hiss, salvo se este se expuser muito tempo aos seus raios. Ele também não matou aqueles que lhe precederam, mas você é diferente!

- "Au diable" - disse em francês. E acrescentei: - Não percamos tempo. Cedo ou tarde, será necessário tentar a experiência!

- Nós não podíamos tentar antes que você falasse a nossa língua. Não lhe poderei transmitir pensamentos quando estiver na cripta.

Reacendeu a luz. Um Hiss entrou e fez-me sinal para o seguir. Descemos ao nível da cripta, a uma sala onde estavam pendurados escafandros transparentes. O Hiss ajudou-me a vestir um, que me ficava perfeitamente, o que não admira, porque tinha sido feito especialmente. para mim. Um outro, enorme, devia ter servido ao gigante rechonchudo de olhos pedunculados que eu tinha visto estatificado na Escadaria das Humanidades. A porta abriu-se, ainda uma vez e duas máquinas de seis rodas, com possantes braços. metálicos, entraram. O Hiss saiu e a porta fechou-se.

- Está me escutando? - disse a voz de Assza no meu capacete.

- Sim, muito bem.

- Você está ainda ao abrigo dos raios do Mislik. Estes raios não atravessam os quatro metros de ferro-níquel que lhe separam dele. É a única proteção eficaz, mas é impraticável em combate, por causa do seu peso. Vou agora abrir a porta de comunicação. Recue e, sobretudo, aconteça o que acontecer, não tente tirar o escafandro antes que eu diga.

Um bloco de metal de quatro metros de comprimento deslizou lentamente para fora da parede. Não senti nenhuma impressão. de frio, mas o meu escafandro inchou lentamente. Introduzi-me pela abertura e penetrei na cripta. O Mislik estava na outra extremidade, imóvel. A luz azul me pareceu mais fraca do que sobre o écran.

Avancei devagar sobre o solo liso. Tudo era silêncio e imobilidade. Ouvia dentro do meu capacete a respiração lenta de Assza. O Mislik continuava a não se mover.

De repente deslizou para mim. Visto de frente apresentava-se como uma massa achatada, da altura de cerca de meio metro. - Que devo fazer? - perguntei.

- Ele não emite nada. Não lhe tocará. Uma vez voou e esmagou um Hiss. Nós o submetemos a doze basikes de alta temperatura, no limite da possibilidade de sobrevivência para ele, Julgo que ele compreendeu e não recomeçará. Se o fizer, você tem um pistola de calor na cintura. Não a empregue senão em caso de necessidade.

O Mislik girava rapidamente em redor de mim.

Ele não emite ainda. Está sentindo algo? - Nada, absolutamente nada. Um certo medo!

- Atenção! Ele emite! Éle emite!

Na parte da frente da massa metálica acabava de aparecer uma fraca faixa de luz roxa. Eu não sentia absolutamente nada e disse-o a Assza,

- Você não sente um formigueiro? Nem vertigem?

- Não, nada!

O Mislik emitia agora violentamente. A faixa de luz atingia, um bom metro de comprimento.

- Ainda não sente nada?

- Não.

- Com uma tal intensidade há muito que um Hiss teria desmaiado ! Creio que vocês, os Terrestres, são os seres da Profecia!

O Mislik parecia desconcertado. Pelo menos foi assim que interpretei o seu manejo. Recuava, avançava, emitia, cessava de emitir, recomeçava. Me encaminhei para ele. Recuou, depois parou. Então, cheio dum sentimento talvez enganador de

invulnerabilidade e dum desejo de bravata, avancei a grandes passos e me sentei sobre ele! Ouvi a exclamação horrorizada de Assza, depois o ecoar do seu riso estridente quando o Mislik me desmontou com uma brusca sacudidela e fugiu para a outra extremidade da cripta. Eu era o primeiro ser de carne que tinha tocado num Mislik vivo!

- Basta - disse Assza. - Volte para a sala dos escafandros. O bloco fechou a abertura, o ar entrou, assobiando, e eu pude, ajudado pelo Hiss, sair do escafandro. Tomei o ascensor e penetrei no gabinete de Assza. ele estava caído na poltrona, chorando de alegria.

## CAPÍTULO IV

### UMA CANÇÃO DUM OUTRO MUNDO...

Desta vez fiquei três dias na ilha Sanssine. Assza tinha imediatamente informado o Conselho dos Sábios do resultado positivo da experiência, e algumas horas mais tarde todos estavam reunidos na grande sala ao lado do gabinete de Assza. Porém, quando me pediram para voltar a descer em seguida até a cripta, recusei claramente. Se as emanções mislik pareciam não ter me afetado, os meus nervos estavam na sua máxima tensão. Durante todo o tempo que estive defronte deste bloco de metal consciente consegui ficar calmo. Mas agora a minha energia estava esgotada e sentia uma invencível vontade de dormir. Os Sábios compreenderam-me e foi decidido deixar tudo para o dia seguinte. Me deram um quarto muito confortável e, com a ajuda do aparelho para fazer dormir, passei uma bela noite.

Não foi sem apreensão que penetrei na cripta; não sabia, com efeito, se a minha maravilhosa imunidade duraria e, no caso contrário, o que se passaria. Havia pedido que mandassem vir um dos neófitos do Colégio dos Sábios, Szzan, ao qual tinha ensinado, no decorrer das nossas conversações, bastante medicina terrestre. Os preparativos foram longos: fizeram-me uma extração de sangue, uma numeração globular e muitas outras observações. Além disso, um voluntário hiss devia descer comigo para verificar se a irradiação emitida pelo Mislik na minha presença era bem aquela que era nefasta para os Hiss. Por especial favor, tinham convidado os técnicos do *ksill* que tinha atingido a Terra, e, salvo Souilik, que vagueava algures no Espaço, todos lá estavam, Aass na frente. Gostei de os tornar a ver, mas fiquei menos satisfeito quando percebi que o voluntário que me devia acompanhar era Essine.

Não tentei dissuadi-la. Já sabia que em Ella, em face do perigo, toda a diferença entre homens e mulheres estava abolida desde milênios. Ela foi voluntariamente, os Sábios tinham-na aceito, e uma recusa da minha parte seria para ela uma injúria sem nome. Mas os meus velhos preconceitos terrestres não podiam deixar de desaprovar.

Eu estava armado duma pistola especial, de "calor frio", que me permitia, em caso de necessidade, elevar a temperatura o bastante para atingir gravemente o Mislik, sem o matar, ou seja fazer passar a temperatura em sua volta de  $-261^{\circ}$  a quase  $-100^{\circ}$ .

Descemos então, seguidos dos quatro autômatos, até a sala dos escafandros. Dois Hiss esperavam-nos aí para nos ajudarem a vestir a nossa roupa de vácuo. Enquanto



me davam a minha, pude ver a cara de Essine empalidecer - isto traduzia-se entre os Hiss por uma cor cinzento-esverdeada - e ouvi-a murmurar qualquer coisa que parecia uma oração. Evidentemente, estava com medo, o que eu achava absolutamente natural, visto que, se eu tinha fortes probabilidades de sair ileso, ela estava quase certa de ser duramente atingida. Por isso, quando passamos a porta cilíndrica, pus-lhe a mão no ombro e, pelo microfone, disse-lhe:

- Fique atrás de mim.

- Não posso: É preciso que nós saibamos se as emanções são ou não ativas.

Me volvei. Os autômatos seguiam-nos, com os seus grandes braços metálicos já meio estendidos.

O Mislik, imóvel, via-nos chegar. Digo via-nos porque, apesar de me não ter apercebido de qualquer coisa que possa sugerir um órgão visual, sabia que ele estava perfeitamente consciente da nossa aproximação. De repente começou a mover-se para nós.

- Não se afastem demasiado da porta - disse a voz de Assza. Essine teve um movimento de recuo, depois veio se colocar a meu lado. O Mislik parou a três passos de nós, sem emitir.

Julgo que ele me reconhece - comecei. - Não emitirá se...

O que se passou em seguida foi duma incrível rapidez.

O Mislik emitiu violentamente. A sua faixa violeta atingiu bem um metro de comprimento. Depois, sem cessar de emitir, deslizou com uma pressa prodigiosa em nosso redor, carregando sobre o primeiro autômato. E nada ficou dessa maravilhosa máquina: era um monte de ferros torcidos e de rodas amolgadas. Uma pequena roda dentada rolou até meus pés e, estupidamente, vi-a descrever círculos cada vez mais estreitos antes de se imobilizar a meus pés.

- Atenção! - gritou-me Assza.

Este grito acordou-me do meu torpor. Voltei-me, vi Essine caída ao lado dos restos do autômato. O Mislik lançava-se sobre o segundo, que rolava para nós. Atirei duas vezes e o Mislik parou logo. Levantei Essine, inanimada. O autômato avançava, com os braços estendidos.

- Tome, cuide dela - disse-lhe, tal como a uma pessoa.

- Vou proteger a saída.

Bem entendido que não tive resposta. Levando Essine, ele rolou a toda pressa para a porta. O Mislik atacou de novo. Eu atirei e fi-lo parar. Começava a recuar, seguido dos outros dois autômatos, a pistola em punho. E então o Mislik voou! Ouvi as exclamações dos Sábios, lá em cima, na sala de verificação, O monstro metálico tomou altura, depois desceu direto contra mim, Atirei cinco vezes em vão. No derradeiro momento agachei-me e ele falhou. Ouvi uma voz - a de Assza? - dizer "tanto pior, os grandes meios!". Uma violenta luz dum branco cru inundou a cripta no momento em que o Mislik se preparava para atacar de novo. Ele desceu imediatamente, descrevendo ziguezagues, como endoidecido por uma dor fantástica.

- Depressa, entre, ou nós vamos matá-lo! gritou Assza, Acometi para a porta e penetrei na sala dos escafandros.

A luz crua extinguiu-se, a porta fechou-se e o ar entrou. Quatro Hiss, um dos quais Szzan, entraram e tiraram o escafandro de Essine. Estava pálida, mas viva.

Subi para o gabinete, encolerizado.

- Pois bem - disse a Azzlem -, estão satisfeitos? Eu ainda aqui estou, mas Essine talvez morra!

- Não. Um só Mislik não pode matar em tão pouco tempo, E se assim fosse?

Quando o que está em jogo é o universo, o que conta uma vida, voluntária, de resto?

Não havia, evidentemente, nada a responder a isto. Tornaram a me fazer uma extração de sangue e uma outra numeração globular. A conclusão foi formal: as irradiações do Mislik não produziam nenhum efeito sobre mim.

Fiquei outros dois dias na ilha com Assza, pois não queria partir antes de saber se Essine ficara livre de perigo. Ela voltou, a si rapidamente, mas estava ainda muito fraca, apesar das transfusões e da passagem sob os raios biogênicos, Mas Szzan sossegou-me: já tinha tratado e salvo alguns Hiss mais gravemente atingidos.

Regressei pra pequena casa de Souilik e tudo entrou na normalidade. De dois em dois dias ia na Casa dos Sábios para dar e receber lições. Liguei-me estreitamente a Assza, o físico gigante, guarda do Mislik - o qual parecia não se ter ressentido do violento castigo que lhe infligiram -, e a Szzan, o jovem biologista. E um dia em que falávamos de irradiações humanas tive uma idéia:

- Estas ondas Phen, que emitem os Milsliks e que emito também, não poderiam servir para entrar em contacto com eles ?

Szzan refletiu um momento e respondeu:

- Não creio. Nós registamos estas ondas mas ignoramos totalmente a que correspondem. Não podemos experimentar, porque nos é tão impossível aproximar dum Mislik (você viu, pelo exemplo de Essine) como passar através duma estrela! Como você emite as mesmas ondas - ou qualquer coisa que muito se aproxima -, poderemos experimentar consigo. Mas não creio que elas tenham qualquer coisa que ver com o psiquismo. Talvez estejam, antes, relacionadas com a sua extraordinária constituição, que encerra tanto ferro!

- Tanto pior - disse - Teria, no entanto, gostado de poder entrar em comunicação com ele

- Isso não é, talvez, impossível - disse então Assza -, mas é preciso ter coragem. Você deverá voltar a descer na cripta, levando um capacete amplificador do pensamento. As ondas psíquicas - as nossas ondas psíquicas - têm um alcance muito inferior ao da irradiação mislik e nós nunca podemos nos aproximar o suficiente para saber se poderíamos "ouvir" um Mislik. O Mislik - ou o Hiss - morria antes de o conseguir. Mas você poderá se aproximar. Será necessário penetrar na cripta, porque o isolamento do ferro-níquel para tanto as ondas do pensamento - se o Mislik as emite comparáveis com as nossas - como a sua irradiação mortal.

- Seja - disse eu. - Mas se ele voa de novo?

- Fique em frente da porta. Se ele voar, você entrará na sala dos escafandros.

- Bem. Quando se tenta a experiência?

Sentia que eles estavam ainda mais impacientes do que eu próprio.

- Tenho um grande *réob* de quatro lugares - começou Assza. Tenho também o meu. Vamos?

Vamos lá - atalhou Szzan, o mais novo de nós três. Será necessário modificar o capacete amplificador. Tenho o que é necessário no meu laboratório da ilha - replicou Assza.

Embarcamos e fomos a toda a pressa. Assza pilotava admiravelmente e era um pouco temerário: roçávamos as montanhas. Como estivéssemos sobre o mar, descobri um enorme engenho fusóide, mas não lenticular, que descia rapidamente sobre a montanha dos Sábios.

A astronave sinzu volta - disse Szzan. Vai haver reunião do Conselho.

- Você não assiste? - perguntei a Assza. Poderíamos adiar a experiência.

- Não. O Conselho só se reunirá esta noite. Temos tempo. Virá comigo ver os seus

quase-irmãos, os Sinzus.

A ilha apareceu no mar azul. Assim que descemos nos precipitamos para o laboratório. Sianssi, o assistente-chefe, observava os aparelhos registradores.

- "Ele" repousa - disse-nos -, mas tornou-se intratável desde que o Tsérien desceu. "Ele" destruiu mais um autômato

Pela primeira vez ouvi, vocalizado, o nome que os Hiss nos deram: "Tsérien", corrupção de "Terrestre".

- Faça modificar o amplificador do pensamento, a fim de que o... Tsérien possa metê-lo sob o escafandro. Vai ainda descer para tentar entrar em comunicação com "ele".

O jovem Hiss olhou-me um momento antes de sair. Eu devia fazer-lhe o efeito dum ser quase tão monstruoso como o Mislik.

Observamos o Mislik com a ajuda do écran. Não se mexia, semelhante a um bloco de metal inerte. No entanto, era um ser dum fantástico poder, capaz de apagar as estrelas!

- Observe bem ele quando você estiver na cripta disse-me Assza. - Quando eles vão voar começam sempre por levantar ligeiramente a parte da frente. Você dispõe então dum milésimo de *basike* aproximadamente antes do vôo. Entre imediatamente.

A transformação do capacete durou um *basike* (que maçada, julgo-me ainda em Ella!). Durou, pois, mais ou menos uma hora e um quarto.

Vestido com o escafandro e com o capacete posto, penetrei na cripta, devagar. O Mislik voltava-me as costas. Não me afastei portanto demasiado da porta e fiz o contacto.

Instantaneamente, fiquei submerso numa onda de angústia, que não vinha de mim, mas da angústia do Mislik : uma sensação terrível de isolamento, de solidão, tão grande que quase gritei. Longe de ser a criatura puramente intelectual, sem nenhum sentimento, que tinha imaginado, o Mislik era então um ser como nós, capaz de sofrer. Paradoxalmente, pareceu-me mais temível ainda, por estar tão próximo, sendo tão diferente! Não pude me conter e cortei o contacto.

E então? - perguntou Assza.

- Não pensei que ele sofresse tanto! - disse, transtornado.

- Atenção! Está acordando!

O Mislik movia-se. como da última vez, avançava, lentamente, direto sobre mim. Restabeleci o contacto. Desta vez não foi uma mensagem de sofrimento que recebi, mas uma onda de ódio, um ódio absoluto, diabólico. O Mislik avançava sempre. Peguei na minha pistola de calor. Ele parou, emitiu para mim um ódio ainda mais violento, que eu sentia quase fisicamente, como uma onda morna e viscosa. Então, por minha vez, emiti para ele :

- Meu irmão de metal, - pensei não lhe quero mal. Para que é preciso que os Hiss e vocês mesmos se destruam? Por que parece a lei do mundo ser um homicídio? Por que é preciso que uma espécie massacre a outra, um reino um outro reino? Não odeio você, estranha criatura. Veja, meto a minha arma no coldre!

Não julgava ser compreendido; no entanto, à medida que pensava sentia o ódio decrescer, passar a último plano, e um sentimento de surpresa substitui-lo sem o atingir. O Mislik continuava imóvel. Rememorei os ensinamentos dos filósofos pretendendo que a matéria deve ser a mesma em todo o universo, o que me parecia confirmado pelos Hiss, e pus-me a pensar em quadrados, retângulos, círculos. Recebi em resposta uma onda de espanto mais intensa, depois imagens invadiram o meu pensamento: o Mislik me respondia. Ai de mim! Tive depressa de me render a

evidência: nenhuma comunicação seria sem dúvida possível; as imagens ficavam fluidas, como imagens de sonho. Me pareceu antever estranhas figuras concebidas por um espaço que não era o nosso, um espaço que fazia apelo a mais de três dimensões. Mas tão depressa pensei tê-las compreendido desvaneciam-se, deixando-me pesaroso de ter estado quase apanhando um pensamento absolutamente estranho ao nosso. Fiz uma derradeira tentativa, pensei em números, mas isto não teve melhor sucesso. Recebi, em troca, noções absolutamente incomunicáveis, incompreensíveis, com zonas isoladas, durante as quais nada recebia. Experimentei imagens, mas nada pude encontrar que acordasse nele uma ressonância, nem mesmo uma estrela resplandecente no céu negro. A noção da luz tal como nós a concebemos devia ser desconhecida para ele. Interrompi então as minhas experiências, e qualquer coisa da minha melancolia devia ter chegado a ele, porque me enviou uma nova onda de angústia, já com todo o ódio extinto e um sentimento pungente de impotência. Afastou-se sem ter emitido a sua irradiação mortal.

Assim, contrariamente ao que ensinam certos filósofos, a tristeza e o medo são os mesmos, duma extremidade a outra do universo, mas dois e dois nem sempre fazem quatro. Havia nesta impossibilidade de trocar a idéia mais simples, enquanto os sentimentos complexos passavam facilmente dum ao outro, qual-quer coisa de trágico.

Subi ao laboratório e confessei a minha semi-derrota. Os Hiss não se impressionaram desmedidamente. Para eles o Mislik era o Filho da Noite, o ser odioso por definição, e o seu interesse nesta experiência tinha sido puramente científico. Não sucedia o mesmo comigo, e ainda hoje me aflijo por não ter podido, já não digo compreender, mas, ao menos, apanhar, um pouco que fosse, da essência intelectual destes seres estranhos.

Quando deixamos a ilha caía a noite. Os dois satélites de Ella brilhavam no céu crivado de estrelas. Arzi é dourada como a nossa Lua, mas Ari tem uma sinistra cor avermelhada que sempre me faz recordar um astro maléfico. Aterramos ao clarão da lua e das estrelas, sobre a grande esplanada inferior, porto da Casa dos Sábios. Na outra extremidade antevia-se a enorme massa fusiforme da astronave sinzu, brilhando francamente na noite. Para minha tristeza, não me foi permitido entrar na sala da reunião. Szzan e eu tivemos de ir pra Casa dos Estrangeiros, espécie de hotel situado nos bosques do terraço inferior.

Jantamos juntos, depois fomos passear. O nosso passeio levou-nos até as proximidades da astronave. Ao fazer uma volta, fomos retidos por um pequeno grupo de Hiss.

- Não se pode ir mais longe - disse um deles - Os Sinzus guardam o aparelho e ninguém pode aproximar-se sem autorização. Mas quem é que vem com você? - perguntou ele a Szzan.

Um habitante do planeta Terra, da estrela Sol, do Décimo Oitavo Universo, o único que está entre nós no momento. Veio com Aass e Souilik. Os Milsliks não o podem matar.

- Que diz você? Será um homem da Profecia? Os Sinzus também têm o sangue vermelho, dizem, mas não conhecem os Milsliks!

- O Tsérien desceu ainda hoje na cripta da ilha Sanssine e, veja, está aqui!

- Quero ver - disse ele então.

Uma luz doce brilhou no seu ligeiro capacete. A guarda da astronave não era certamente uma brincadeira! Era a primeira vez que eu observava em Ella qualquer coisa semelhante a um exército.

- Você se parece com os Sinzus. Vi três quando desembarcaram esta tarde. Mas

você é mais alto, mais pesado e tem cinco dedos nas mãos. Ah! Vou demorar ainda em poder participar nas viagens do *ksill*. Sou estudante ainda...

Me lembrei de que em Ella todo o indivíduo cumpria duas espécies de trabalhos, tal como Souilik, que era ao mesmo tempo oficial de *ksill* e arqueólogo.

Um grande grito modulado arrastou-se na noite estrelada. - Uma sentinela sinzu - disse o nosso interlocutor. Chamam-se assim todos os meios *basikes*. Agora sou obrigado a pedir que voltem para trás.

Reentramos na Casa dos Estrangeiros. Compunha-se de uma série de pequenos pavilhões, dispersos sob as árvores, onde se hospedavam aqueles que o Conselho tinha convocado e que viviam longe demais para voltarem todos os dias pra casa. O meu quarto era contíguo a uma sala de toalete e a uma pequena biblioteca, mas eu estava demasiadamente fatigado para ler. Agitado pelas peripécias deste estranho dia - o mais estranho que até ali passara em Ella -, fui obrigado a empregar o aparelho para fazer dormir.

Acordei muito cedo. O ar marinho era muito vivo e fresco e percebi que, ao contrário da casa de Souilik, esta possuía verdadeiras janelas, que tinham ficado abertas. Ouvia a ressaca do mar sobre as rochas da margem e o ligeiro rumor da brisa nos ramos das árvores. Descansei um momento na cama, os olhos abertos desfrutando o encanto daquela manhã elliana, tão calma.

De repente elevou-se um cântico.

Já muitas vezes tinha ouvido música hiss. Sem ser desagradável para nós, é muito elevada, muito intelectual. Este cântico não era um cântico hiss! Tinha nostalgia, a flexibilidade das melodias polinésicas, mas com maior amplitude. Tinha um ardor secreto que fazia pensar nas canções populares russas. E a voz, esta voz que passava sem esforço das notas baixas para as notas altas, não era, também, uma voz de Hiss! O cântico quebrava-se como as vagas do encontro da praia, com notas melodiosas voando rápidas e caindo fatigadas. O ser que cantava estava muito longe para que eu pudesse apanhar as palavras, que, provavelmente, não eram hiss. Mas eu sabia que esta canção falava de Primavera, de planetas esmagados por um sol ou afogados de nevoeiros, da coragem dos homens que os exploram, do mar, do vento, das estrelas, do amor e da luta, de mistério e de medo. Continha toda a juventude do mundo!

Com o coração a bater, vesti-me rapidamente, saltei pela janela. O cântico vinha da esquerda, do lado do mar. Passando através dos bosques, encontrei uma escada descendo para a margem. Frente ao mar, uma jovem cantava. O sol juntava os reflexos dourados na sua cabeça. Não podia então ser uma Hiss. A contraluz não podia distinguir a cor da sua pele. Estava vestida com uma curta túnica azul-pálida.

Precipitadamente, desci a escada a quatro e quatro, tão emocionado como quando, jovem estudante, via Sylvaine voltar a esquina da rua. Tropeçando no último degrau, caí, rolando a seus pés. Soltou um pequeno grito, cessou de cantar e deu uma gargalhada. Eu devia estar cômico, os cabelos cheios de areia, de gatinha, em frente dela. Depois o seu rir parou de repente e me perguntou num tom irritado:

- Asna éni étoé tan?

(Me voltei surpreso. Estas últimas palavras não tinha sido Clair quem as pronunciara, mas Ulna, sua mulher).

- Sim - disse lentamente Clair -, era Ulna.

## TERCEIRA PARTE: **O QUE ESTÁ EM JOGO É O UNIVERSO**

### CAPÍTULO I

#### ULNA, A ANDROMEDANA

Me levantei lentamente, sem tirar os olhos da jovem. Durante um instante julguei que os Hiss tivessem feito uma nova viagem na Terra e tivessem trazido outros Terrestres. Depois me lembrei da enorme astronave, a estátua da Escadaria das Humanidades, e reparei naquela mão estreita. Me lembrei também das histórias de Souilik acerca dos Krens, do planeta Mara, quase indiscernível aos Hiss. Se estes últimos tinham os seus sócias, era possível que os homens tivessem os deles, A moça estava ainda na minha frente. Fiquei um momento mudo.

- Asna éni étoé tan, sanen tar téoé sen Telm! - disse ela então num tom colérico.

A voz dela continuava cantante e melodiosa. em francês:

- Je mexcuse, mademoiselle, de mon arrivée subite à vos pieds !

Depois refleti que para ela estas palavras eram tão incompreensíveis como a sua pergunta para mim. Olhei-a então nos olhos e tentei "transmitir". Em vão. Ela me observava agora com desconfiança. Pousou a mão sobre uma fivela do seu cinto.

Experimentei então em hiss, esperando que ela o compreendesse.

- Peço desculpa de ter lhe incomodado - disse. Reconheceu a língua em que eu me dirigira a ela e respondeu, colocando tão mal assentos tônicos como eu ao princípio:

Ssin tséhé k'on? (Quem é você?).

A frase correta seria: "Sssin tséhé hion". Na realidade, a sua pergunta significava: "Qual é o planeta?"

- Ari será o primeiro a brilhar esta noite - disse eu rindo.

Ela compreendeu o seu erro e pôs-se também a rir, Durante alguns minutos partilhamos do hiss, sem grande sucesso. Me mostrou então a escada e subimos para o terraço, revestido de madeira. Quando chegávamos ouvi os três assobios modulados que eram o sinal pessoal de Souilik. Ele apareceu, seguido de Essine.

Vejo que já tomou contacto com os Sinzus - me falou.

- Tomar contacto é maneira de dizer! Como fazem vocês quando aterram num planeta cujos habitantes não "recebem" e cuja língua ignoram?

- É aborrecido, sobretudo quando são tão encantadores como esta Sinzu parece ser para você - disse Essine. - Mas descanse. Daqui a pouco vocês se entenderão.

- Sim - ajudou Souilik -, o problema foi resolvido desde há muito. Não se faça de orgulhoso: na realidade, somos nós que recebemos e que transmitimos! No seu próprio planeta você não poderia se corresponder com os seus semelhantes senão pela linguagem. As crianças, entre nós, estão no mesmo caso. Devem aprender. Você aprenderá e ela também. Enquanto isto, bastará um ligeiro capacete amplificador. Aqui está o mais importante: cheguei esta noite dum universo situado ainda mais longe do que o de vocês, Isto quer dizer que, quando chegar o tempo, você poderá voltar para a sua terra. Tomei contacto com uma outra humanidade. No seu canto do Grande Universo parece que todos os seres têm o sangue vermelho: os Sinzus, vocês, os Tsériens, e os Zombs, que eu acabo de descobrir.

- Como são eles? Trouxe algum?

Souilik olhou para mim, um olho fechado:

- Eles se parecem um pouco com você. Aproximadamente duas vezes maiores. Mas são ainda puros selvagens. Nem mesmo talham a pedra. Seria inútil e mesmo perigoso trazer um. Dentro de duzentos ou trezentos mil anos talvez...

Aproximávamo-nos da Escadaria das Humanidades. No alto alguns Hiss trabalhavam, rodeados de autômatos

- Que diabo fazem os seus compatriotas? - perguntei a Souilik.

Em hiss, "que diabo" equivale exatamente a "teí mislik". - Trata-se de Milsliks, efetivamente - respondeu ele rindo.

Você verá - e voltando-se para a jovem Sinzu "transmitiu" qualquer coisa que não pude apanhar. Os Hiss podem sempre manter, por transmissão do pensamento, uma conversa privada, mesmo no meio de uma multidão. Devia ser engraçado, porque a jovem sorriu.

Subimos rapidamente a escada. Lá em cima o grupo dos Hiss dispersava-se. À direita erguia-se uma nova estátua. Tive a surpresa de me reconhecer, muito realisticamente esculpido, numa pose majestosa, o pé sobre um Mislik!

- Os seus encontros com o Mislik foram registrados, disse Essine. - E Ssilb, o nosso melhor escultor, recebeu imediatamente a missão de fazer esta estátua. Tinha as medidas exatas, tomadas na Casa dos Sábios quando examinaram, e, com algumas fotografias em relevo, isto foi uma brincadeira para ele Acha a estátua boa?

- Extraordinária - respondi sinceramente. vai me constranger, passar assim diante de mim os dias.

Souilik e a Sinzu conversavam há bocado e vi na cara do Hiss que alguma coisa corria mal. Trocou algumas palavras com Essine, muito depressa, para que eu não pudesse compreender bem. Me pareceu ouvir a palavra "injúria". A jovem Sinzu descia então a escada, ao encontro duma dezena de indivíduos da sua raça. Souilik tinha um ar apoquentado:

- Depressa, é preciso ver Assza, e mesmo Azzlem, se possível.

- O que se passa?

- Nada de grave. Pelo menos, assim o espero. Mas os Sinzus são podres de orgulho e fizemos mal em os pôr do lado esquerdo, na Escadaria!

Fomos introduzidos logo no gabinete de Azzlem. Encontrava-se em companhia de seu filho Asserok, um jovem Hiss, de regresso do universo dos Sinzus, e de Assza.

- A situação é perigosa - declarou abruptamente Souilik.

- Durante a minha ausência o Tsérien desceu na cripta da ilha Sanssine e venceu o Mislik!

- Sim, e então? - disse Assza. Fui eu que tomei a responsabilidade, de acordo com o Conselho.

- Então, pelo que me disse Ulna, a Sinzu, tinha sido prometido aos Sinzus que seriam os primeiros seres de sangue vermelho a enfrentar o Mislik. Orgulhosos como eles parecem ser, é impossível que se conformem!

- A astronave deles está armada - interveio Asserok. E eles conhecem o *ahun!*

- Nós somos os senhores do nosso planeta, Asserok - respondeu Azzlem. - A primeira vez que os Sinzus vieram não quiseram enfrentar o Mislik. Pretextaram que precisavam de fazer preparativos. O Tsérien foi mais resolutivo. Tanto pior para eles. No fim de contas, foi a nós, Hiss, que a Promessa foi feita, e não aos Sinzus! Não devemos desprezar nenhuma ajuda, mas devemos conservar a liderança! E se os Sinzus têm armas, nós também temos!

Premiu um botão sobre a secretária. Um écran mural iluminou-se e vimos a Escadaria das Humanidades. Em frente da minha estátua, quatro Sinzus, um dos quais Ulna, discutiam. Os outros regressavam para a astronave correndo.

Azzlem pronunciou então palavras que não se tinham ouvido em Ella desde há numerosos séculos:

- Estado de alerta n.º1 - disse ele, inclinado sobre um microfone. - Reunião imediata dos Dezeriove. Interdição absoluta a todo o engenho volante estrangeiro - o eufemismo fez-nos sorrir: o único engenho estrangeiro em Ella era a astronave de decolar.

- Veremos bem se eles sabem escapar aos campos gravídicos intensos - disse.

Os Sinzus penetravam na Casa dos Sábios.

- Venha - disse Azzlem. - Nós vamos recebê-los. Venham também, Souilik e Essine, porque são vocês os únicos Hiss presentes, com o meu filho, que conseguiram ultrapassar o Décimo Sexto Universo.

Descemos até a sala onde compareci pela primeira vez em frente dos Sábios. Me sentei sem dificuldade entre Essine e Souilik, ao fundo. O Conselho restrito, os Dezenove, chegou. Introduziram os Sinzus.

Eram quatro, três homens e a rapariga. Eram todos formosos, louros, elegantes, de elevada estatura, e na Terra teriam podido passar por Suecos. Afetavam um ar indiferente e distante. Puseram-lhes logo os capacetes amplificadores.

O mais velho voltou-se para Azzlem e começou o seu discurso: tinham-nos feito vir do seu longínquo planeta para enfrentar os famosos Milsliks, eles acorreram com as armas mais poderosas que os seus sábios tinham podido inventar e agora diziam-lhes que um ser inferior, vindo dum planeta meio selvagem, tinha já triunfado destes terríveis inimigos. Era uma injúria feita ao planeta Arbor e partiriam imediatamente para não mais voltarem, a não ser que os shémons não julgassem a injúria muito grave para ser esquecida. Nesse caso... ele exigia desculpas e a destruição imediata dessa estátua que haviam posto no mesmo plano do que a dos Sinzus.

Olhei os Sábios durante esta diatribe. Nada perturbava as suas fisionomias. Nenhum sinal de desaprovação. Em troca, ao meu lado, Souilik ruminava entre os seus agudos dentes.

Azzlem respondeu calmamente:

- Vocês são, Sinzus, criaturas bizarras. Nunca prometemos que seriam os primeiros seres de sangue vermelho a enfrentar os Milsliks. Nós ignorávamos nessa época que houvesse outras humanidades de sangue vermelho e ignoramos ainda se todas as humanidades de sangue vermelho resistem às irradiações Milsliks. Não concebemos, de resto, a importância que há em ser o primeiro. Essa mentalidade desapareceu de



Ella há muito tempo, com o último chefe militar e o último polícia. Vocês parecem não compreender que não serão demais todas as humanidades do Céu para vencer os Milsliks. Agora somos os únicos, ou quase, a lutar contra eles e perdemos cada ano mais de cem mil Hiss nesta luta. O Tsérien teve a coragem de enfrentar o Mislik sem nenhuma preparação. É justo que a sua estátua seja o que é. Façam o mesmo, e nós, de boa vontade, poremos um Mislik, ou mesmo dois, ou três, na estátua!

Este arrebatamento fez passar sobre a assembleia uma onda de riso contido. Azzlem continuou:

- O concurso de vocês será certamente útil, mas não é indispensável, Os Tsériens têm a resistência necessária. Nós temos a técnica, e a deles, apesar de primitiva, não é provavelmente desprezível. Há no Céu muitas humanidades de sangue azul ou verde cujos exércitos são poderosos também. E ninguém sabe onde atacarão os Milsliks para a próxima vez. Se calhar, já estão a caminho da galáxia de vocês. Peço assim, que renunciem a um orgulho estúpido, que me admira numa raça tão evoluída como a Sinzu. Entrem na Grande Aliança das Terras Humanas. O nosso único inimigo é o Mislik! Ele ameaça todas as humanidades, de sangue verde, azul ou vermelho. Mesmo que vocês sejam insensíveis ante as irradiações, não poderão viver próximo dum sol extinto! Reflitam e voltem com palavras de amizade, e não de desafio. Este planeta é Ella, e não Arbor, e nós, aqui, somos os senhores. Tornaremos a receber vocês novamente esta noite.

O Sinzu quis responder.

- Não. Inútil. Reflitam até de noite.

Os Dezenove saíram lentamente, deixando-nos sós, Souilik, Essine e eu, em frente dos Sinzus.

Estes pareceram aperceber-se então da minha presença. Os três homens avançaram para mim, ameaçadores. A rapariga tentou reter o mais velho, sem o conseguir. Me levantei. Lentamente, Souilik pousou a mão sobre a coroa da pequena arma que tem direito a trazer na cinta, como todos os comandantes de *ksills*. O gesto não escapou aos Sinzus, que pararam.

- Julgava - começou um deles - que os Hiss, os sábios Hiss, tinham renunciado a guerra há séculos...

- A guerra, sim, mas não a proteger os seus hóspedes - replicou Souilik. - Se as suas intenções são puras, para que essas armas sob as túnicas?.. Julgavam então que nós não sabíamos detectar o metal sob os tecidos?

A situação tornou-se tensa. Eu, Essine, Ulna e o mais velho dos Sinzus tentamos, em vão, intervir. Souilik estava possuído da terrível raiva fria dos Hiss e os Sinzus mostravam-se arrogantes. A luta parecia inevitável.

Como um deus ex machina, apareceu um oficial da guarda, seguido de quatro Hiss:

- O Conselho dos Dezenove pede aos seus hóspedes Sinzus que regressem aos seus aposentos. Ele lembra que, salvo os oficiais em serviço, mais ninguém pode trazer armas em Ella.

Tinha o capacete amplificador e a frase soou-me clara e secamente, como um ultimato. Os Sinzus também a entenderam deste modo, porque empalideceram e saíram. Ulna me olhou longamente antes de se retirar.

- Quanto ao Tsérien, Azzlem espera por ele e seus companheiros - terminou o oficial.

Quando entramos Azzlem, Assza e Asserok discutiam animadamente.

- Não precisamos deles - dizia Assza. Os Tsériens chegam.

- São tão poderosos como nós - replicou Asserok.

Acreditem em mim, eu vi o planeta Arbor. Eles são em maior número que nós, nos Três Mundos. E têm os servos Telms...

Calou-se de repente, tomado de súbita compreensão.

- Compreendo! Eles confundiram o Tsérien com um Telm! É moreno e forte como eles!

Em Arbor, explicou-nos, não havia uma só raça, como na Terra ou em Ella, mas duas: os Sinzus, louros e franzinos, e os Telms, morenos e fortes. Nos tempos pré-históricos, como aconteceu conosco, houve várias raças. Mas enquanto na Terra uma só prevaleceu e exterminou ou absorveu as outras, em Arbor dois ramos diferentes se desenvolveram, em continentes muito afastados. Quando os Sinzus descobriram o continente Telni eram já bastante civilizados para o destruírem. Suponha que a América era povoada por descendentes do homem de Neanderthal. Decerto os destruiríamos. Mais humanos, ou mais realistas, os Sinzus, raça superior, reduziram os Telms a escravidão. Pouco a pouco a sua condição foi melhorando, mas na sociedade atual não têm senão funções inferiores, para as quais os designa, é necessário dizer-se, a sua total incapacidade de invenção. Não são maltratados, mas não houve até agora nenhum cruzamento, por se tratar de duas raças fundamentalmente diferentes. A organização social dos Sinzus, apoiada nesta semi-escravidão dos Telms, é de tipo aristocrático e assemelha-se um pouco com a do antigo Japão.

É um fato que, pelo físico, pela cor da pele e do cabelo, me pareço com um Telm. Para você compreender a reação dos Sinzus, imagine um forte shogun que se traz para combater um inimigo terrível e a quem se diz, na chegada: "Não vale a pena; um chimpanzé resolveu o assunto!".

Enquanto ouviam as explicações de Asserok, os dois Sábios iam serenando. Era possível, com um pouco de diplomacia, acalmar os Sinzus, explicando-lhes que eu não era um Telm, apesar da minha cor

Asserok encarregou-se disso, e partimos para a astronave. Souilik me acompanhava. No momento de me deixar, antes de chegarmos a vista das sentinelas sinzus, quis me dar a arma que levava. Agradei mas recusei, convencido de que não corria perigo algum. Um Sinzu recebeu-me na entrada e fez-me sinal para o seguir. A astronave era enorme - mais de 180 metros de comprimento! - e tive de percorrer intermináveis corredores antes de chegar na sala onde me esperavam. Cinco Sinzus estavam sentados com Asserok, todos de capacete. Um pouco afastada, com os longos cabelos louros saindo-lhe do capacete, Ulna estava de pé, encostada na parede. Mal entrei, o mais velho transmitiu-me:

- Este Hiss pretende que você não é um Telm, mas um Sinzu negro. Nós vamos ver. Fale-nos do seu planeta.

Aguardei um pouco, me sentei numa cadeira metálica, cruzei as pernas e comecei:

- Ainda que seja tão injurioso para mim ser tomado por um animal superior como para vocês serem ultrapassados por um Telm, vou falar por consideração para com os Hiss. Saibam que no meu planeta não há mais do que uma espécie de homens, ainda que uns sejam louros, como vocês, e outros morenos, como eu. Alguns - e são muitos - têm a pele negra ou amarela. Discutiu-se imenso para saber qual era, a raça superior, mas chegou-se à conclusão de que não havia nenhuma. Ainda há pouco nós tivemos de fazer a guerra contra certos Terrestres, que pretendiam ser uma raça superior. Vencemos, apesar da pretendida Superioridade deles

Continuei a transmitir durante mais de uma hora, dando, a traços largos, um resumo da nossa civilização, da organização social, da ciência e das artes. Claro que

em ciências eles ultrapassaram-nos, estando em vários aspectos mais adiantados do que os próprios Hiss. Pareceram impressionados pela nossa utilização da energia nuclear, a sua mais recente conquista.

Me fizeram uma série de perguntas, inteligentemente graduadas. A sua conclusão foi de que eu não podia ser um Telm, apesar da minha aparência física com a deles. Imediatamente mudaram de atitude. Ficaram tão amáveis quanto tinham sido arrogantes. Ulna exultava: tinha sido a única a me defender. Asserok combinou com Hélon, o velho Sinzu, pai de Ulna e chefe da expedição, uma reunião com os Dezenove para essa noite.

Quando partimos, Ulna e seu irmão Akéion acompanharam-nos. Encontrei Souilik e Essine, que me esperavam. Asserok partiu ao encontro de Azzlem e ficamos cinco: dois Hiss, dois Sinzus e um "Tsérien,

Estávamos contentes. Qualquer perigo de guerra estava definitivamente afastado. Souilik contou-me que cem *ksills* estavam prontos para destruir a astronave, se as coisas corressem mal.

Fomos para a escada que descia para o mar e nos sentamos nos degraus. Conversamos sobre os nossos planetas, e tive de prometer que visitaria Arbor antes de voltar pra Terra, quando os Milsliks fossem vencidos. Falamos da vitória como certa. Mas na verdade, quando isso acontecesse, não seríamos mais do que poeira há muito tempo, porquanto a luta tinha probabilidades de durar milênios.

Ulna e Akéion pediram-me informações sobre o Mislik. Tinham resolvido enfrentá-lo, para saber se os Sinzus partilhavam da minha imunidade. Concordamos em que os acompanharia até a cripta.

Nessa noite, conforme o estabelecido, houve a segunda entrevista entre os Sinzus e os Dezenove. A aliança foi definitivamente concluída, independentemente do resultado da expedição na ilha Sanssine. A ligação entre os Sábios e os Sinzus seria garantida por Assza e Souilik, que, como consequência das suas explorações, tinha sido admitido como neófito. A seu pedido, eu e Essine o acompanhamos. Pelos Sinzus, Hélon designou Akéion, seu filho, Ulna e um jovem físico, Etohan.

Claro que na delegação hiss não tive senão um papel consultivo. Eu não pretendia sequer representar a Terra, porquanto fora aceito de maneira imprevista. Fiquei, no entanto, contente com a nomeação, que me aproximava de Souilik e Essine, por quem tinha amizade, de Assza, por quem tinha simpatia, e dos Sinzus, pelos quais experimentava imensa curiosidade. Não mais do que curiosidade, por enquanto.

Não falaria senão brevemente da minha quarta descida à cripta se ela quase não me custasse a vida. Isto foi o princípio da minha plena aceitação, como ser humano de raça superior, pelos Sinzus. Excetuando Ulna e seu irmão, eles tinham ainda por mim uma certa desconfiança. Pela minha parte, eu não lhes perdoava, porque a bordo da astronave tive ocasião de ver alguns Telms, e lhe asseguro que, fora o físico e o cabelo, em nada se pareciam comigo: assemelhavam-se mais a um hipotético cruzamento de gorila e de australiano.

Fomos para a ilha Sanssine na astronave. Esta movia-se quase tão docemente como um *ksill*. Não fui admitido na cabina de pilotagem. Um *ksill* dos maiores, pilotado por Souilik, transportava o Conselho dos Dezenove.

Como não havia lugar na pista da ilha para aparelhos tão grandes, descemos no mar, fazendo o transbordo em botes. Foi a primeira vez - e última - que utilizei este meio de transporte em Ella.

Fui o primeiro a entrar na cripta, seguido de Akéion, de Ulna e dum jovem Hiss, de quem me esqueci o nome, que devia servir de cobaia. Tinha na cabeça o capacete

de que me servira já.

Enquanto estive só na cripta o Mislik não reagiu. Era evidente que me reconhecia e sabia que toda a irradiação era inútil. Não me transmitiu nenhum sentimento de ódio, mas somente uma vaga curiosidade. Nem sequer se mexeu.

Depois entraram os outros, seguidos de uma dezena de autômatos. Eu tinha perguntado a Assza porque não nos protegiam com zonas repulsivas, mas estas não se podiam estabelecer num lugar confinado sem o aquecer. Eu era o único armado de uma "pistola de calor frio".

Entretanto, os meus companheiros entraram. Mal passaram a porta, o Mislik precipitou-se, rente ao chão, emitindo com toda a sua força. O Hiss desmaiou ao fugir para a saída. Os Sinzus resistiram como eu, mas, em vez de recuarem imediatamente, precipitaram-se para mim, ocultando-me o Mislik. Este não perdeu tempo, e nalguns segundos fez um verdadeiro massacre nos autômatos. Quando pude disparar, um só deles se mantinha de pé. Calmamente, o Mislik dirigiu-se para o túnel de saída e bloqueou-o. Éramos seus prisioneiros.

Não me assustei, sabendo que, se fosse necessário, todo o formidável poder dos Hiss viria em nosso socorro. Mas estava inquieto com o Hiss, porque o Mislik continuava a emitir e cada segundo que passava tornava mais precária a sua sobrevivência. Avisei pelo microfone de que ia tentar destruir o túnel, e, depois de fazer sinal aos Sinzus para se afastarem, dirigi-me para o Mislik, de pistola em punho.

Ele brilhava tênueamente na penumbra. Pronto para me esquivar, atirei. O Mislik recuou. Atirei outra vez. Recuando sempre, entrou na antecâmara. Segui-o, e isto ia causando a minha perda. Ele lançou-se sobre mim, e neste espaço apertado tive um trabalho enorme para o evitar. Felizmente o meu capacete estava sintonizado, e por isso encontrava-me em guarda contra estes ataques, por uma maior recepção do sentimento de hostilidade. Esta estranha luta durou uns bons cinco minutos. Por fim o Mislik deslizou pelo túnel e eu lancei-me em sua perseguição. Choquei com o autômato que transportava o Hiss desmaiado e perdi uma dezena de segundos. Este atraso ia custando a vida aos Sinzus. Quando entrei na cripta, Ulna estava colada na parede, com Akéion a protegê-la, e o Mislik, somente a uns escassos metros, preparava-se para os esmagar. Disparei seis vezes, O Mislik voltou-se para mim e atacou. Só tive tempo de ver acender-se a cegante luz quente, senti um choque e mergulhei na escuridão.

Devo passar em branco um espaço de trinta dias, pela boa razão de que durante estes trinta dias não tive a mínima idéia do que se passava a minha volta. Tinha Uma dezena de ossos quebrados pelo choque com o Mislik e quase metade do corpo gelado, em consequência de vários rasgões no meu escafandro.

Acordei numa cama, num quarto desconhecido, de paredes metálicas. Estava deitado de costas e, por cima de mim, um grande funil quadrado irradiava uma luz violácea, emitindo um zumbido contínuo. Me sentia muito fraco, mas sem nenhuma dor. Pretendi me mover mas verifiquei que os membros estavam imobilizados em talas. Chamei, em hiss.

Foi um Sinzu que veio. Era desconhecido para mim. Tinha os cabelos brancos, de um branco terno, como os nossos na velhice, e não o branco-platinado dos Hiss. Inclinou-se para mim, observando qualquer coisa que eu não podia ver, sorriu e disse algumas palavras. O zumbido mudou de tom e a luz tornou-se verdadeiramente violeta. Senti um formigueiro contínuo e as forças pareceram, lentamente, voltar.

Ele saiu, deixando-me só. Foi fácil para mim reconstituir os fatos: tinha sido ferido

gravemente e estava num hospital sinzu , possivelmente a bordo da astronave.

Recaí numa sonolência agradável. Ao fim dum certo tempo, que fui incapaz de calcular, o Sinzu reapareceu, desta vez com Szan. O Hiss explicou-me o que se tinha passado: apenas atingido pelo Mislik, este, devido ao efeito da luz quente - que se acendeu depois e não antes do choque, como eu supunha ficou fora de combate. Fui levantado por Ulna e o irmão e levado para a antecâmara num estado lastimável. Estava moribundo quando fui transportado para a astronave. Os Sinzus quiseram me tratar, primeiro porque não estava em condições de ser transportado, em seguida porque, no fim de contas, tinha salvo o filho e a filha do chefe, e, finalmente, porque parecia estar eu, fisiologicamente, mais perto deles do que dos Hiss. Até que ponto isto era certo foi revelado pelo exame químico-histo-biológico a que fui submetido de urgência, enquanto era mantido vivo artificialmente por aparelhos que ultrapassavam tudo o que tinha visto em Ella.

Tinha um protoplasma absolutamente idêntico ao deles, de modo que não hesitaram um segundo em fazer-me hétero-*greffes*, coisa que nós não sabemos ainda fazer. Eles são mestres nesta arte e têm sempre em reserva matéria-prima viva, se assim posso chamar.

Na verdade, salvo o fato de eles não possuírem senão quatro dedos, característica que num cruzamento com a nossa espécie desapareceria, são menos diferentes de nós, Europeus, do que o Chinês.

Breve estava curado, graças aos cuidados de Vicédom, o seu grande médico. Seria injusto esquecer o papel de Szzan, a quem eu tinha ensinado um pouco de medicina terrestre, e que o aconselhou, e o de Ulna, encarregada durante longos dias da vigilância do extraordinário coração artificial, de sua invenção.

A partir do momento em que recuperei a consciência já me levantava. Tive, com a ajuda dum capacete amplificador, demoradas conversas com Ulna, seu irmão e seu pai, e comecei a aprender a língua deles. Consegui assim alguns pormenores sobre o planeta Arbor e a raça sinzu.

Os Sinzus, muito avançados sob o ponto de vista científico, têm uma curiosa organização social, herdada dos antepassados. Antigamente todas as famílias sinzus eram nobres e nenhum indivíduo fazia trabalhos manuais, os quais deixavam para a raça inferior dos Telms. Consagravam a vida à arte, às viagens e à guerra. Esta desapareceu há cerca de sete séculos do seu planeta e foi substituída pela investigação científica e pela exploração do Espaço. É um estranho paradoxo que nós fôssemos descobertos pelos Hiss e não pelos Sinzus, porquanto a galáxia deles, como verificamos mais tarde, não é outra senão a nossa tão próxima vizinha Andrômeda. Em verdade, de qualquer modo, as possibilidades de chegarem ao sistema solar, em meio de milhões de estrelas da nossa própria galáxia, eram das mais hipotéticas.

Hoje há cerca de 2 bilhões de Sinzus em Arbor e 350 milhões noutros planetas da sua galáxia. A organização social mantém-se aristocrática. Hélon é irmão dum shémon, isto é, qualquer coisa correspondente a um príncipe. Não há senão quatro shémons em Arbor, chefes de quatro famílias, que descendem dos últimos reis. A organização política é piramidal. No alto, os quatro shémons, semi-hereditários, no restrito sentido de que eles são sempre escolhidos nas mesmas famílias, mas não são necessariamente filhos dos shémons precedentes. Mas Ulna explicará melhor do que eu esta complexa sociedade.

No oitavo dia do meu despertar Vicédom autorizou-me a deixar o quarto. Feliz, saí da astronave, com Souilik e Ulna. Subimos lentamente a Escadaria das Humanidades e vi que efetivamente tinham juntado um Mislik na estátua do Sinzu. Souilik ria

discretamente, olhando o seu pequeno relógio, e Ulna sorria com um ar misterioso. Me sentindo cansado, quis regressar. Eles me dissuadiram, dizendo que o ar me fazia bem, e nos sentamos num banco de pedra, frente ao mar. assza passou e sentou-se também. Falamos de variadas coisas e depois ele nos deixou e partiu para a astronave. Ao fim de um basike Souilik olhou de novo o relógio e, com a face verde enrugada de malícia, me disse:

- Agora podemos regressar.

Quando subimos a escada da astronave os dois Sinzus me saudaram. Fiquei surpreso, porque até esse momento só vira os Sinzus saudarem os chefes e os membros do Conselho dos Dezenove. Ulna e Souilik deixaram-me só. Não fiquei assim por muito tempo, porque Akéion apareceu, vestido com uma esplêndida túnica púrpura, manto da mesma cor, a testa cingida por uma delgada tira de platina.

- Venha - disse ele em hiss. - Há uma cerimônia em sua honra e você tem de se vestir.

Me levou para um camarote e me ajudou a envergar o manto sinzu. Consistia numa longa túnica branca, que me fazia parecer mais escuro do que sou, num manto da mesma cor e numa tira de ouro.

Eu o segui até a proa, junto da cabina de pilotagem. Ao fundo da comprida sala estava um estrado, onde Hélon e Ulna se sentavam. Hélon vestia uma túnica amaranço, Ulna uma verde-pálida. O estado-maior da astronave, vestido de negro, e a tripulação, de uniforme cinzento, se alinhavam ao longo das paredes. Entre as amplas túnicas, as costas de Assza e Souilik, justíssimas, pareciam quase indecentes.

Parei, atônito, a poucos metros da tribuna. O silêncio era completo. Um pouco afastado, Akéion mantinha-se imóvel.

Hélon levantou-se lentamente e disse:

- Quem se apresenta diante do *ur-shémon*?
- Um nobre e livre Sinzu - respondeu Akéion por mim.
- O que lhe dá direito a usar a túnica branca?
- Salvou a filha e o filho do *ur-shémon*,
- Que deseja o nobre e livre Sinzu?
- Receber o "*Ahen-réton*".
- Que dizem os filhos do *ur-shémon*?

Aceitam - disseram em cântico Ulna e Akéion.

Que dizem os nobres e livres companheiros do *ur-shémon*?

- Aceitam disseram em cântico o estado-maior e a tripulação.

- Nós, Hélon, *ur-shémon*, comandante da astronave *Tsalan*, em escala no planeta amigo Ella, em nome dos outros *shémons* de Arbor, dos *shémons* de Tiran, de Sior, de Sertin, de ArborTian e de Sinaph, em nome de todos os Sinzus habitantes dos Seis Planetas, em nome dos Sinzus mortos e em nome dos Sinzus que hão-de nascer, declaramos conceder ao Sinzu do planeta Terra presente, como recompensa da sua corajosa conduta, a honra de Sinzu- hen e o "*Ahen-réton*" do 7.º grau.

Na assembleia houve um murmúrio de surpresa Ulna sorria.

- Avance - disse-me Akéion.

Eu devia estar imensamente ridículo, negro na minha túnica branca, a minha tira de ouro, as delgadas antenas do capacete oscilando, por cima da cabeça. Avancei, não compreendendo bem o que ia se passar. Cheguei ao pé do estrado.

Então, entoado em cântico, elevou-se um cântico estranho e belo, o mesmo que tinha ouvido na manhã em que vi Ulna pela primeira vez, o cântico dos Conquistadores do Espaço. Tive um arrepio de emoção quase religiosa. Senti que me

tiravam o manto branco e me colocavam outro sobre os ombros. O cântico cessou. Tinha agora um manto vermelho, bordado a ouro.

- A partir de agora, homem do planeta Terra, você - prosseguiu Hélon, - é Sinzu como nós. Eis as chaves da *Tsalan* e a arma que pode usar, se os nossos hospedeiros Hiss o permitirem - concluiu ele, sorrindo para Assza.

Me deu duas chaves de níquel, simbólicas - há bastante tempo que os Sinzus, como os Hiss, não utilizavam este meio primitivo -, e um tubo curto de metal brilhante.

- A cerimônia terminou - disse-me ele Esperamos que *song* Vsévolod Clair compartilhará da nossa refeição.

- *Song* é do seu grau - explicou-me Akéion. - É o grau mais alto depois de *shémon*, *ur-shémon* e *vithian*. Permite que você se case com quem desejar de Arbor, mesmo a filha dum *ur-shémon* - terminou ele, olhando Ulna, que corou.

## CAPÍTULO II

### KALVÉNAULT VAI SE EXTINGUIR

Pouco depois de ter sido adotado pelos Sinzus fiz com eles a viagem a Réssan, onde estava o Grande Conselho da Liga das Terras Humanas.

O Conselho não tinha mais do que um representante de cada planeta, mas em Réssan existiam diversas colônias de raças diferentes, variando a sua população entre cinco mil e vinte mil almas. A maioria dos habitantes de Réssan - cento e setenta milhões - era de sangue hiss. Cinco mil *ksills* asseguravam a ligação entre as colônias e as suas metrópoles. Em contra partida, os Hiss só tinham relações irregulares com os planetas onde campeava a guerra, e que, em virtude da lei de exclusão, não estavam representados na Liga.

Em Réssan estavam os mais poderosos laboratórios. Ao longo dos séculos, do contato destes espíritos diferentes tinham surgido múltiplos progressos, para as ciências e para as artes. Quase todos os Sábios de Ella tinham estagiado nas Universidades de Réssan.

De cinco em cinco meses ellianos havia a reunião do Conselho da Liga. O delegado de Ella, que era constitucionalmente o presidente, era atualmente Azzlem.

Desta vez a reunião coincidia com a chegada de duas novas raças, as primeiras de sangue vermelho, e por este fato seria bastante solene, tanto mais que estas duas raças eram insensíveis ante a radiação mislik.

Como representante oficioso dum mundo em guerra, eu não podia aspirar a fazer parte da Liga.

Partimos de madrugada. Há três dias que a estação de chuvas começara em Ella, na zona onde eu habitava. Foi debaixo de forte temporal que o nosso *réob* decolou. Fui com os Sinzus, e não no grande *ksill* pilotado por Souilik. Já tinha viajado nos *ksills*, e, por outro lado, agradava-me imenso fazer a travessia com Ulna,

Você deve ter notado que eu sentia por ela uma grande simpatia. Certos indícios - particularmente os remoques de seu irmão - pareciam indicar que eu era correspondido. Por outro lado, apesar da minha amizade por Souilik, Essine e outros Hiss, da sua inteligência e amabilidade, sentia-me exilado entre estes seres de pele verde. Contrariamente, com os Sinzus sentia-me quase entre compatriotas.

A partida da astronave fez-se também debaixo de temporal.

Segundos depois tínhamos ultrapassado as nuvens e avançávamos direto ao céu. Eu estava no posto de pilotagem, com Ulna, Akéion, o tenente Ren e Arn, primo de Ulna, que pilotava. Em certos aspectos a técnica dos Sinzus é inferior à dos Hiss: o



efeito da aceleração no nosso corpo é consideravelmente reduzido, mas não está anulado como nos *ksills*. Sente-se uma impressão de arranque, que a decolagem suave do *ksill* nunca nos dá.

A viagem não teve história. Passamos longe de Marte e dirigimo-nos para Réssan. Este planeta é menor e mais frio do que Ella, estando também mais afastado de Ialthar. Vimo-lo vir para nós, espécie de bola esverdeada, crescendo rapidamente

Aterramos no hemisfério norte, perto da Casa dos Mundos.

Esta fica num planalto elevado, rodeado de montanhas nevadas, abruptas e selvagens. Mais abaixo as vertentes tinham um tom verde-sombra. A vegetação de Réssan é inteiramente verde, dum verde azulado, muito diferente do verde das plantas terrestres. Em volta da Casa dos Mundos os Hiss tinham semeado a sua erva amarela, e do alto era um espetáculo digno de ver-se, a mancha amarelo-viva, como um campo de botões de ouro, no meio dum prado.

Os Sinzus - duzentos e sete ao todo - não eram suficientes para constituir uma colônia, e por isso fomos hospedados na Casa dos Estrangeiros, junto da Casa dos Mundos, que fora das sessões está desocupada. Como a sessão se realizaria somente dentro de uma semana - semana elliana, de oito dias -, ficamos como em nossa casa.

Estes oito dias, quase iguais aos de Ella, isto é, com vinte e sete horas de duração, foram dos mais agradáveis. Com Souilik e Essine demos deliciosos passeios, a lugares de uma beleza selvagem. Regressávamos sempre antes de anoitecer, porque em Réssan os dias são temperados, mas as noites são glaciais e a temperatura desce facilmente a 10° negativos. Depois do calor de Ella, este frio era-me agradável. Os Sinzus suportavam bem o clima, mas os Hiss, mais friorentos do que gatos, vestiam os escafandros para atravessarem a planície até ao *ksill* quando se demoravam até tarde junto de nós.

Reparei que perto havia uma encosta coberta de neve, e, ajudado pelos mecânicos da astronave, fiz um par de esquis. Oh, o espanto dos Hiss e dos Sinzus quando me viram deslizar pela encosta, num turbilhão de neve! Os Sinzus não tardaram em imitar-me e nomearam-me professor.

Souilik e Essine foram mais difíceis de convencer, e tinham aprendido a fazer uns escassos metros sem cair quando o Conselho se reuniu.

Azzlem veio de noite, com o pessoal hiss subalterno que assegurava o funcionamento da iluminação e do aquecimento.

Na madrugada do dia seguinte começaram a chegar *ksills* e antes das 10 horas a planície estava coberta de pássaros metálicos. Então a porta da Casa dos Mundos abriu-se e os delegados começaram a entrar em fila.

Empoleirados no *ksill* de Souilik, nós os observávamos Na frente ia Azzlem, seguido de Hélon. Depois desfilaram diante de nós todas as raças que eu já vira na Grande Escadaria de Ella, mas desta vez em carne e osso. Meu Deus, que espetáculo!

De pele azul, verde, amarela, grandes, pequenos, fortes ou ferozes, como o gigante kaïen, com olhos de lagosta, que vinha de uma galáxia tão longínqua como a nossa, mas na direção oposta.

Souilik mostrou-me alguns, que pareciam e podiam ser confundidos com os Hiss, como Kren, do planeta Mara, onde se fabrica uma bebida infecta, chamada "Aben-Torne", que os convidados têm de beber, por delicadeza.

Na retaguarda vinham uns seres que de humano só tinham a inteligência. Alguns assemelhavam-se a monstruosos insetos blindados. Uma sensação esmagadora evolava-se deste cortejo, infinitamente variado.

- Nunca ninguém conhecerá todos os planetas - disse Souilik melancolicamente.

Por fim entramos também na Casa dos Mundos. Se no exterior ela parecia um monolito, titânico e maciço, no interior era ricamente decorada de esculturas e pinturas. Numa galeria circular estavam imagens das mais importantes capitais.

Atravessamos um jardim de inverno, onde cresciam plantas exóticas. Souilik mostrou-me, num globo hermético e transparente, a planta stémet, do planeta Ssin, do Primeiro Universo. Ela torna toda a vida animal impossível, porque as suas flores, que parecem cinzeladas em ouro, destilam um veneno gasoso, mortal, em doses infinitesimais,

Por uma escada de degraus talhados em matéria verde e vítrea, que lembrava a obsidiana, chegamos a um camarote, do qual se via toda a sala de reuniões. Na minha direita ficou Ulna e a esquerda uma criatura feminina, frágil, cor de pervinca, cabelos negro-azulados, olhos de um violeta imenso, da raça R'ben, do planeta Pharen, da estrela Véssar, do Décimo Primeiro Universo.

Em baixo, no anfiteatro, os delegados ocupavam os seus lugares. Cada um tinha uma mesinha, onde brilhavam complicados aparelhos. Reinava um silêncio espantoso.

Os Hiss têm um sentido de encenação muito desenvolvido.

As luzes apagaram-se. Um projetor lançou um delgado fecho de luz sobre o estrado. Dum alçapão subiu uma plataforma, na qual, em cadeiras de metal brilhante, estavam Azzlem e mais quatro delegados, entre os quais Hélon. Azzlem levantou-se e começou a discursar. Falava em hiss, mas, graças aos poderosos transmissores de pensamento, nós o ouvíamos na nossa língua. Lembrou as decisões tomadas no último Conselho e citou a minha chegada e a dos Sinzus e a milagrosa resistência que tínhamos contra a irradiação mislik. Graças a nós, a luta ia mudar: de defensiva, passaria a ofensiva. A primeira ação seria de reconhecimento ao interior do império inimigo, em pleno coração das Galáxias Malditas. Era possível que se passassem muitos séculos antes de o inimigo recuar. Mas haviam se acabado as hesitações. Armas não faltariam para matar os Milsliks. Tudo o que produzisse calor seria uma arma. Mas até então tudo o que haviam tentado custara-lhes caro.

Ele falou muito tempo. Descreveu para a assembleia, que representava o escol das raças celestes, a nossa estrutura. Devíamos a imunidade ao fato de o nosso corpo conter tanto ferro como o dos Milsliks. Apesar desta longínqua semelhança com os seres das Trevas, éramos dignos do nome de "homens".

Os Sinzus tinham lugar na Liga porque há muito tempo que haviam repudiado qualquer espécie de guerra. Em contrapartida, os "Tsériens" não seriam por enquanto senão aliados, mas a sua civilização era jovem, e ele esperava em breve podê-los receber em pé de igualdade.

- Discurso inaugural, sem importância sussurrou-me Souilik. - O verdadeiro trabalho seria feito pelos grupos. - Pela lei de exclusão você não poderá ser admitido na Liga, mas fará parte do grupo hiss.

- Por que hiss?

- Não esqueça que fomos nós que lhe descobrimos, apesar de depois ser você adotado pelos Sinzus.

Azzlem sentou-se. Houve um silêncio e, de súbito, cântico hiss que nunca tinha ouvido, ecoou. Não representou nada para mim, porque, como já disse, a música deles é demasiado complicada para nosso ouvido e tem notas que não são audíveis.

Olhando Souilik e Essine, fiquei atônito com a sua expressão, que refletia um êxtase, uma comunhão mística com todos os seres de sangue verde e azul. Em baixo, na sala iluminada por uma luz malva, todas as faces apresentavam a mesma

expressão nostálgica e repousante. A minha vizinha de pele cor de pervinca também estava em êxtase. Só Hélon, no estrado, eu, Ulna e o irmão não parecíamos comovidos. De repente uma imagem surgiu no meu cérebro: uma vez, na Terra, eu vira umas "atualidades" que mostravam a multidão, em Lourdes, aguardando o milagre. Era com isto que se pareciam todas as muitas faces das raças do Céu. O cântico continuava: era uma evocação ao Deus criador, à Luz primordial.

Fez-se silêncio. Todos estes seres doutros mundos ficaram, por muito tempo, imóveis e recolhidos. Por fim, Azzlem fez um gesto e a multidão começou a sair.

- Não sabia que vocês tinham convertido estas raças para a religião dos Hiss, disse a Souilik.

- Não os convertemos. E você sabe que eu próprio sou cético. As palavras são inúteis. A música foi composta, há muitos séculos, por Rienss, o maior gênio musical de Ella-Ven. Ela é suficiente para nos pôr em transe. Acontece que age de maneira idêntica sobre todas as raças. E como todas as religiões, em tudo o que têm de mais elevado, coincidem... Mas você não sentiu nada?

- Não. E não creio que os Sinzus sentissem algo.

- Não diga isso! Não diga! Por agora, pelo menos. Os meus compatriotas são muito suscetíveis neste assunto. Os Homens-Insetos são como vocês, e isso, em princípio, trouxe-lhes complicações. Chegou-se a falar em excluí-los da Liga. Com vocês não há esse perigo. Vocês são a nossa grande esperança na luta com os Milsliks.

O Conselho durou onze dias. Antes do último dia não houve outra reunião plenária. O trabalho foi feito pelas comissões técnicas, as quais assisti, integrado na delegação hiss. Após a cerimônia de encerramento, partimos para Ella. Soube, com desgosto, que os Sinzus ficavam em Réssan.

Retomei os hábitos anteriores. Continuei em casa de Souilik. Todos os dias ia na Casa dos Sábios, onde, com Assza e Szzan, nos entregávamos a experiências de biologia comparada.

Assza conseguiu reproduzir, artificialmente, a radiação mislik. Eu nunca cheguei a compreender claramente a sua natureza, mas posso afirmar que nada tem que ver com as radiações eletromagnéticas. Os Hiss e os Sinzus - e outras raças ainda chegaram a capítulos da física dos quais os nossos sábios terrestres não suspeitam sequer a existência.

Me sentia perfeitamente a vontade em Ella. Já falava o hiss, não corretamente, mas correntemente, e não tinha necessidade, para compreender uma conversa, de usar o capacete. Adotado pelos Ellianos, tinha amigos, relações, um trabalho. Fazia oficialmente parte, a título de membro estrangeiro, da Seção de Biologia Aplicada na Luta Antimislik, e, por isto, eu, biologista terrestre, colaborava com Szzan e Ressenok, tendo debaixo das minhas ordens uma dezena de jovens biólogos hiss.

Estava de tal modo integrado na vida elliana que um dia, no laboratório, conversando com Assza, proferi um "nós, os Hiss", que provocou uma tempestade de gargalhadas. Os Hiss são um povo realmente amável, cheio de delicadezas, apesar da sua frieza natural, mas de mais fácil convivência que os Sinzus, duma maior suscetibilidade.

Ao fim de um mês a astronave regressou de Réssan - e tive o prazer de ter Ulna e Akéion na nossa equipe.

Os meus dias passavam-se assim: ao nascer de Ialthar, depois de tomar o pequeno almoço com Souilik, ia para o laboratório. Passava pela astronave para levar Ulna e o irmão. Trabalhávamos até de tarde. Ao meio-dia ia almoçar, umas vezes na Casa dos Estrangeiros, outras na astronave. Voltávamos novamente para o laboratório, onde trabalhávamos até ao anoitecer. Quando o tempo estava bom

íamos nos banhar na baía. Não podíamos nos afastar para o largo, porque era bastante perigoso, por haver muitos *vsiiivz*, espécie particularmente voraz de peixes. Havia uma barragem protetora de *hassrn*, que, pelos seus raios antibióticos diferenciais, evitava que eles entrassem. Souilik e Essine apareciam por vezes a nos fazer companhia. Os Hiss são admiráveis nadadores. Souilik fez várias vezes, diante de mim, em 47 segundos, 100 metros, pulverizando a brincar o nosso recorde do mundo.

Os Hiss e os Sinzus praticavam muitos exercícios físicos.

Mais fracos do que os Terrestres, ultrapassavam-nos em agilidade. Farto de ser batido por eles em natação, corridas e saltos, ensinei-lhes o lançamento do peso, do disco e do dardo, ou, mais exatamente, relembrei-lhes a sua prática, porque os Hiss se tinham dedicado a desportos análogos na antiguidade.

Já de noite, regressávamos de *réob*. Souilik ensinou-me a conhecer as estrelas do seu céu. Ficávamos por vezes até tarde a contemplá-las a olho nu ou auxiliados por um binóculo. Os Hiss são um povo cósmico: até as crianças conhecem as constelações, o que é matéria de exame. Ulna e o irmão vinham por vezes ter conosco, num pequeno engenho em forma de torpedo, mais rápido do que o *réob*, mas menos estável.

Enquanto eu trabalhava, procurando proteger os Hiss contra as radiações Milsliks - tínhamos conseguido só uns pequenos avanços -, Souilik e centenas doutros jovens comandantes de *ksill* treinavam no manejo de armas, para a grande luta. Uma ilha no mar Verde foi evacuada e bombardeada com um verdadeiro dilúvio dos mais variados projéteis, desde a nossa bomba atômica até estranhos engenhos de destruição, dos quais, felizmente, não temos a menor idéia na Terra, e de que oportunamente farei a descrição. -

Um dia recebi ordens para aprender a manejar um *ksill*.

Levei mais de três meses para o conseguir. Dirigir este engenho no Espaço não é mais difícil do que pilotar um *réob*. A dificuldade está na passagem no *ahun*. Não consegui mais do que o brevet de 2 classe... Aprendi a partir para o *ahun* e a voltar por tentativas, surgindo aqui e ali no Espaço. Nunca ultrapassei o Quarto Universo. Ir mais longe, e sobretudo regressar, exigia capacidades matemáticas, que não tinha. Não compreendi nada da teoria do *ahun*, mas pilotava o *ksill* como as mulheres terrestres conduzem aceitavelmente automóveis sem compreenderem nada de motores de explosão.

Ainda que pareça estranho, foi-me assaz fácil, mais tarde, comandar a astronave sinzu. No dizer dos Hiss e dos Sinzus, há diferenças no processo de atravessar o *ahun* - *rr'oor*, como lhe chamam os Sinzus.

Eles nem mesmo têm a certeza de que se trate do mesmo *ahun*! De fato, um *ksill* e uma astronave, navegando de conserva, e entrando simultaneamente no *ahun*, demorando-se lá o mesmo tempo, não saem juntos. A diferença pode ir até um quarto de ano luz, quando se trata de longas distâncias.

Me lembro perfeitamente de uma noite, por esta altura, em que, excepcionalmente, Souilik, Essine e eu ficamos na Casa dos Estrangeiros. Estávamos na praia, esperando Ulna e Akéion. Souilik informou-me oficialmente do seu próximo casamento com Essine, casamento do qual eu devia ser *stéen-sétan*, Ulna chegou sozinha e sentou-se junto de mim. O céu estava particularmente límpido e as estrelas brilhavam intensamente. Souilik interrogou-me sobre elas e eu designei Oriabor, de um amarelo-avermelhado, Schéssin-Siafan, vermelha, Béroé, azulada, as três da constelação de Sissantor, etc.

- Não volte a cabeça: Qual é a estrela, grande, muito azul, que está exatamente, por detrás de você, mais ou menos a 30º acima do horizonte?

- Kalvénault - disse eu triunfante. E voltei-me para verificar. - Mas não a acho particularmente azul - acrescentei.

- Ah! Isso depende um pouco da sua posição - respondeu-me, sem sequer olhar. - Fui uma vez a um planeta de Kalvénault, inabitado mas muito bonito.

Akéion chegou neste momento, acompanhado de alguns Sinzus, e nós mudamos de conversa.

Posteriormente pensei muitas vezes que tinha sido o primeiro a verificar a anormalidade de Kalvénault. De fato, tratando-se de uma estrela próxima - a menos de seis anos-luz -, e muito conhecida, era raramente observada pelos Hiss, tanto pelos astrônomos como pelos simples cidadãos.

O casamento de Souilik teve lugar cerca de dois meses ellianos depois desta noite. Há duas espécies de casamentos em Ella. O mais simples se resume na presença dos noivos diante de um membro do registo civil. O segundo, mais complexo, faz-se segundo os antigos ritos. Era este o caso do de Souilik, pois ia casar com a filha do grão-mestre das emoções místicas.

Como eu era o *stéen-sétan*, dois jovens padres hiss vieram oito dias antes da cerimônia iniciar-me.

Na era das guerras proto-históricas acontecia frequentemente os casamentos entre tribos diferentes serem perturbados por guerreiros, que não aceitavam a partida da jovem da tribo. Por isso o noivo escolhia na própria tribo da noiva, ou em qualquer outra, mas nunca na sua, o *stéen-sétan*, encarregado de proteger os jovens recém-casados durante os três dias que duravam as cerimônias.

O *stéen-sétan* era quase sempre um guerreiro conhecido pelos seus feitos, um chefe influente ou um padre. Claro que agora já não se tratava de combates armados, mas a excitação das bebidas provocava por vezes verdadeiras batalhas. Ainda por cima, a noiva não podia retirar-se nem um minuto, o que anularia o casamento. Souilik escolheu-me não só como amigo, mas também por causa da minha grande força de terrestre. Recrutei onze fortes auxiliares entre os familiares de Essine.

Os primeiros ritos desenrolaram-se em casa de Essine e foram estritamente de caráter particular. Só assistiram os membros da família, os padres e eu, na minha qualidade de *stéen-sétan*. Foram muito simples e Souilik aborreceu-se durante as longas orações, mas Essine e os outros estavam realmente concentrados. Houve também cânticos arcaicos, mas sem aqueles graves e agudos que caracterizam a música contemporânea hiss. Acendeu-se uma chama verde - cor de sangue! -, que deveria estar acesa durante três dias. No segundo dia houve a cerimônia do juramento mútuo, em que os noivos se prometeram ajuda e proteção, mas não fidelidade, porque isso era a regra. Depois houve um pequeno banquete só para os íntimos. Foi somente no terceiro dia que o meu papel se tornou ativo.

Começou pela promessa às estrelas: os esposos comprometeram-se a educar os filhos no culto da Luz e no ódio aos Filhos da Noite e do Frio. Houve um intervalo de cinco horas, consagrado a oração, e finalmente o grande banquete.

Este teve lugar no Palácio do Casamento do distrito. Éramos mais de quatrocentos na mesa. Todo o pessoal científico dos laboratórios da Casa dos Sábios e mesmo alguns dos Sábios - grande honra, devida ao fato de Souilik ter descoberto uma raça de sangue vermelho. Assza também estava e informou-me de que o Mislik morrera. Assistiram uma delegação de comandantes de *ksill*, com o ajudante de campo do

"almirante", vinte e sete Sinzus, entre os quais Ulna e o irmão, e uma multidão de Hiss, conhecidos e desconhecidos. Vi com surpresa, na esquerda de Essine, a jovem de pele cor de pervinca.

Tratava-se de uma amiga dos tempos universitários, nascida em Réssan, que dava pelo encantador nome de Beichitinsiantorépanséroset. Safa!

Fiquei numa mesa junto da única porta, com os meus onze auxiliares. Usando do meu privilégio, convidei Ulna e o irmão para junto de mim.

Serviram-se variadíssimos pratos, todos com forma de geleias coloridas, dos quais alguns me pareceram deliciosos, outros medíocres ou até, francamente, maus. As bebidas eram igualmente variadas, fracamente alcoolizadas, de gosto muito variado para o meu paladar.

Quase ao fim do banquete, Zéran, o comandante-chefe da esquadrilha de *ksills*, ofereceu a Souilik o famoso "*Aben- Torne*" dos Krens, do planeta Mara.

Que cara ele fez quando foi obrigado a ingerir a bebida que tanto detestava! Pedi para a provar e fiquei agradavelmente surpreendido: parecia-se com um excelente e velho uísque! Ulna e Akéion foram da mesma opinião, e os três acabamos a garrafa, perante os olhares horrorizados dos Hiss.

Reinava franca alegria, como é hábito em qualquer reunião elliana. Supunha o meu papel terminado, sem ter de intervir, quando ouvi barulho lá fora.

Assza partira para a Casa dos Sábios, chamado por um trabalho urgente. Pela porta entreaberta chegou-nos um clamor. Me levantei imediatamente e reuni os meus auxiliares. Cerca de trinta jovens Hiss aproximavam-se, entoando uma antiga canção guerreira. Segundo a praxe, eles iam tentar entrar à força e raptar a noiva. Cumpria-me evitá-lo, por qualquer preço, durante meio *basike*.

A luta foi rija. Eles atacaram e foram recebidos com uma saraivada de golpes, em que a minha força de terrestre fez maravilhas. Desde os antigos tempos de colégio, onde jogava *rugby* ao seu lado, como talonador, que eu não me divertia tanto! A luta continuou durante um quarto de *basike*, com diversas alternativas, mas o "inimigo" não conseguiu forçar a passagem. De repente, por cima das cabeças dos assaltantes, vi um *réob* aterrar a toda velocidade.

Um Hiss de grande estatura precipitou-se. Era Assza.

Correu para nós, gritando, mas o barulho impedia-me de o ouvir, e não transmitia porque estava longe. Mergulhei no meio da multidão, empurrando e gritando: "Calem-se, calem-se!". Durante uns segundos de relativo silêncio consegui ouvir:

- Kalvénauld vai se extinguir. Kalvénauld vai se extinguir!

## CAPÍTULO III

### REGRESSO IMPOSSÍVEL

Então, abruptamente, fez-se um silêncio enorme.

Assza deu-nos depois algumas explicações: durante o banquete recebera um recado de Azzlem - que fosse rapidamente na Casa dos Sábios! Lá, Azzlem mostrara-lhe os espectrogramas recebidos do Observatório Central do monte Arana. Para um astrofísico a coisa era clara: Kalvénault mostrava o espectro das Galáxias Malditas. Como o Palácio do Casamento não tinha telecomunicações, Assza retomou rapidamente o *réob*. Souilik levantou-se e aproximou-se lentamente.

- Compreendo - disse. - Os Milsliks estão nos planetas de Kalvénault! - Com um esgar, continuou: Cinco anos-luz. Só cinco!

- Que a Luz primordial proteja Ialthar - acrescentou Essine.

Calaram-se todos. Olhei as faces pálidas dos meus hospedeiros. - Devem ter começado há pouco - disse eu. - Souilik há três anos visitou Rissman e nada viu de suspeito.

- Fui a Rissman, mas não a Erphen, nem a Sion, nem aos planetas Seis e Sete. Eles devem estar nestes dois últimos. Os outros são muito quentes, pelo menos nesta altura...

Depois de um demorado silêncio, Assza declarou:

- Não é momento de discutir. O Tsérien que venha comigo. Os outros ocupem os seus postos antes da noite. Não haverá, decerto, perigo imediato para Ialthar. Temos colônias em todos os nossos planetas, incluindo os mais frios. Estando em Kalvénault, os Milsliks não têm ação no nosso sol. Souilik e Essine: o dia é de vocês! Amanhã, ao meio-dia, procurem-nos.

Partimos, acompanhados pelos Sinzus. No *réob* Assza foi mais explícito: não só Kalvénault parecia atingido de morte, como El Toéa e Asselor mostravam também sinais inquietantes. No dia seguinte os Sábios, de acordo com a Administração de Ella, de Marte, de Réssan e o Conselho da Liga das Terras Humanas, decretariam o estado de sítio. Não havia dúvidas: os Milsliks tinham invadido o Primeiro Universo.

Voando sobre a Casa dos Sábios, na península de Essanthem, vimos uma esquadrilha de *ksills*, que rapidamente tomavam altura. Eram cem, em linhas cerradas. Estranho espetáculo! Muito brilhantes, numa velocidade enorme, desapareceram no céu azul.

- Primeiro vôo de reconhecimento - disse Assza. - Quantos voltarão? Em que planeta estarão os Milsliks? Estarão algures no Espaço interplanetário? Quem os

descobrir quase não tem probabilidades de escapar. - Calou-se um momento. - Souilik vai zangar-se. Esperava comandar esta esquadrilha.

- E eu? Que vou fazer? - perguntei.

- Partirá com a segunda esquadrilha, num *ksill* de guarnição - Hiss e Sinzus.

Quando aterramos, ao lado da astronave, notei que a escada estava levantada e todas as bandeiras tinham desaparecido. Era a guerra.

Entramos diretamente na sala do Conselho. Havia assembléia plenária: os Dezenove na frente, os outros na retaguarda. Me indicaram um lugar na segunda fila, com os representantes dos Sinzus. Foi rápido: não se tratava de escolher entre a guerra e a paz. Era necessário a todo o custo expulsar os Milsliks do Primeiro Universo. Só depois se atacariam as Galáxias Malditas.

Era impossível utilizar de momento a astronave sinzu. Kalvénault não estava no seu raio de ação. Uma parte da guarnição passou para os *ksills* e a outra voltou a Arbor, em busca de reforços.

A astronave partiu de madrugada. Meia centena de Sinzus, além de Ulna e Akéion, ficaram em Ella. Ao meio-dia chegaram Souilik e Essine; partimos imediatamente para a ilha de Aniasz, ponto de concentração da segunda esquadrilha. Chegamos nove horas depois.

A segunda esquadrilha era composta de 172 *ksills* dos mais variados tipos: desde o tipo ligeiro, que me tinha trazido da Terra, até aos pesados - de mais de 150 metros de diâmetro -, poderosamente armados e com sessenta tripulantes.

Avançamos até ao meio da formação. Souilik apontou um *ksill* médio:

- É o nosso - disse. - O navio-almirante - acrescentou, entre orgulhoso e brincalhão.

Estranho navio e estranha guarnição: Souilik, chefe de esquadrilha, Snezin, comandante de bordo, dez Hiss, Ulna, Akéion, Herang, físico sinzu, e eu.

Nós quatro formaríamos o grupo de desembarque. Conosco seguiam também dois jovens Hr'bens: Beichitinsiantorépanséroset e Séférantosinanséroset. Iam experimentar uma nova arma, não térmica, criada nos laboratórios de Réssan. Concordamos, é óbvio, em abreviar-lhes os nomes, muito longos: Beichit e Séfer, assim os chamamos desde então.

Nos dias seguintes treinamo-nos intensamente no uso de armas e manejo de *ksills*. Hérang, Ulna e Akéion, habituados aos aparelhos sinzus, aprenderam depressa e rapidamente me ultrapassaram. Eram também superiores a mim no manejo das armas sinzus; em contrapartida, eu os batia nas armas hiss. A nova arma hr'ben. não foi experimentada; só seria eficaz contra os Milsliks.

Ao amanhecer do sexto dia fomos convocados para a Casa dos Sábios. Para lá nos dirigimos de *ksill*, a uma velocidade prodigiosa. Tinha regressado o que restava da primeira esquadrilha. Tal como Assza previra, as perdas tinham sido elevadas - de cento e dois *ksills*, somente tinham voltado. vinte e quatro.

As notícias eram francamente más. Kalvénault estava quase extinto. Apesar de a sua luz nos chegar ainda brilhante, um pouco avermelhada, há cinco anos que ia amortecendo lentamente.

Souilik sentiu um arrepio retrospectivo ao compreender que, quando da sua viagem a Rissman, os Milsliks estavam, havia já dois anos, nos planetas Seis e Sete. Agora o seu solo gelado enxameava de Milsliks.

Como tinham feito com o sol Sklin, construíram formidáveis torres metálicas. Era impossível surpreendê-los, porquanto, em grupos de nove, patrulhavam incessantemente o vácuo interplanetário.



Os *ksills* de reconhecimento bombardearam as torres do planeta Seis, mas foi-lhes impossível aproximarem-se do planeta Sete. A nós competia romper as defesas deste, destruir as misteriosas torres e voltar, se possível. Dispúnhamos para isso de veículos blindados, que nos defenderiam, um pouco, do ataque dos Milsliks.

Mentiria se dissesse que tal perspectiva me agradava. Só a idéia de desembarcar num mundo novo, para defrontar sabe-se lá o quê, na companhia de seres quase desconhecidos, gelava-me dum pavor antecipado.

Mas... já não podia recuar. Hóspede dos Hiss, tinha sido aceito como um deles e tinham-me confiado muitos dos seus segredos. Estava imunizado contra as radiações Milsliks e, feitas bem as contas, defendendo Ialthar, defendia o nosso sol e a única possibilidade de sobrevivência da nossa espécie. Aceitei.

Partimos na madrugada do dia seguinte. Em breve chegamos perto da órbita de Rissman, terceiro planeta do sistema Kalvénault.

Não se pense que cada estrela tenha um cortejo de planetas

Na realidade, segundo os Hiss, só uma estrela em cento e noventa os comporta. Somente dois planetas em dez são habitáveis, e nestes só um em mil é suscetível de vida humana. Rissman é habitado por formas primitivas de vida, análogas às que floresceram na Terra no período cambriano.

A concentração de fôrças fez-se próximo de Rissman. Era um mundo de tamanho intermédio, entre a Terra e Marte. Antes da invasão mislik era iluminado por um radioso sol azulado, um dos mais belos do Primeiro Universo. Agora parecia um olho sangrento, vermelho e sombrio. O seu solo estava coberto de neve e gás carbônico liquefeito. A temperatura baixara para 100° negativos e toda a forma de vida desaparecera já, salvo nas grandes profundidades dos oceanos gelados.

Nem sei descrever a desolação do nosso campo de vista: imagine uma planície enorme, estendendo-se até ao infinito, numa semiobscuridade avermelhada. Aqui e além, alguns montículos de neve, imprecisos, moles. Por entre eles, as manchas achatadas dos *ksills*, mescla de brilho e sombra, em volta das quais circulavam minúsculas silhuetas de escafandro. À medida que Kalvénault se aproximava do horizonte, a sua luz, refletida nos gelos, lembrava dedos sangrentos a apontar para nós. Me sentia longe da Terra, perdido no universo imenso, a bilhões de quilômetros do meu planeta natal. Tinha a sensação do fim do mundo, do Apocalipse, do exílio fora do tempo. Os próprios Hiss me pareciam estranhos e sem afinidades comigo. Ulna sentia decerto o mesmo: tremia muito e empalidecia de momento a momento. Akéion e o outro Sinzu olhavam, mudos e impenetráveis.

No posto de comando Souilik radiodifundia as suas ordens.

A sua voz soava calma e fria, mas percebia-se, apesar de tudo, a exaltação de que estava possuído. Era o seu primeiro comando importante e, ainda que quase sem esperanças de volta a Ella, o jovem descobridor de planetas orgulhava-se de estar na cabeça da primeira vaga de assalto.

Me sentei, recapitulando tudo o que aprendera sobre o manejo de armas e também sobre o modo de dirigir o engenho blindado que tentaria nos proteger dos Milsliks. Ulna pousou a mão no meu ombro e disse:

- Você não quer descer? Souilik acaba de informar que vamos partir em breve.

A sua voz cantante tornava mais doce a linguagem dos Hiss.

Estava inclinada para mim. Os longos cabelos louros emolduravam-lhe o rosto dourado, estranhamente humano. Sorria com o maravilhoso sorriso das jovens Sinzus que é possível você ver agora nos lábios dela.

Seja - disse eu. - Saíamos.

Não se demore - gritou Souilik. - Vamos partir em breve.

Não dissemos grande coisa um ao outro, Ulna e eu, durante esse curto passeio pelo solo gelado de Rissman, entre os *ksills*. Mas o nosso entendimento data desse momento. Não é fácil entrar na intimidade dum Sinzu. A sua orgulhosa reserva está muito longe da cordialidade um pouco indiferente dos Hiss. Mas quando se tornam amigos, são, de fato. Quando voltamos Ulna escorregou e caiu. Ajudei-a a erguer-se. Senti nos meus braços, sob o escafandro, o corpo leve e vi, através do vidro, os olhos dela postos nos meus. Compreendi então que, apesar dos milhares de anos-luz que separavam o seu planeta do meu, ela estava mais próxima de mim e me era mais querida do que todas as moças que tinha conhecido na Terra.

Fui ter com Souilik ao *séa//*. Estava rodeado por Essine, Akéion, Beichit e Snezin.

- No que diz respeito a vocês, eis a nossa manobra: vamos entrar no *ahun* e sair rente a Sete. Seremos acompanhados por vinte e cinco *ksills* de equipagem mista. Os outros atacam os Milsliks e criarão uma zona quente na superfície do planeta, zona onde aterraremos. Sete grandes *ksills* desembarcarão os carros, num dos quais você embarcará com os Sinzus. Em seguida partiremos novamente, pois não podemos suportar a radiação mislik, nem conservar muito tempo a zona aquecida. Tentaremos apoiar vocês, lançando bombas. A tarefa será atingir e destruir as torres Milsliks. Haverá doze carros, dos quais você, Akéion, tomará o comando. Isto feito, viremos buscá-los, criando uma nova zona quente.

Com um gesto seco, cortou a comunicação com os outros *ksills*.

- O seu *sahiano* é o único pintado de vermelho. Tenho ordem formal do Conselho para fazer você regressar, custe o que custar, a Ella. Para os outros faremos o que for possível.

Restabeleceu as comunicações e transmitiu as suas ordens.

O primeiro *ksill* deslocou entre um crepúsculo avermelhado.

Saímos dez minutos depois.

Souilik regulou minuciosamente um aparelho complicado: - A nossa passagem para o *ahun* será, desta vez, tão curta que os meus reflexos seriam demasiado lentos para poderem assegurar a manobra. Este mecanismo se encarregará disso. Espero não me enganar, pois se saíssemos sob a superfície... Segure-se bem! Vou pôr o aparelho em marcha.

Longe de nós, podíamos ver, no écran do Nadir, a superfície desolada de Rissman.

Ulna sentou-se a meu lado; me agarrei desesperadamente ao braço da cadeira. Como um relâmpago, passou no écran o mais fantástico espetáculo que até hoje vi.

Sobrevoávamos uma planície rodeada de montanhas negras.

Longe, no horizonte, brilhava Kalvénault. Parecia um rubi. De dez em dez segundos rebentavam bombas térmicas: nascia a zona quente. Muito para lá do horizonte outras explosões formidáveis iluminavam os céus, recortando a silhueta trêmula de montanhas desconhecidas. No meu cérebro surgiu, em letras gritantes, jornalísticas: "O nosso correspondente na frente da guerra cósmica informa...".

Neste momento Souilik bradou:

- Vamos aterrar! Depressa, Slair, vista o escafandro; e vocês, Sinzus, também!

Quando eu passava diante dele levantou-se e, com espontaneidade rara entre os Hiss, abraçou-me rapidamente

- Bata-se bravamente, por Ialthar e pelo seu sol.

Essine acenou-me com a mão. Seguido de Ulna, Akéion e Hérang, preparei-me para sair.

No meu capacete a voz de Souilik soou bruscamente: - O carro está a esquerda! Saiam!

Saímos. de pistola térmica em punho. O solo estava juncado de Milsliks mortos,

achatados, meio desfeitos. O carro nos esperava. Um Hiss desconhecido abriu a porta. Por prudência, guardamos os escafandros. O nosso nome indicativo era "Arta", palavra imaginária, que evitava toda a confusão.

- Arta, Arta, Arta - ordenou Souilik. - Abandonem a zona quente. Temos de largar. Não há um Mislik vivo nestas zonas mais próximas. As torres estão a oeste-noroeste. Vamos guiá-los. Aqui, Paris. Fim.

Por brincadeira, eu sugerira a Souilik que usasse o indicativo "Paris".

- Aqui, Arta. Entendido. Vamos partir respondeu Akéion, que depois deu rapidamente algumas ordens.

Arranquei e partimos. A condução dos carros era fácilíssima: um volante, um acelerador e um inversor para a marcha ré.

Sentada ao meu lado, Ulna comandava as armas dianteiras.

Tudo o que se passava num ângulo de 180° se refletia num écran colocado na nossa frente. Na retaguarda Hérang vigiava o resto do horizonte. Akéion, ao centro, no posto de comando, controlava todas as comunicações e também a arma hr'ben, da qual ainda desconhecíamos os efeitos. Durante cinco minutos rolamos a grande velocidade e sem acidentes. As lagartas do carro agarravam-se bem ao solo gelado do planeta sem nome. Na nossa frente o horizonte continuava iluminado por explosões silenciosas neste mundo sem ar, das quais sentíamos, as vezes, o estremecimento, comunicado pelo solo. Em contraluz passavam, a enorme velocidade, *ksills* ovais, redondos ou afusados, segundo o ângulo em que se apresentavam.

Os Milsliks! Um quase indistinto refulgir metálico numa fenda afogada pela sombra pôs-nos em guarda.

O carro da esquerda atirou e, com a deflagração do obus térmico, brilharam carapaças geométricas deslizando para nós. Não procuraram fugir. Passamos por blocos de metal meio desfeitos rodeados de espirais violetas: os sobreviventes irradiavam em vão.

Sempre combatendo, forçamos um estreito desfiladeiro com alguns projéteis.

Atrás os outros carros guardavam a retaguarda, limpando todos os recantos. Ao chegarmos a um vasto circo, rodeado de rochedos enegrecidos, os Milsliks mudaram de tática. Do alto das escarpas atiravam-se sobre as nossas máquinas. Em três minutos perdemos dois carros, que ficaram esmagados, desfeitos.

Começamos então a usar alternadamente raios térmicos e intensos campos de força de gravidade. Qualquer Mislik morto em pleno vôo era rapidamente desviado por um aumento súbito da força de gravidade. Entretanto, os outros carros desfaziam a granada os cimos dos rochedos.

Por um segundo desfiladeiro desembocamos noutra planície.

Ao longe, na nossa frente, recortavam-se as torres no horizonte em chamas. Tão altas eram que as explosões mal lhes iluminavam as bases.

Pouco a pouco nos aproximamos, perdemos mais três carros e desintegramos mais de cinco mil Milsliks.

Quanto mais nos aproximávamos mais fantástico se tornava o espetáculo: os *ksills* deixavam cair bomba após bomba, os relâmpagos sucediam-se rapidamente - parecia dia claro.

O calor provocado, fazendo evaporar as massas de gás gelado, dava ao planeta um ar de atmosfera, mas esse nevoeiro dificultava a visão, tomando impossível a apreciação das distâncias.

Passamos ao lado dos despojos dum *ksill* enorme esmagado na planície, desfeito; o cadáver dum Hiss pendia duma viga torcida .

. Não encontramos mais Milsliks vivos. Um dos nossos termômetros marcava 100 negativos, o que estava muito além da capacidade de resistência dos Milsliks.

Akéion transmitiu o fato a Souilik. Foi com alegria que ouvi a resposta:

- Ótimo. Vamos cessar o bombardeamento. Desçam e tentem estudar as construções Milsliks. Podemos protegê-los durante algum tempo. Depois concentrem-se a este das torres. Iremos buscá-los.

- Akéion - disse eu -, pergunte como vão as coisas por lá.

- Não vão mal. Quarenta por cento de baixas. Até já - respondeu Souilik.

Parei o carro ao lado duma torre; em breve chegaram os outros. Por cima de nós, a torre parecia querer assaltar o céu. Hérang desceu, seguido doutros Sinzus. Aqui e ali procuravam vestígios da "máquina de apagar o Sol".

Desci, por minha vez, ordenando a Ulna que ficasse a bordo com o irmão. Empunhei a pistola e juntei-me aos Sinzus. No meio dos Milsliks mortos, o cadáver dum Hiss empunhava ainda a sua arma. Me aproximei e reconheci o estudante que comandava o posto que, quando da chegada dos Sinzus, nos tinha prendido, a mim e a Szzan. A sua primeira viagem fôra a última. Mais longe, um *ksill* tinha sido abatido junto dum monte.

Fora as torres, nada havia que mostrasse vida inteligente: nem uma construção, nem uma estrada, sequer.

Aproximei-me da base duma torre: era feita de centenas de Milsliks mortos, soldados uns aos outros. Até onde a minha lâmpada atingia toda aquela enorme arquitetura metálica nada era senão Milsliks aglomerados, dos quais ainda se adivinhavam as formas geométricas. A "máquina de apagar o Sol" não existia; ou, melhor, era um conjunto de Milsliks, cuja misteriosa energia, multiplicada prodigiosamente, podia, assim, atacar as reações nucleares dos sistemas solares. Nada havia utilizável pelos físicos sinzus ; nada servia para seres de carne.

A nossa volta, num raio de alguns quilômetros, continuavam a cair bombas, superando a noite. O solo tremia debaixo das minhas solas de metal.

O período que Souilik nos marcara extinguiu-se rapidamente

Mandei re-embarcar os Sinzus e, ainda hoje não sei por que estranho impulso, ao passar pelo *ksill* abatido, levei comigo o cadáver do jovem Hiss que morrera em terra estrangeira, misturado com os Filhos da Noite.

Passado pouco tempo chegamos a este da terceira torre.

Estávamos em guarda, mas nada aconteceu.

Instantes depois aterraram os *ksills*. Reembarcamos rapidamente Souilik nos esperava, acompanhado pelos dois Hr'bens. Olhando Beichit, fiquei perplexo: nem sequer pensáramos em experimentar a nova arma. Ela riu, com um riso mais aproximado do nosso do que do dos Hiss, e disse:

- Nós usamos. Parece muito eficaz. Vocês experimentarão na próxima vez...

- Prontos? - cortou Souilik. - Vamos partir. Rapidamente, o planeta desapareceu da nossa retina. Por momentos víamos os halos violetas dos raios térmicos: eram pequenos agrupamentos de Milsliks, atrevidos como abelhas, mas quase inofensivos, devido ao seu relativo isolamento.

Reagrupada, a esquadrilha hiss planava a 100 quilômetros. de altitude. Haviam-se perdido oitenta unidades.

Hérang apresentou então o seu relatório sobre as torres Milsliks: - Não julgo ser necessária a destruição delas, uma vez que os Milsliks estão mortos - disse Souilik. - Mas, quem sabe? Reparem bem. Vão assistir a um extraordinário espetáculo, que não voltou a se ver depois da última guerra de Ella-Ven. Vai explodir a primeira

bomba infra-nuclear Atenção você, Essine.

Ela fez um pequeno gesto. Alguns segundos depois, na face do planeta sem nome, brilhou uma estrela Depois... depois: uma monstruosa explosão flamejou. Era de um violeta vivo, que rapidamente se tornou azul, verde, amarelo e vermelho. O planeta, iluminou-se num círculo de 200 quilômetros. Viam-se as planícies, os montes, as crateras. O solo, brilhante de lava, parecia zebado de negro. Um fumo luminoso flutuou por momentos e tudo mergulhou no esquecimento.

- Agora - disse Souilik - já podemos atravessar o *ahun*:

## QUARTA PARTE: **O IMPÉRIO DAS TREVAS**

### CAPÍTULO I

#### A GALÁXIA MALDITA

Regressamos sem novidade. Caía a noite quando Souilik aterrou na esplanada da Casa dos Sábios. Ao longe desvaneciam-se as sombras dos restantes *ksills*, de volta da ilha de Aniasz. Subitamente sentimo-nos esgotados, dominados por um sono invencível Encostado a uma árvore cor de violeta, olhando o crepúsculo, nem sequer podia experimentar a alegria do regresso.

- Essine, vá com Ulna para a Casa dos Estrangeiros, e descansem. Vocês, Slair, Akéion e Hérang, venham comigo. Temos de comunicar os resultados da nossa missão - disse Souilik.

- Não pode ficar para amanhã? - supliquei.

- Não. Cada minuto perdido pode significar a morte dum sol. Você terá depois muito tempo para descansar.

Como em sonhos, subi a Escadaria das Humanidades e passei pela minha estátua sem a olhar. Depois caí em semi-inconsciência. Senti vagamente que me transportavam e acordei debaixo da luz intensa duma lâmpada violeta. A meu lado, no mesmo leito, estavam os dois Sinzus e o próprio Souilik. Tínhamos desmaiado na antecâmara, uns após outros.

Lentamente, recuperamos as forças. Pudemos então relatar a Azzlem e a Assza o desenrolar do combate.

Foi com viva alegria que mais tarde me deitei na minha cama, na Casa dos Estrangeiros, e desta vez sem necessidade de usar "aquilo-que-faz-dormir".

Quando acordei era dia claro; pela janela, escancarada, entrava um ar agradável. Julguei ouvir cantar um pássaro, ainda que em Ella não os haja. Era Ulna, acompanhada de Essine, que se aproximava.

- Vinhamos acordar você - disse ela. - Azzlem está esperando.

Encontrei-o no laboratório, onde, com Assza, experimentava o aparelho que reproduzia a radiação mislik. Numa cadeira de metal, uma Hiss muito jovem, frágil e

bela, servia de cobaia.

- Vamos avançando - disse Azzlem. - Talvez no futuro nós, os Hiss, sejamos tão resistentes como vocês, Tsériens e Sinzus. Minha filha Senati suporta já uma intensidade que antes seria mortal. Já atingimos o terceiro grau. A partir daí a proteção acaba. Mas não foi essa a razão por que lhe chamei. Você trouxe o cadáver de Missan, filho do meu amigo Stensoss, que fora morto antes da sua chegada, a bordo dum *ksill*, algures no Espaço.

Em virtude das nossas antigas leis, todo aquele que transporta o corpo dum Hiss morto em combate ocupa o seu lugar junto dos pais e irmãos. Agora você poderá dizer: "Nós, os Hiss", que ninguém ousará rir de tal afirmação! Estranho destino o seu, Tsérien! Você é, ao mesmo tempo, Tsérien, e Sinzu e Hiss, filho de três planetas! Agora vá! Você tem de assistir ao funeral de seu irmão, na casa que agora é também a sua. Essine lhe guiará.

- Onde está Souilik? - perguntei.

- Voltou a Kalvénauld, comandando mil *ksills*. Bombardearão de longe, não se inquiete.

Parti no *réob* com Essine e Ulna. Soube então que Missan fora um estudante prodigiosamente inteligente, a quem Azzlem tinha querido poupar aos azares da guerra. Mas a lei hiss era inexorável: nenhum voluntário era dispensado em caso de alerta, e Missan tinha pertencido a esse número. Era órfão. Vivia com uma irmã mais velha, Assila, "engenheiro" numa grande fábrica de produtos alimentícios.

A casa dele era na ilha de Bréssic, ao norte da Casa dos Sábios. (Esqueci de dizer que em Ella não há continentes, mas somente ilhas, de maior ou menor tamanho). Era uma casinha vermelha, numa colina frente ao mar.

Essine me apresentou a "minha irmã". Era uma jovem de pele verde-pálida, de olhar estranho, esmeraldino, que me acolheu como se fora de fato minha irmã, e me saudou ao modo familiar hiss: com as mãos em frente do rosto.

O funeral foi de uma simplicidade imponente. O corpo de Missan foi colocado numa plataforma metálica, ao ar livre, em frente da casa. Um padre rezou curtas orações. Depois, guiado por Essine, segurei a mão de Assila e juntos premimos um pequeno botão. Surgiu uma chama curta e brilhante e o cadáver desapareceu.

O padre, virando-se para os presentes, perguntou: - Onde está Missan?

- Partiu na Luz - responderam todos. Estava terminada a cerimônia.

Segundo o costume, fiquei cinco dias em casa só com Assila.

Ainda que mostrasse no olhar a habitual impassibilidade dos Hiss, via-se que sofria. Senti então a superficialidade da minha assimilação. Vagueava melancolicamente, furioso contra este costume hiss, aborrecido e infeliz. Nada sabia da história, dos costumes e dos sentimentos dos Hiss. Passava o tempo e não me resolvia a deitar-me no quarto que era meu por direito. Reinava o silêncio. Assila, emudecida, estava sentada na sala comum. Fiz o mesmo, e assim passamos a noite.

Nunca senti com tanta intensidade o meu isolamento neste planeta estrangeiro como junto de Assila, durante essa noite de vigília.

De manhã, sem lágrimas nem soluços, me contou a vida daquele irmão, tão cheio de futuro, que, como onze membros da família, morrera na luta com os Milsliks. E se lamentava de não ter partido com ele, de não ter morrido também. Amara quase ferozmente aquele irmão, que honrava a raça - um futuro Sábio. Recordava-se dos seus amores, dos seus triunfos universitários, das suas brincadeiras de criança. Agora tudo findara; só a frase secular ecoava: "Partiu na Luz!".

Ouvindo Assila, iam desaparecendo pouco a pouco as barreiras que me separavam

dos Hiss. Qualquer mulher na Terra teria a mesma dor, diria as mesmas palavras; e, como quando enfrentei o Mislik, na cripta da ilha Sanssine, senti que a dor e a angústia são iguais em todo o universo.

Então, esquecendo que entre nós havia um abismo de milhões de anos-luz, soube encontrar palavras de consolação. Esta foi, decerto, uma das mais estranhas das minhas experiências. Depois, com o sobre-humano domínio de si próprios que caracteriza os Hiss, Assila tratou da nossa refeição.

Fiquei mais quatro dias com ela. Voltei depois para a Casa dos Estrangeiros da península de Essanthem. Todas as semanas lá voltava. Considerava já a casa como minha e Assila como uma parente muito próxima.

Presentemente, no meu quarto, encontram-se ainda, decerto, os meus livros, os meus apontamentos e todas as pequeninas coisas que colecionei durante a minha permanência em Ella. Tenho a certeza de que, muitas vezes, "minha irmã" Assila pergunta aos Sábios se eu regressarei em breve.

Entretanto tinham sido exterminados todos os Milsliks que estavam nos planetas Seis e Sete. Infelizmente era já tarde para salvar Kalvénault, que se apagava lentamente.

Alguns Milsliks que tinham se instalado num pequeno planeta do sistema EI- Toéa foram também exterminados, tão rapidamente que este sol nada chegou a perder do seu brilho.

Quanto a Asselor, depressa recuperou o seu espectro normal.

Nem os Sábios chegaram a compreender porquê.

Era uma felicidade que os Milsliks somente pudessem viver em contacto com os planetas. Na realidade, no Espaço vazio só sobreviviam algumas horas. Como conseguiriam passar de estrela a estrela, de galáxia a galáxia? Profundo mistério!

Todas as tentativas para os localizar no *ahun* foram infrutíferas. Alguns Sábios hiss pensam que devem existir três *ahuns* distintos, utilizáveis respectivamente pelos Hiss, pelos Sinzus e pelos Milsliks.

Por mim, nada sei. Três *ahuns* diferentes, porém, parece-me demasiado.

Entre os Sábios começava já a ser elaborado o "grande projeto". Nenhum de nós sabia do que se tratava e Assza se mantinha impenetrável.

Entrementes, regressava a astronave sinzu, na frente duma esquadrilha de vinte e nove *ksills*. Aterraram em Inoss, perto da Casa dos Sábios. Pouco se demoraram; em breve partiram para Réssan, a fim de desembarcarem cinco mil sinzus, núcleo inicial da futura colônia de Ellarbor. Por singular deferência, Hélon, Akéion, Ulna e a tripulação do *Tsalan* puderam permanecer em Ella, planeta exclusivamente reservado aos Hiss.

Finalmente, Azzlem pôs-me ao corrente do "grande projeto": tratava-se de enviar um *ksill* a explorar uma Galáxia Maldita, ou seja uma galáxia inteiramente colonizada por Milsliks. Fora escolhida uma, para lá do universo dos kaiens, gigantes de olhos pedunculares.

Me arrepiei todo: a expedição ao planeta Sete fora já de uma audácia incrível, mas atacar os Milsliks no seu ambiente me parecia rematada loucura, especialmente quando Azzlem me disse, cruamente, que contava comigo e com alguns Sinzus para o primeiro reconhecimento. Apesar das experiências anteriores, eu não estava ainda familiarizado com a idéia do *ahun*.

Nos dias seguintes o "grande projeto" parecia ter sido abandonado.

Voltei a minha vida habitual, trabalhando todo o dia no laboratório de biologia.

Souilik voltara de uma nova viagem ao *ahun*, acerca da qual se mostrava muito



discreto. Soube, por Essine, que visitara o universo kaïen.

Durante algum tempo raramente o vi: ia de um universo a outro, cumprindo várias missões.

Por seu turno, o *Tsalan* partira também para Réssan; em Ella somente ficaram Akéion e Ulna, que trabalhavam comigo.

Aproveitamos então os dias de descanso obrigatório - três dias em cada mês elliano - para conhecer bem o planeta Ella.

Tomei contacto com a agricultura hiss, a qual, até então, não me despertara interesse algum.

Numa enorme zona, dum e doutro lado do equador, cultivam um cereal arbóreo de quase dez metros de altura, donde extraem a farinha com que fazem o pão.

Um pouco ao norte e ao sul desta zona crescem variadas plantas, a maioria de uso industrial, fornecendo produtos essenciais para o fabrico de sintéticos.

A parte restante do planeta é semi-selvagem, exceto nos aglomerados populacionais. Nas zonas polares estão concentradas as indústrias, com exceção das minas.

Os Hiss exploram também, ativa e intensamente, os oceanos, que cobrem sete décimos do planeta Têm ótimos viveiros de peixe e excelentes culturas submarinas.

A sua principal fonte de energia é a desintegração em grau muito mais elevado do que entre nós. Não átomos, como nós, mas sim os átomos do átomo. Poderemos chamar-lhes os infra-átomos.

A principal energia não é de natureza elétrica. Visitei as geradoras, dela me servi sempre, mas a seu respeito sei o mesmo que um senegalês sabe de eletricidade: nada.

Os Hiss são físicos extraordinários, e até Béranthon, grande sábio sinzu, confessava que a maioria das invenções hiss lhe eram desconhecidas e até incompreensíveis.

Deve se dizer, em abono dos Hiss, que não são ciosos do que inventam: as Universidades de Réssan estão abertas a todas as raças da Liga, em regime de intercâmbio.

Assisti uma vez a uma conferência sobre astronomia feita por um homem-inseto do Décimo Segundo Universo. Compreendi pouco, mas, em contrapartida, vi as mais maravilhosas fotografias do céu e dos planetas O conferencista parecia um louva-deus muito verde e falava desdobrando os braços, enormes; na assistência estavam quase todos os tipos "humanos" representados em Réssan.

Por essa altura terminaram as missões de Souilik, que, apesar disso, continuava quase invisível: passava os dias em misteriosos conciliábulos com o Conselho, pelo que eu continuava a privar somente com Ulna e seu irmão.

Um dia, quando trabalhávamos no laboratório de biologia comparada, Assza mandou nos chamar.

- Eis as armas de vocês - disse. - São pistolas térmicas, das mais aperfeiçoadas.

Nos entregou então três tubos, curtos, de metal, com coronhas muito grossas.

- O Conselho, de acordo com o *ur-shémon*, escolheu vocês para o reconhecimento da Galáxia Maldita. Irão num *ksill* especial, e Souilik irá também, mas até ao planeta Sswift, da estrela Grenss, do universo kaïen, onde ficará esperando. Se for necessário, relembrem-lhe esta ordem. Partirão dentro de oito dias.

Como estes dias me pareceram, alternadamente, breves e enormes!

Akéion e Ulna, como filhos do *ur-shémon*, acharam natural serem os primeiros a entrar em ação - pediriam, até, se fosse necessário -. mas eu, meu Deus!

Mesmo pensando que era praticamente invulnerável ante a radiação mislik, que o nosso *ksill* seria especialmente reforçado contra os choques, que disporia das mais poderosas armas, que, enfim, não se tratava de combater, mas sim, dum reconhecimento preliminar, sentia, ao pensar nesta aventura, o coração bater desatinadamente no meu peito. Devia ser o pressentimento da catástrofe que se avizinhava. Mesmo agora, que voltei são e salvo, hesitaria em correr os mesmos riscos, ainda que me prometessem a vida salva, o poder, a glória e até a posse das mais belas mulheres de todos os planetas!

Partimos sem novidade. Souilik, acompanhado de Essine, de dois outros Hiss e da hr'ben Beichit, tripulava o seu velho *ksill*, o *Sesson-Essine*, quer dizer: a "Bela Essine".

Fiquei muito embaraçado quando Ulna me perguntou o nome do nosso *ksill*, a que uma fantasia de Souilik apelidara de *Ulna-ten-Sillon*: Ulna falava já quase corretamente o hiss e o francês, mas não lia ainda nenhuma dessas línguas.

Akéion, vendo o meu embaraço, traduziu maliciosamente:

"União dos Planetas". Na realidade, chamava-se "Ulna, Você é o Meu Sonho".

*Ulna-ten-Sillon* era um *ksill* de pequena envergadura, de três lugares, protótipo dos *ksills* de combate que posteriormente foram construídos em larga escala. O conforto fora sacrificado a bem da eficiência. Do posto de comando controlavam-se todas as máquinas, armas e instrumentos de bordo. O segundo compartimento tinha três leitos sobrepostos, sendo o espaço restante ocupado pelos motores, depósitos de víveres e de munições e, também, pelos reservatórios de ar.

A carlinga, com uma blindagem de onze centímetros em liga extradura, podia suportar - segundo Souilik - o choque dum Mislik lançado a 4.000 quilômetros por hora - 8.000 *brunns* por *basike*.

Na pior das hipóteses, havia ainda uma carlinga interior, com a espessura de sete centímetros.

Imunizados, como estávamos, contra as radiações Milsliks, éramos quase invulneráveis.

Os nossos *ksills* passaram simultaneamente pelo *ahun* e juntos aterraram em Brbor, cidade situada no hemisfério norte do planeta Sswift - planeta belíssimo, de tamanho médio, em que viviam algumas centenas de milhões de Kaiens.

Que esquisita raça era a dos kaiens!. Mediam quase 2,30 metros; esverdeados e calvos, sem nariz, olhos muito glaucos e pedunculares, boca enorme e de dentes pequeníssimos, sentimos por eles, a primeira vista, uma aversão irreprimível

São astrônomos medíocres, aceitáveis físicos, mas, em contrapartida, extraordinários químicos. Quase não usam os metais e a sua indústria está inteiramente baseada em matérias plásticas de síntese. Segundo Souilik, eram profundos filósofos e ótimos poetas, escultores e pintores.

Não nos afastamos dos *ksills*. Estavam aterrados num espaço enorme e vazio, sobre o qual voavam inúmeros helicópteros, inteiramente transparentes. Sentamo-nos num pequeno bar, onde nos serviram uma excelente bebida verde.

A distância, uma grande multidão, contida por guardas armados, espreitava-nos. O vento trazia, em lufadas, o seu estranho odor.

Estivemos silenciosos largo tempo. Tudo estava já dito. Souilik, acompanhado de Akéion, foi inspecionar pela última vez o *Ulna-ten-Sillon*. Maquinalmente, eu brincava com a minha pistola térmica. Essine, Ulna e Beichit trocavam impressões em tom muito baixo.

Souilik voltou.

- Irmão, chegou a hora! Lembre-se de que o Conselho quer informações e não façanhas. Seja prudente e... regresse.

Inclinado para mim, sussurrou: - Os Sinzus são muito valentes. Refreia Akéion!

Chegamos perto do *ksill*. Souilik me abraçou pela última vez e afastou-se correndo. Essine e Beichit acenaram de longe. Ulna já estava a bordo. Me curvei e, com o coração aos saltos, entrei.

Decolamos assim que a porta se fechou. Tinha sido combinado com Souilik que nos demoraríamos no *ahun* 2,5 *basikes* e que não mudaríamos de direção em caso algum. Assim os Hiss saberiam onde nos encontrar em caso de acidente. Não deveríamos demorar mais de vinte dias ellianos.

Saímos do *ahun* no momento combinado. Nos *écrans* via-se um negro de tinta, salpicado de pequenos luzeiros ovais: eram as galáxias ainda vivas. A mais próxima quase cobria a Lua. Akéion apontou-a e disse:

- Deve ser o universo dos Kaiens. Chegamos.

Se, por artes mágicas, tivéssemos a nossa disposição um telescópio de potência infinita, poderíamos ver este universo, não como é atualmente, mas como era há quinhentos mil anos.

Num *écran* especial, funcionando segundo o princípio do radar, as ondas *sness*, propagando-se dez vezes mais rapidamente do que a luz, desenhavam um planeta

Deve ser este o mais próximo planeta, que, segundo Souilik, nos serve perfeitamente - notou Ulna.

- Vamos descer - respondeu Akéion. - Aos postos de combate!

Tomei o comando das armas. Por um *écran* colocado na minha frente eu vigiava todas as direções. Ulna me ajudava com um *écran* mais sensível, que permitia ampliar, a nossa vontade, esta ou aquela zona.

- Vamos baixar, Slair, a zona de calor!

Baixei o manípulo respectivo.

Imediatamente o *ksill* ficou rodeado duma zona de 300°, temperatura suficiente para aniquilar qualquer Mislik, mas inofensiva para nós, desde que envergássemos os nossos escafandros.

A superfície do planeta aproximava-se com rapidez e começamos a analisá-la detalhadamente: viam-se montanhas, ribeiras geladas e os oceanos secos. Continuávamos a descer.

De repente notei uma enorme forma piramidal, extraordinariamente regular. Mostrei a Ulna, que, regulando o visor, pôde vê-la em pormenor. Ouvi-a murmurar:

- Oh! Meu Deus Etahan! Um planeta humano!

Era, de fato, uma cidade, ou, pelo menos, o que dela restava.

Devia cobrir milhares de hectares e parecia desdobrar-se em obeliscos e campanários altíssimos, subindo vertiginosamente em direção ao céu. O mais alto, ao centro, terminava a mais de mil metros.

Fiquei admirando o espetáculo. Que fantástica civilização teria erigido esta cidade, destruída, decerto, há milhões de anos? Como você sabe, sempre tive a paixão da arqueologia, o que me levou a pedir a Akéion para desembarcar.

- Vamos contornar primeiro o planeta; se não encontrarmos Milsliks, desembarcaremos.

Horas e horas vimos desfilarem continentes gelados. Vimos mais ruínas, mas não tão imponentes. Apesar de voarmos muito baixo, não avistamos qualquer Mislik. Voltamos, então, para a fantástica cidade morta.

Sob a luz do projetor, as construções brilhavam: pareciam de gelo e ouro.

Aterrissamos numa praça enorme, ao pé de uma torre cujo cimo se perdia nos céus.

Decidiu-se que só Ulna e eu fôssemos a terra, ficando Akéion a bordo do *ksill*, pronto para qualquer eventualidade.

Envergamos os escafandros e saímos, munidos de reservas de ar para doze horas, alimentação sintética, armas e munições.

Hesitamos um pouco sobre a direção a tomar. O *ksill* tinha aterrissado numa praça vagamente circular, que parecia esmagada por construções enormes. O ar vaporizava-se em contacto com a zona quente, e rapidamente o nevoeiro escondeu o nosso aparelho. Não nos inquietamos e seguimos em frente.

Entramos numa rua completamente coberta. Todas as portas, de metal verde, estavam cerradas. Pareciam estranhamente baixas se cotejadas com a grandeza das construções.

Continuamos cerca de quilómetro, sempre em frente, desprezando as transversais, a fim de evitar desnorreamentos. As fachadas apresentavam-se muito nuas, sem inscrições nem esculturas que dessem quaisquer indicações sobre os seus desaparecidos construtores.

Procurava eu arrombar uma porta em mau estado quando o solo começou a tremer debaixo de nós. Pressentindo uma catástrofe, puxei Ulna rapidamente pela mão e, correndo, voltamos ao ponto de partida.

No local onde, ainda há pouco, estava o nosso *ksill* não havia mais do que um montão enorme de pedras e metais. Um campanário, a esquerda, sob a ação do calor intenso, tinha desabado sobre o *Ulna-ten-Sillon*!

Silenciosamente caíam ainda destroços, que se acumulavam em pirâmide.

Encostada a uma parede, Ulna murmurou: - Hen! Akéion, Akéion sétan son!

Por momentos nada se moveu; depois, silenciosamente, uma grande cornija desabou também.

Estávamos perdidos num planeta desconhecido, a milhares de léguas de qualquer socorro, e apenas tínhamos ar respirável para onze horas.

Então, com a carapaça cintilante, refletindo a luz do nosso projetor, surgiu o primeiro Mislik!

## CAPÍTULO II

### ENCONTRO COM OS Milsliks

O Homem - e emprego o termo no sentido mais lato -, incluindo os Hiss, os Sinzus, etc., é uma estranha criatura. Estávamos perdidos, sem recursos, mas nem por um instante pensamos em abandonar a luta. Mal o primeiro Mislik mostrou a carapaça, disparei sobre ele Morreu antes de ter podido irradiar. Com o coração a bater, espreitamos: não vinha mais nenhum. Era perigoso ficar na praça, quer por causa dos destroços que continuavam a cair, quer devido aos Milsliks, que ali tinham possibilidade de voar e cair sobre nós. Assim, retomamos a passagem coberta que já havíamos explorado, após um último olhar ao monte de escombros sobre o qual jaziam o *Ulna-ten-Sillon* e Akéion. Neste estreito espaço tínhamos de vigiar mais de duas direções. Ultrapassamos o local em que paráramos e atravessamos uma outra praça. Esta regurgitava de Milsliks, que emitiram violentamente quando chegamos, mas em vão. Fomos obrigados a passar por cima deles e pude verificar que se tratava de uma outra raça diferente daquela que eu combatiera em Sete, de Kalvénault: mais encorpados, mais curtos, de forma diferente. A sua fluorescência, em vez de ser violeta, aproximava-se do índigo

Caminhamos várias horas nas ruas da cidade morta sem encontrar uma única porta aberta ou que pudesse ser arrombada. Por motivos ignorados os habitantes tinham fechado cuidadosamente as casas antes de desaparecerem. A única descoberta interessante que fizemos, a muitos quilômetros do ponto de partida, foi um veículo de seis rodas, muito baixo. No instante em que me dispunha a examiná-lo minuciosamente fomos assaltados pelos Milsliks. Eram centenas e aproximavam-se planando a quatro pés do solo. Apesar de os matarmos com as nossas pistolas térmicas, continuavam no seu trajeto e tínhamos muita dificuldade em os evitar. Depois mudaram de tática, aproximando-se tão rapidamente que nem os víamos, o que nos obrigou a nos deitarmos na terra, estabelecendo um verdadeiro fogo de barragem a custa de um assustador consumo de munições. Ao cabo de alguns minutos o pavimento e as paredes da rua estavam tão quentes que irradiavam o calor suficiente para impedir a passagem dos Milsliks. Assim, o ataque cessou.

Ficamos sentados, tristemente, num patamar. Ainda nos restavam três horas de ar, apenas três horas! A fadiga começava a nos dominar e, através do vidro do escafandro, eu podia ver os olhos pisados e o rosto fatigado de Ulna. Falamos pouco. Sei muito bem que nos romances os heróis escolhem sempre as situações desesperadas para fazer ternas declarações, mas posso lhe afirmar que nem nisso

pensamos. Permanecemos sentados durante muito tempo.

Ulna me sacudiu bruscamente: - Os Milsliks! Estão voltando!

Agora avançavam rastejando entre os cadáveres dos outros.

Arriscando tudo por tudo, deixamos que se aproximassem e se concentrassem. Então disparamos. Um deles teve tempo de atirar-se sobre nós e, falhando, arrombou a porta onde estávamos encostados. Ulna introduziu-se pela abertura e eu a segui. Estávamos numa grande divisão vazia, onde destroços informes assinalavam o lugar ocupado pelo que poderia ter sido o mobiliário. Em vão procuramos umas escadas ou um ascensor que conduzissem aos andares superiores. Se é que existiram, deviam ter também se desfeito em pó. Em contrapartida, descobrimos uma passagem que nos conduziu a um subterrâneo de pequenas dimensões, onde se tinha de marchar curvado. Depressa compreendemos que o caminho cruzava a rua mais em baixo. Continuamos a segui-lo, negligenciando as ramificações, que conduziam, como verificamos uma ou duas vezes, a divisões parecidas com a em que estivéramos, igualmente vazias, salvo alguns destroços sem importância. A minha paixão arqueológica tinha morrido, pelo menos de momento.

Depois o subterrâneo começou a descer insensivelmente. Tomamos cuidado, caminhando como num sonho, e tão bem ou tão mal que fui bater numa porta metálica. A passagem acabava aí. Nessa porta vi, pela primeira vez naqueles sítios, uma escultura: uma roda com raios ou um sol estilizado.

Detidos na marcha, sentimos a fadiga se abater sobre nós.

Há dez horas que caminhávamos, e só nos restava ar para uma hora. Consultei maquinalmente o barômetro fixado no punho do escafandro: a pressão atmosférica não era nula e o termômetro marcava 265<sup>o</sup> absolutos. Estávamos, pois, numa zona interdita aos Milsliks. Quanto a ar, nós o possuíamos, mas tão pouco!

Nem sequer havia o suficiente para que pudéssemos utilizar o pequeno compressor colocado atrás do capacete. No entanto, era um bom indício e talvez que, no caso de conseguirmos transpor aquela porta, pudéssemos encontrar uma atmosfera suficientemente densa para ser utilizável.

Examinamos a porta febrilmente. Não tinha fechadura nem maçaneta, mas eu começava já a me familiarizar com os sistemas aperfeiçoados de fechaduras. Pacientemente, tateamos o painel, fazendo pressão sobre os raios do sol, tentando deslocá-los. Em vão. Decorreu uma meia hora. Lentamente, inexoravelmente, a agulha do manômetro de oxigênio caía para o zero.

Então, no momento em que a esperança nos abandonava, a porta gemeu e abriu-se. Diante de nós uma outra porta, idêntica, barrava-nos o caminho. Ulna murmurou:

- Estamos numa câmara estanque. Haverá ar do outro lado?

Tentamos nos recordar dos gestos que fizéramos quando a primeira porta se abria. Ao fim de uns momentos descobrimos o movimento conveniente: carregar no raio superior, imprimindo-lhe um ligeiro movimento para a esquerda. A porta abriu-se e penetramos num quarto obscuro, mas onde a pressão era quase a de uma atmosfera de Ella. Pus a funcionar o analisador: os mostradores ficaram encarnados. Havia oxigênio suficiente para a nossa respiração e nenhum gás tóxico. Prudentemente, ergui o capacete e aspirei uma lufada. O ar era seco e fresco, perfeitamente respirável. Estávamos, se não salvos, pelo menos com um longo repouso assegurado.

A sala, nua, parecia acabar em boca de saco, sem outra porta além daquela por onde entramos. A primeira coisa que fizemos foi desembaraçar-nos dos escafandros, demasiado pesados para os nossos fatigados corpos. Deitamo-nos lado a lado e adormecemos rapidamente

O meu sono foi agitado e ao acordar verifiquei que tinha rolado até a outra extremidade do quarto. Tateando para encontrar a minha lâmpada, sentei-me e agarrei, na obscuridade, na altura da minha cabeça, uma pequena alavanca. Esta cedeu e o milagre produziu-se: uma porta abriu-se ao fundo do quarto, recortando, num retângulo luminoso, uma silhueta humana. De pequena estatura, erguia-se a contra luz, de tal forma que não lhe podia distinguir sequer os traços. Depois desapareceu bruscamente e no seu lugar surgiu uma bola de fogo, enquanto uma palavra estranha soava aos meus ouvidos.

- Ulna - gritei -, acorde!

A bola de fogo desapareceu, substituída por um céu estrelado. A seguir surgiu a imagem de um planeta, visto primeiramente muito distante e depois cada vez mais perto. Sob os nossos olhos desfilaram montanhas e florestas, oceanos e planícies, enquanto a voz estranha repetia: "Siphan, Siphan, Siphan". Compreendi que era o nome do planeta.

A paisagem deixou de desfilar e vimos, iluminada pelos raios de um sol ofuscante, a cidade onde estávamos, cujo nome devia ser Gherséa. As ruas formigavam de veículos e seres, que víamos de muito alto para os conseguir distinguir.

O écran (porque era um écran) mostrava agora os campos dos subúrbios, plantados de vegetação purpúrea, que lembrava a árvore Sinessi, de Ella, e, segundo o que me disse Ulna, a Tren-Tehor, de Arbor. Por uma estrada azul seguia um veículo análogo ao que eu examinava quando os Milsliks nos atacaram. Seguimo-lo com os olhos. A estrada subia por uma colina até um observatório situado no cume (pelo menos, assim o acreditamos). Enquanto estas imagens desfilavam ouvimos um comentário inteiramente ininteligível para nós. O enquadramento concentrou-se sobre um veículo donde saiu um ser bípede, munido de quatro braços, com cabeça redonda. Não conseguimos distinguir-lhe os traços. Entrou no edifício.

A projeção cessou durante um instante, para logo recomeçar com um aspecto do sol: lentamente, vimo-la perder o brilho, ficar rubro. Compreendemos então que víamos a história do fim deste mundo. A personagem do veículo devia ter sido um cientista ou um homem importante, porque tornamos a vê-la, numerosas vezes, falando perante conselhos, manobrando estranhas máquinas, comandando exércitos e, mesmo no final, caindo fulminado, num escafandro transparente, perante as hordas Milsliks. Mas, anteriormente, vimo-lo dirigindo trabalhos, regulando minúsculos aparelhos e, por último, fechando duas portas ornadas de um sol radiante, as quais reconhecemos imediatamente. O filme terminava mostrando um desses estranhos indivíduos erguendo uma laje situada sob a alavanca que eu acionara.

Evidentemente que, passada a nossa estupefação, procuramos a laje, que encontramos sem dificuldade. Dava para uma escadaria em caracol, que descemos, após termos vestido de novo os escafandros, por uma questão de prudência. Fomos dar a uma grande divisão iluminada por uma suave luz verde. Uma porta nos conduziu a outra sala, depois a uma outra e, em seguida, a uma outra ainda. Se a primeira estava vazia, nas restantes havia cofres maciços de metal, que não conseguimos abrir. No extremo encontramos uma outra escada em caracol, que nos conduziu, ao fim de quinze minutos de subida, a uma cúpula transparente, isolada por uma comporta que dava para uma planície negra, já fora da cidade. Uma outra porta estanque permitia-nos sair. Mas os Milsliks formigavam lá fora e, portanto, não a utilizamos.

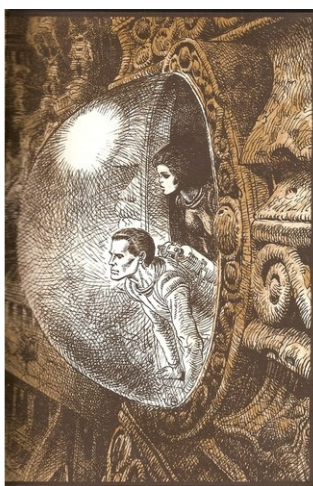
Começou então para nós uma estranha existência, que se prolongou durante um

mês terrestre. Tínhamos agora ar em quantidade e Ulna descobriu que, em vez de ter trazido três caixas de munições de reserva, trouxera apenas duas e uma outra de viveres comprimidos. Esta caixa nos permitiria vivermos mais de um ano, mas tínhamos água apenas para dois meses. O "saco de escafandro" contém, realmente, um pequeno e engenhoso aparelho, que permite recuperar, nos planetas mortos, a água que está misturada nos gases liquefeitos ou solidificados, mas a carga de separação e purificação apenas dura um mês. No entanto, podíamos agora aguardar a vinda de uma expedição de socorro, pois tínhamos seguido escrupulosamente as instruções de Souilik.

Ulna, agora que já não estávamos em perigo imediato, deu livre curso ao seu desgosto. Tentei consolá-la: dada a solidez do *ksill*, podia muito bem dar-se o caso de Akéion ainda estar vivo e ser libertado ao mesmo tempo que nós, desde que os Hiss chegassem. Não pude convencê-la. No entanto, a realidade era ainda bem mais fantástica.

Nada tínhamos para fazer senão comer, dormir e esperar.

Fizemos passar inúmeras vezes o filme do fim deste mundo, que acabamos por decorar, e abençoamos freqüentemente o gênio que, para salvar a memória da sua raça, mandara construir este refúgio. Comecei a observar os Milsliks através da cúpula transparente. Rapidamente se aperceberam da nossa presença, mas, compreendendo que as suas radiações não nos atingiam e que a cúpula era muito dura para a poderem quebrar, deixaram rapidamente de nos prestar atenção.



Passei dias inteiros a observá-los, instalado atrás da superfície transparente. Eu me comparava a um estudante de biologia, debruçado sobre o microscópio, a estudar novas formas microbianas ou novos insetos. Evidentemente, estava colocado em condições desfavoráveis, não podendo praticar experiências. Durante todo o mês que durou o nosso cativeiro nos esforçamos por tentar apreender a significação dos movimentos dos Milsliks. Creio poder afirmar que, em todo o universo, somos os seres que melhor os conhecem, excetuados eles próprios. Apesar de tudo, no último dia não tínhamos progredido mais do que no primeiro. Não descobrimos nada que se assemelhasse a um atividade ordenada, no sentido que damos a este termo, nada que se assemelhasse a um instinto, nada mesmo que lembrasse um simples tropismo. No entanto, segundo a minha experiência da ilha Sanssine, sabia que possuíam uma inteligência, se bem que sem nenhuma analogia com a nossa, e uma sensibilidade, bem mais acessível para nós.

É evidente que os Milsliks têm órgãos e sentidos, ainda que não possamos



imaginar o que são. Evitavam a cúpula e só ao princípio a atacaram. Tinham consciência da nossa presença e nós reconhecíamos rapidamente os "estrangeiros" pelo fato de emitirem quando passavam próximos de nós. Alguns habitavam a cidade morta e aprendemos a distingui-los por alguns pormenores das curvas da carapaça.

Eis o que pude observar da existência dos Milsliks: moviam-se constantemente, parecendo ignorar o repouso; seguimos um, revezando-nos, Ulna e eu, durante mais de cinquenta horas. Não parou de descrever sinuosidades complicadas no solo, a pouca distância da cúpula. Raramente se viam indivíduos isolados, mas também não se podia dizer que vivessem em grupos, pois estes desagregavam-se facilmente, e determinado Mislik passava de um ajuntamento para outro sem razão aparente. Por vezes aglomeravam-se em enxames que compreendiam até cem indivíduos, os quais acabavam por se fundir numa única massa metálica. O estado de coalescência dura entre alguns segundos e várias horas. Então a massa desloca-se. Ao princípio acreditei assistir ao seu processo de reprodução, mas verifiquei que do agrupamento saía o mesmo número de indivíduos que nele tinha entrado.

As nossas observações eram dificultadas devido ao alcance relativamente curto das lâmpadas que possuíamos - para além do seu foco tudo era obscuridade - e, sobretudo, pela falta de aparelhos registradores. Teria dado tudo para ter à minha disposição um capacete amplificador de pensamento, idêntico ao que usara na cripta. Desse modo talvez pudesse ter obtido alguns esclarecimentos sobre estes monstros. Mas ali estávamos, atrás do vidro, transformados em espectadores impotentes.

Depois de muito refletir, estabeleci uma teoria sobre a origem dos Milsliks, que expus mais tarde a Assza, o qual a considerou plausível. Você sabe, evidentemente, que nas proximidades do zero absoluto se estabelece a supra-condutibilidade e que a resistência dos metais perante a corrente elétrica se torna quase nula. Assim, pode-se conjecturar terem os ancestrais dos Milsliks diferido dos atuais tanto como a primeira célula viva sobre a Terra difere de nós, devendo a sua existência a um fenómeno deste gênero. Um cristal de ferro-níquel, talvez, pôde encontrar-se situado, num mundo morto, num campo electromagnético variando muito rapidamente e de maneira complexa. Teria surgido, assim, uma espécie de vida elétrica. Uma vez isto admitido, o resto da evolução, até aos Milsliks, não se torna muito mais incompreensível que a nossa própria evolução terrestre. O tal cristal podia ter induzido, por sua vez, essa forma particular de vida noutros cristais, tendo-se produzido variações e diversificações. Se a irradiação mortal dos Mislik não é eletromagnética, não resta dúvida de que estão igualmente rodeados de um potente campo dessa natureza.

Tendo acabado a nossa provisão de água no terceiro dia, fomos obrigados a fazer uma surtida. Escolhemos a ocasião em que apenas dois Milsliks estavam a vista. Saí em primeiro lugar e fulminei-os, Ulna encheu os sacos a transbordar de uma mistura de ar e de água sólida. Após grandes esforços, consegui abrir um dos cofres de metal das salas inferiores: continham pilhas de placas de metal, gravadas com signos que lembravam a escrita *kmère*. Transformamos o cofre em cisterna; na segunda surtida tivemos a felicidade de encontrar blocos de gelo de água pura e quase que pudemos encher o nosso reservatório. Foi uma sorte, porque logo em seguida os Milsliks estiveram sempre nas proximidades da cúpula em grande número.

Quando penso na acumulação fantástica de circunstâncias felizes que nos permitiram sobreviver, pergunto a mim mesmo se não nos beneficiamos de uma proteção estranha especial. Mas, por outro lado, é evidente que, como os que não têm sorte não regressam para contar o que passaram - e são, incontestavelmente,

os mais numerosos -, os que voltam são justamente aqueles que viram, por acaso ou doutra forma, as circunstâncias. favorecê-los, Contudo, na medida em que os dias decorriam, começava a duvidar da nossa sobrevivência. Por sua parte, Ulna perdera as esperanças há muito tempo. Ela, tão corajosa no combate, deixava-se dominar por uma tristeza fúnebre, devida em grande parte ao possível desaparecimento do irmão. Eu ficava desesperado ao vê-la cada vez mais pálida, de dia para dia; cada vez mais apática, mais fraca, também, porque quase não comia. Ficava longas horas junto a mim, segurando a minha mão. E se bem que conhecesse os sentimentos dela em relação a mim e ela os que eu lhe dedicava, não podíamos encontrar nisso nenhum conforto, porque a rígida educação sinzu proíbe, formalmente, qualquer palavra de amor quando o luto pesa sobre a família. Falar de amor a uma rapariga sinzu que acaba de perder um ente próximo é pior que uma grosseria: é uma obscenidade.

Um dia - se se pode falar em dia num planeta do Império das Trevas - estávamos sentados na cúpula. Alguns Milsliks cruzaram a luz da minha lâmpada. No céu luziam, debilmente, as manchas oblongas das galáxias distantes. Então, subitamente, uma luz deslumbrante jorrou algures no Espaço, passou sobre a cidade, recortando, em sombras chinesas, a silhueta das torres e dos altos edifícios. Passou sobre a cúpula, forçando-nos a fechar os olhos com um grito de dor.

-- Ulna, os Hiss! Os Hiss!

Febrilmente, ajudei-a a colocar o capacete e ajustei o meu.

Custasse o que custasse, era necessário assinalar a nossa presença. Introduzi na pistola uma vintena de "balas quentes", entreabri a porta e disparei. As "balas quentes", ao contrário das "balas mornas", que se limitavam a elevar a temperatura de algumas dezenas de graus acima do zero centígrado, produziam um calor de várias centenas de graus e uma luz viva. Varri um grupo de Milsliks a uma boa distância. - Quando esvaziei a minha pistola Ulna passou-me a dela. O projetor apontou sobre a planície, passou mais uma ou duas vezes sobre nós e, depois, fixou-se. Lentamente, segundo me parecia, mas, na realidade, tão depressa quanto a permitia a prudência, o engenho salvador descia. A luz do projetor refletia-se sobre o solo gelado, criando uma zona de penumbra, na qual vi, finalmente, a alguns metros de altura, uma enorme sombra fusiforme. Não era um *ksill*, mas sim uma astronave sinzu, o *Tsalan*!

- Os seus, Ulna!

Ela não me respondeu. Tombara no solo, desmaiada. Erguia-a nos braços e corri para a astronave, que, entretanto, pousava no meio de um nevoeiro de ar líquido borbulhante. Patinhei em massas semi-liquefeitas, tropecei num Mislik morto, cambaleei sem largar Ulna, Duas formas em escafandro seguraram-na e uma outra estendeu-me o braço, me guiando. Subimos a escada de bordo e, passando um compartimento estanque, encontrei-me no corredor do *Tsalan*, perante Souilik e Akéion.

A minha primeira reação foi incongruente: chamei Souilik à parte, dizendo-lhe que não devia ter vindo, pois era muito perigoso para os Hiss. Ele não se desconcertou, contentando-se em sorrir:

- Você nunca está contente! Era preciso vir para indicar o caminho!

- E Akéion? - perguntei.

- Akéion tinha se perdido, após a sua aventura. Daqui a pouco contará tudo a você.

Desembarçaram-nos imediatamente dos escafandros. Ulna, ainda desmaiada, foi transportada para a enfermaria por onde, outrora, eu também já passara. Vincédon,

o médico, imediatamente a observou, se bem que o caso, como disse, pudesse ser tratado por um estudante de medicina. Quando Ulna abriu os olhos saí com Souilik e o médico, deixando-a com o pai e o irmão.

Um quarto de hora mais tarde estávamos reunidos no posto de comando. O *Tsalan* estava já no *ahun*, ou, como dizem os Sinzus, no *rr'oor*, a caminho da galáxia dos Kaïens, onde Essine e Beichit nos aguardavam com os *ksills*. Akéion nos relatou então a sua extraordinária aventura.

Quando o edifício tombara sobre o *Ulna-ten-Sillon* ele tinha sido projetado, devido ao choque, contra uma parede e desmaiara. Ficou inconsciente durante três *basikes*. Quando recuperou os sentidos depressa se deu conta de que estava prisioneiro nos escombros. Não se preocupou muito com o fato, visto que tinha ar e alimentos para muitas semanas. Mas ficou muito inquieto por nossa causa e começou logo a pensar no processo de se libertar para nos prestar socorro.

O casco tinha resistido bem e não se verificava nenhuma fuga de ar. Os motores funcionavam, mas foram impotentes para erguer a massa de destroços. É o inconveniente destes pequenos *ksills*. Muito rápidos e manejáveis, mas pouco potentes. Assim, apesar de perfeitamente consciente do perigo que corria, decidiu passar para o *ahun* e voltar em seguida ao planeta.

A manobra pareceu efetuar-se normalmente, salvo o aparelho ter sido mais sacudido que habitualmente. Mas quando fez, quase imediatamente, a manobra inversa, em vez de surgir no Espaço, relativamente próximo do planeta que acabava de abandonar, encontrou-se numa escuridão quase absoluta, que nem mesmo os radares *sness* podiam penetrar. Muito longe, demasiado esbatida, uma mancha luminosa devia assinalar uma galáxia, ou, melhor, um conjunto de galáxias.

Aqui o relato de Akéion foi interrompido por uma discussão técnica provocada por Souilik. Os Hiss exploram o *ahun* há mais tempo do que os Sinzus e possuem, relativamente a este fato, a mentalidade de um comodoro inglês em relação aos capitães de outras nações. Eis o que compreendi:

Dado que a passagem se efetuara, não no vácuo, como de costume, mas na superfície de um planeta, a impulsão (?) tinha sido muito mais forte. A parcela de espaço tinha sido completamente deslocada do nosso universo e, atravessando o *ahun* se o verbo "atravessar" tem um sentido para o não-espaço -, fora parar num dos universos negativos que encerram o nosso, tal como o pão de um sanduíche encerra o presunto.

Akéion surgiu, portanto, no Espaço de um universo negativo e, felizmente para ele, longe de qualquer concentração de matéria. Por um momento ficou sem compreender onde estava. De vez em quando o contador de radiações crepitava e a agulha assinalava uma brusca presença de raios penetrantes. Estes contadores servem para indicar as regiões do Espaço onde a densidade dos raios cósmicos é perigosa. Mas a irradiação recebida não tinha nenhuma das características da radiação cósmica habitual. De resto, deveria ser aqui muito fraca, devido a distância a que o universo estava de qualquer galáxia.

- De repente - acrescentou Akéion - compreendi. Me recordei de um curso, que outrora frequentara, sobre a possibilidade teórica de universos negativos e suas consequências. A irradiação que registrava devia ser originada por alguns raros átomos de matéria negativa que, em contacto com a matéria positiva do *ksill*, se anulavam em protões ultra-resistentes. Estava arriscado a encontrar, de um momento para o outro, uma zona do Espaço onde a matéria negativa estivesse mais concentrada, e, então, adeus todos os universos!

Febrilmente, Akéion consultou o registrador de curva especial, o crono-espaciômetro, o registrador de superfície-limite e todos os aparelhos complicados que servem para a navegação espacial no *ahun*. Com a condição de calcular bem a impulsão, tinha ainda alguma probabilidade de reencontrar o nosso universo. Ainda que valente e de temperamento calmo, estava descontrolado. Tente imaginar esta situação: perdido num universo ainda mais estranho do que os dos Milsliks, a mercê de um aniquilamento flamejante em cada segundo. E, para ritmar estes pensamentos, o batimento quase ininterrupto do contador de radiações!

Lutou com os ábacos escritos em numeração *hiss*, fez cálculos febris, recomeçou-os. Tudo parecia estar correto. Então, cerrando os dentes, lançou o *ksill* no Espaço, numa velocidade conveniente, e, depois, passou para o *ahun*.

Quase imediatamente, abandonou-o. Mas, em vez de se encontrar na Galáxia Maldita, emergiu no centro de uma galáxia bem viva, iluminada por milhões de sóis, perdida no nosso universo. Durante um momento interrogou-se se não teria feito uma outra falsa manobra, se não teria passado além do universo negativo, num outro universo positivo.

Dirigiu o *ksill* para uma estrela, depois de o écran de aumento lhe ter revelado um cortejo de planetas. Aterrou sobre um deles depois de o ter circundado. Parecia deserto, tendo unicamente vida vegetal. Ali ficou mais de oito dias, perdendo toda a esperança de nos salvar, fazendo e refazendo cálculos complicados.

Aqui intercalou-se uma outra discussão técnica, da qual duvido que o próprio Einstein tivesse compreendido alguma coisa!...

Partiu de novo, voltou a passar para o *ahun*, aterrou num outro planeta, refez os cálculos, dominando-o de dia para dia a impressão de que estava irremediavelmente perdido. Finalmente, ao cabo de vinte e seis dias, encontrou-se nas proximidades de um mundo habitado. Desceu direto sobre ele e aterrou no planeta dos *kaiens*, a alguns quilômetros apenas do ponto onde Souilik aguardava o nosso regresso. Para ele também a sorte fora favorável, mas uma sorte servida pela vontade e pela ciência.

O *Tsalan* desceu, ao nascer do dia, no planeta *Sswft*. Essine e Beichit nos fizeram um acolhimento entusiástico. Foi com prazer que revi o meu *ksill*, o único aparelho que até então penetrara num universo negativo. O casco tinha apenas ligeiras amolgadelas devido aos choques sofridos em *Siphan*.

Nessa mesma noite pedi a Hélon que me desse a sua filha como esposa

## CAPÍTULO III

### OS TORPEDEIROS DE SOIS MORTOS

Não nos demoramos no planeta dos kaiëns. Chegamos a Ella pelo meio do dia. Eu estava esgotado, nervoso, ansioso. Hélon, perante o meu pedido, tinha replicado que me daria a resposta em Ella, na noite da chegada.

Deixando Ulna, ainda muito abatida, no *Tsalan*, parti para a sala do Conselho, com Souilik. O meu relato, tão preciso quanto possível, concluía por afirmar que os Hiss pareciam, infelizmente, ter razão e que toda a possibilidade de coexistência de Milsliks e humanidades era impossível, pelo menos no mesmo sistema solar. "Mas", acrescentei, "se devemos defender ciosamente as nossas galáxias, não vejo possibilidade de exterminar os Milsliks, que são, certamente, trilhões em milhões de galáxias".

Esta conclusão não agradou a maioria da assembléia. Para além da ameaça que fazem pesar sobre qualquer vida protoplasmática, os Milsliks representam para os Hiss o inimigo metafísico, o princípio do Mal, que deve ser aniquilado do universo. Um dos Sábios me disse:

- Afirma você que Siphan tinha sido um planeta humano conquistado pelos Milsliks. Por que não se contentam eles com planetas gelados, que nós não poderemos habitar? Por que extinguem os nossos sóis? Não, não pode haver nenhum compromisso possível. Têm de desaparecer!

- Mas a luta durará milhões de anos! Por mais poderosas que sejam as armas, vocês não poderão reconquistar os planetas um a um! E que farão desses mundos gelados que não podem habitar? Esquecendo totalmente que era um Hiss de adoção, quase tomava o partido dos Milsliks.

- Nada podemos fazer desses planetas mortos, ainda que eles contenham matérias úteis. Existem bastantes mundos vivos desertos. Mas os Milsliks devem desaparecer. E, dado que o calor e a luz os matam, nós reacenderemos os seus sóis!

Ignorando a mais elementar delicadeza, gritei: - O que?

- Snisson disse que reacenderemos os sóis - respondeu Azzlem. - Ou, pelo menos, tentaremos. Teoricamente é impossível. Na prática arrisca-se a ser mais difícil. Mas tentaremos. Durante a sua ausência começaram já as experiências preliminares. Poremos você ao corrente de tudo no momento oportuno.

Fiquei estarrecido! Depois da minha partida da Terra já vira suceder as coisas mais fantásticas. Admitia - era forçado a isto, visto que vira com os meus olhos - que os Milsliks, esses estranhos seres, tinham o poder de extinguir estrelas. Mas que os Hiss - que, apesar de tudo, não deixavam de ser homens - pensassem em reacendê-

las... Estava me sentindo dominado por uma vertigem. Azzlem prosseguiu calmamente:

- Não creio que a experiência decisiva possa ser realizada em menos de um ano. Entretanto, continuaremos talvez a explorar as Galáxias Malditas, mas sem fazer grandes ofensivas, que apenas serviriam para matar inutilmente Hiss ou Sinzus,

Com estas palavras foi a sessão encerrada. Saí, juntando-me a Souilik, que me aguardava. Repeti-lhe o que ouvira.

- Eu sei. Acaba de ser formada uma equipe especial de físicos, a qual inclui, sob a direção do Sinzu Béranthon e de Assza, uma centena de Hiss e quase outro tanto de representantes de cada humanidade. A nossa amiga Beichit faz parte da delegação hr'ben. Sabe quem comandará os *ksills* encarregados da realização do projeto?

- Não.

- Eu mesmo. E você talvez seja encarregado das equipes de desembarque. O seu aspecto é de quem saberá se desempenhar bem disso - acrescentou rindo.

O *Tsalan* tinha descido no local habitual. Afastei-me dele e fui passear perto da margem, no sítio onde vira Ulna pela primeira vez. Me parecia um mau indício que Hélon não me tivesse dado uma resposta imediatamente. Desejava e temia, simultaneamente, o pôr do sol. O céu estava sem nuvens, como a suave cor malva que se vê em Ella quando o tempo está úmido, na altura de Ialthar desaparecer. Me sentei na areia fina.

Atrás de mim ouvi passos. Um Sinzu aproximava-se e saudou:

- *Song Vsévold Clair*, o *ur-shémon* aguarda você - disse, dando-me o meu título sinzu.

Segui-o. A proa do *Tsalan* estendia o seu gigantesco cone por Cima das nossas cabeças. Hélon me aguardava no posto central, com Akéion e cinco idosos Sinzus, entre os quais Vincédon

- Você ontem me pediu minha filha Ulna como esposa começou ele sem circunlóquios inúteis. - Teoricamente, tem esse direito: você é Sinzu - *Then* e *Song*. Mas, tendo consultado os nossos amigos Hiss, concluímos que seria a primeira vez que se verificaria um casamento entre humanidades diferentes. Até o nosso encontro não conhecíamos nenhuma que estivesse suficientemente próxima da nossa para que uma tal união pudesse ser encarada. Nunca se verificaram casamentos entre os Hiss e os Krens, os quais se lhes assemelham tanto que os próprios Hiss é com dificuldade que os distinguem dos seus compatriotas. Mas os nossos biólogos afirmam, por terem examinado você durante a sua passagem pelo hospital, que, quimicamente, o seu protoplasma é indiscernível do nosso. Você tem, de resto, fragmentos de ossatura sinzus, artérias sinzus, tecidos sinzus. O seu metabolismo é idêntico ao nosso, tem o mesmo número de cromossomos e, provavelmente, o mesmo número de genes. O seu caso é, portanto, único. Só há uma diferença: é que você tem cinco dedos, em vez de quatro, mas os nossos antepassados tinham também cinco dedos. Parece, portanto, não haver nisso obstáculos, fora dos psicológicos. Mas Ulna - e sorriu - consente. Em consequência, dou a minha aprovação. Dado que nas famílias de *shémons* nenhum casamento se deve realizar fora de Bérisenkor, capital de Arbor, vocês partirão para lá desde que os Hiss o permitam. Digo desde que os Hiss o permitam porque, se você é Sinzu-Ten, é também Hiss e igualmente Terrestre. Me interrogo, com ansiedade - gracejou ele -, a que planeta pertencerão os filhos de vocês dois!

Durante todo este discurso eu estivera sobre brasas. A decisão me encheu de alegria. Me inclinei segundo o cerimonial sinzu. Agradecer teria sido uma indelicadeza: só se agradecem as dádivas de pouco valor.

- Uma advertência: - disse ainda .Hélon - segundo o nosso costume, você não deve procurar se encontrar com Ulna agora. Só a verá no dia do casamento. Mas ninguém impede de você enviar mensagens para ela.

Saí do *Tsalan* com o coração aliviado. Caí sobre o inevitável Souilik, a quem dei a boa nova.

- Então toda a gente se casa! - voltou ele - Essine e eu, Ulna e você, e acabo de estar com Beichit, que me anunciou o seu enlace com Séfer. Apenas, no seu caso, você está em falta com os nossos costumes.

- Como pode ser isso?

- Você foi o meu *stéen-sétan*, e ainda não há um ano que casei. Você me deve a multa tradicional: um bloco de platina da grossura de um punho! Hoje, se não conseguir um, o primeiro laboratório que apareça terá muito prazer em fabricar um... Creio que o seu casamento se. realizará em Arbor. Como é que você irá? Sei que o Conselho quer conservar aqui todas as astronaves sinzus. Quer que lhe conduza no meu *ksill*?

E foi assim que, três dias depois, Souilik, Essine, Hélon, Akéion e eu partimos para Arbor, com Ulna fechada num compartimento, para que eu não a pudesse ver.

Um dia lhe contarei as suntuosas cerimônias que se desenrolam no casamento da filha de um *ur-shémon*, Falarei também dos esplendores desse planeta Arbor. Assim como Ella é um mundo calmo e sereno, assim como os planetas mortos são mundos de horror, Arbor é uma terra bravia e bela, com os seus oceanos de um azul-violeta, as suas montanhas de vinte quilômetros de altura, as imensas florestas verdes e púrpuras, as quais os Sinzus velam com um cioso cuidado. Oh! nunca esquecerei a curta estada que fiz, após o meu casamento, no vale de Tar. Ali ficamos apenas seis dias de Arbor, isto é, cerca de oito vezes vinte e quatro horas terrestres. Havia uma moradia reservada para noivos, no meio de uma floresta, a meia encosta de uma vertente onde correm as águas azuis do glaciário. Alguns quilômetros mais abaixo, a torrente, retida por um dique, forma um lago, nas margens do qual se ergue a agradável cidade de Nimoê. E, no entanto, nenhum Sinzu ultrapassa o limite invisível que separa o vale reservado do lago. É um velho costume, que existia também, creio eu, nos nossos índios apaches, esse de os jovens casais terem de passar alguns dias completamente isolados. Segundo o meu ponto de vista, é de inscrever isto no ativo da civilização sinzu.

No passivo, também segundo a minha opinião, é necessário inscrever a mania das cerimônias: nenhum povo, com exceção, talvez, do chinês, é cerimonioso a este ponto. Uma vez decorridos os nossos seis dias de solidão, tive de participar de uma série de festas, de visitas. A ignorância dos costumes me fazia sempre recear cometer faltas, e me senti aliviado quando os *shémons* me comunicaram que podia regressar a Ella logo que me aprovesse.

Tive ainda em Arbor uma estranha experiência. Akéion me conduziu um dia, ao principal observatório do planeta, no hemisfério austral. E aí os astrônomos me mostraram, perdido na constelação de Brénoria, uma pálida mancha de luz: a nossa galáxia. No mais potente instrumento - que não é inspirado no princípio do telescópio - essa mancha resumia-se a uma poeira de estrelas, dispostas em espiral. Entre essas estrelas, perdido na irradiação delas, encontrava-se o nosso humilde Sol. E em volta dessa estrelinha girava a minha Terra natal, tão longe, tão pobremente invisível. A luz que eu via tinha partido há mais de oitocentos mil anos e, admitindo que a ciência dos Sinzus tivesse permitido ver a Terra, tudo o que eu podia esperar perceber seriam, talvez, algumas miseráveis famílias de pitecantropos, na orla de

uma floresta.

Agora, que regressei a Terra, sempre que a noite ou o tempo o permitem, Ulna e eu observamos a nebulosa de Andrômeda. Vê-la faz-me tocar com o dedo, se assim se pode dizer, a imensidade das distâncias que percorri. A galáxia dos Hiss é muito longe, está fora do alcance mesmo dos nossos telescópios gigantes. Mas ver esta pequena opala e pensar que a mulher que está ao meu lado lá nasceu e eu aí estive!...

Ao cabo de três meses regressamos. Souilik veio nos procurar, como estava combinado. Decolamos do astro-porto de Bérinsenkör, repleto de enormes astronaves que asseguram a ligação entre Arbor e os outros planetas colonizados pelos Sinzus.

O nosso *ksill* parecia minúsculo ao lado deles .

Mal tínhamos partido, Souilik me confirmou que eu faria parte do seu estado-maior de "torpedeiros de sóis mortos". Parecia ter me tornado uma personagem importante em Ella. Me interroguei, durante muito tempo, sobre o motivo por que os Hiss não cessavam de me nomear para cargos importantes... e perigosos! Estaria certamente mais adequado numa equipe de biólogos. Os Sinzus não deixavam de participar, como eu, da imunidade perante as irradiações Milsliks e, além disso, eram excelentes físicos. Mas creio que os Ellianos tinham levado a peito a minha integração, e para eles eu era, portanto, um Hiss, um Hiss de sangue vermelho, e não um estrangeiro, como os Sinzus. Além disso, há entre mim e Souilik uma profunda e verdadeira amizade e, insistindo para que eu o acompanhasse, este jovem Hiss, excepcionalmente aventureiro, neste povo de aventureiros científicos, fazia-me a mais bela oferta que estava ao seu alcance: a aventura!

Aconteceu inúmeras vezes amaldiçoar, não, de qualquer forma, esta amizade, mas as suas consequências!

Quando regressamos a Ella nos instalamos numa casa da ilha Bressié. Ulna e "minha irmã Assila" entenderam-se muito bem. Continuamos a trabalhar cerca de um ano na nossa equipe de biólogos, procurando forma de imunizar totalmente os Hiss contra as irradiações dos Milsliks. Finalmente isso nos pareceu teoricamente impossível: as ondas particulares emitidas pelos Milsliks destroem o pigmento respiratório dos Hiss e de todas as humanidades, salvo os Sinzus e nós. E, a não ser que se mude de pigmento respiratório - o que é, evidentemente, impossível -, nada há a fazer. Assza estudou o problema do ponto de vista da física e chegou exatamente ao mesmo resultado. No entanto, conseguimos, através da injeção de certas substâncias químicas, retardar a ação lítica durante algum tempo, desde que não se tratasse de uma radiação muito intensa.

Certa noite, quando saímos do laboratório, Souilik nos levou até ao seu *ksill* e, sem quaisquer explicações, decolou. Eu começara a me familiarizar com a condução destes engenhos, pelo que, ao cabo de algum tempo, percebi que estávamos a caminho de Marte. Nem Ulna nem eu lá fôramos alguma vez, e, assim, encaramos a viagem com satisfação. De resto, foi feita na velocidade espacial máxima para esta distância, o décimo da velocidade da luz.

Marte é um planeta bravo, que se assemelha um pouco a Arbor, mas ainda mais árido. Sobrevoamos o solo de muito alto e, depois, Souilik desceu o *ksill* sobre uma enorme construção, a principal fábrica onde eram construídos os *ksills* para todos os planetas. Que o termo "fábrica" não lhe desperte a idéia de ruído insuportável. Os Hiss têm horror ao ruído, pelo que ali tudo se passava em silêncio, ou quase. Os



*ksills* eram dispostos em cadeia por autômatos, que alguns, poucos, Hiss vigiavam. Passamos por vastos átrios sem nos determos e Souilik introduziu-nos num enorme hangar, onde estava sendo construído um *ksill* de proporções titânicas: medindo mais de trezentos metros de diâmetro, com uma espessura de sessenta metros, não tinha a forma lentilhar clássica, mas sim a de um zimbório de cúpula abatida. Ficamos uns instantes a contemplá-la. Então Souilik nos disse:

- Eis a nossa futura nave, com que iremos reacender os sóis.
- Mas qual a razão destas dimensões e desta forma? - perguntei eu.
- São necessárias. O maquinismo que servirá para reacender os sóis é enorme e não pode ser lançado. Teremos, portanto, de aterrar sobre a superfície das estrelas mortas. Você sabe tão bem como eu que, nelas, a força da gravidade é terrível, e, assim, ficaríamos esmagados sobre o nosso próprio peso se não dispuséssemos de um poderoso campo anti-gravítico. Para gerar este campo será necessário despende uma energia fantástica. Por isso instalar-se-á uma verdadeira central neste *ksill*. A forma de zimbório permitirá uma resistência melhor ao seu próprio peso. Mas, de qualquer forma, duvido muito que possamos ficar mais de um *basike* sobre um sol morto!

Vários meses passaram ainda. Pouco a pouco, me habituei à idéia de participar nesta expedição extraordinária. Os dias escoavam-se, muito calmos. Pelo menos, pareciam calmos. Mas nos Três Planetas tudo o que o universo tinha de cérebros prodigiosamente dotados trabalhava dia e noite na grande obra. As vezes, no entanto, punha-me a pensar, contemplando as tranquilas paisagens de Ella, que toda esta serenidade encobria uma atividade vertiginosa. E me sentia perdido, levado para longe, como um pobre ser sem destino.

No laboratório trabalhava com afinco. Me considerava como que uma espécie de enviado da Terra, o representante da nossa civilização, tão orgulhosa da sua técnica, ultrapassada - oh, quantas vezes! - em todos estes cantos do universo! Estava me parecendo que se fizesse uma descoberta importante afirmaria, desse modo, o meu direito de viver em Ella, deixando de ser um parente pobre, uma curiosidade, para me tornar um membro da comunidade das Terras humanas. Por isso lia até alta noite as publicações Hiss e Ulna traduzia para mim os trabalhos Sinzus. Graças sejam rendidas aos mestres terrestres: se os meus conhecimentos eram, muitas vezes, insuficientes, os métodos de trabalho eram bons, o que me permitiu assimilar rapidamente as noções necessárias.

O mais curioso é que, enquanto me atormentava daquele modo e gemia sobre a minha ignorância, os Hiss me consideravam já como um bom elemento e haviam colocado, desde há muito, sob as minhas ordens, alguns jovens biólogos. Apesar de a minha organização ser diferente, possuía, realmente, conhecimentos que eram novos para eles. Quanto aos Sinzus, se é certo que desenvolveram extraordinariamente a física biológica - curam quase todas as doenças por irradiações apropriadas, tal como os Hiss -, tinham esquecido, ou negligenciado, a química. E foi precisamente neste aspecto que alcancei o resultado de que lhe falei: proteger durante algum tempo os Hiss contra as irradiações Milsliks.

O início da minha vida com Ulna não foi fácil. Os Sinzus são de uma susceptibilidade extrema e eu nem sempre sou paciente. Tínhamos de vencer o abismo que se abria entre as nossas educações, diferentes. Felizmente, o problema religioso não veio complicar as coisas: os Sinzus são agnósticos, tal como eu. Mas múltiplos pequenos pormenores nos indispunham um com o outro; por exemplo - coisa curiosa, para um povo tão cerimonioso -, os Sinzus comem com as mãos (e

you pôde verificar, esta noite, que Ulna ainda não está completamente à vontade no uso do garfo); o hábito que tenho de trabalhar até altas horas parecia-lhe incompreensível, como também a minha repugnância em me levantar cedo. Pouco a pouco, estabeleceu-se entre nós um *modus vivendi*, e as Arborianas têm uma enorme vantagem sobre as suas irmãs da Terra: nunca nos ameaçam de voltar para casa das mães!

Certo dia, quando me aquecia ao sol como um lagarto, conversando com Ulna e Assila, uma sombra interpôs-se entre nós e o astro: era o enorme *ksill* que víamos em construção no planeta Marte. Conduzido por Souilik, descreveu graciosas evoluções, roçou o teto da minha casa e desapareceu no horizonte. Uma meia hora depois recebia uma mensagem de Azzlem me convocando para partir imediatamente.

Aterrei na esplanada. O enorme *ksill* balançava suavemente, pousado nas ondas, no extremo do embarcadouro. Souilik me aguardava sozinho.

- Não trouxe Essine? - perguntei.
- Não. Não poderá haver mulheres nesta aventura. Também você não trouxe Ulna!
- Quando partimos?
- Em breve. Ande, os Sábios querem ver você.

Azzlem e Assza nos receberam imediatamente. Azzlem começou abruptamente:

- Slair, vamos lhe pedir, mais uma vez, que leve a cabo uma perigosa missão. Como você sabe, Souilik conseguiu que fosse incluído no estado-maior do ataque. Não recusamos, porque não havia nenhum motivo para isso, mas também não julgávamos que seria particularmente útil. Ora dá-se o caso que, provavelmente, será você indispensável, pois já conhece o essencial do projeto: num *ksill* especial, vocês desembarcarão na superfície solidificada de um sol morto e aí colocarão um pesado aparelho, que vai despertar reações nucleares. Na verdade, parece que ultrapassamos ligeiramente os fins fixados: queríamos reacender simplesmente os sóis. Ocasionaremos explosões, sem dúvida. Mas os planetas que gravitam em sua volta serão também destruídos, ao mesmo tempo que os Milsliks. Tanto pior!

O problema é o seguinte: sobre a superfície dos sóis vocês estarão submetidos a uma gravidade dezenas de vezes mais forte que a de Ella se o *ksill* não estivesse munido de um dispositivo antigravítico. Mas esse dispositivo consome uma energia fantástica e só poderá funcionar cerca de meio *basike*. Será necessário que tudo esteja pronto nesse período de tempo, senão é o esmagamento sobre o próprio peso. Por outro lado, uma parte do detonador - parte que, por agora, não pode ser dividida nem montada adiantadamente no corpo do aparelho - pesa demasiado, apesar dos nossos esforços, para ser manipulada por um Hiss ou por um Sinzu, nas condições a que vocês estarão submetidos.

- Os autômatos - disse eu. Azzlem deu um "ssii" de irritação.
- Você bem sabe que os autômatos não funcionam nos campos anti-gravíticos. Pensamos, portanto, em utilizar a sua força física. Aceita?
- É difícil recusar - exclamei.
- Vamos, portanto, colocar você num intenso campo de gravitação artificial, para ver se será capaz de manipular a tal peça e até que limites. O campo anti-gravítico que a aparelhagem do *ksill* poderia fornecer será, em duração, inversamente proporcional ao campo do sol morto. Será necessário agir o mais rápido possível. Venha.

Penetrei pela primeira vez no laboratório de física. Me vestiram um escafandro especial. Era armado em hastes de metal, articuladas nos joelhos, nos cotovelos e na cintura; o interior era como as combinações de vôo "anti-g" dos nossos aviadores

supersônicos. Assim equipado, fui colocado numa plataforma de metal, sob uma cúpula de cobre. No chão estava uma peça metálica complicada. Me abaixei e ergui-a sem esforço. Sabia que isso seria quase impossível a um Hiss.

Assza dirigiu-se para um reóstato. - Atenção! Gravidade 2!

Me senti pesado. Erguer a peça foi mais custoso. Pouco a pouco, Assza aumentava a intensidade da gravidade. Então meus braços e pernas se tornaram de chumbo, a circulação se fazia dificilmente e o sangue refluía para os pés, apesar do escafandro. Depois veio o "véu negro", bem conhecido dos nossos aviadores. Mas, mesmo antes de ele se ter produzido, já não conseguira erguer a peça. Lentamente, Assza levou a gravidade até ao normal.

- Será mesmo difícil - disse. - E provavelmente impossível para certos sós. É preciso encontrar a forma de tornar a operação astomática Mas poderemos ensaiar na superfície de uma pequena estrela.

No dia seguinte Souilik partiu de novo, com o grande *ksill* que devia ser acabado de construir na ilha Aniasz. Durante um mês não ouvi falar de mais nada. E, de repente, em certo dia, Assza passou pelo laboratório e me anunciou que tudo estava pronto e que partiríamos no dia seguinte para torpedear um sol morto da Galáxia Maldita onde eu já estivera. Nessa noite ficamos na Casa dos Estrangeiros. Ao pôr de Ialthar o grande *ksill* surgiu do poente e amerissou no extremo da pequena ilha. Alguns minutos mais tarde Souilik apareceu, acompanhado por Essine, Assza, Beichit, Séfer, Akéion e Béranthon, o grande físico sinzu. Todo o estado-maior do *Sswinss* (este nome significa "Destruidor") estava, pois, reunido. Houve uma espécie de banquete, sem discursos. Ulna e eu nos retiramos cedo e fomos passear na praia. Estava uma temperatura deliciosa e o mar fosforecia, em grandes ondulações lentas. Ari e Arzi difundiam a sua luz fria, as estrelas brilhavam aos milhares. Baixo, no horizonte, Kalvénault cintilava ainda, um pouco mais vermelho. O luar argênteo das luas recortava as sombras dos bosques. Nos sentamos, fitando a vaga a se desfazer na praia em espuma.

Ali ficamos muito tempo sem falar. Que poderíamos nós dizer? O drama que se preparava ultrapassava-nos! Já não me era possível recuar, e, de resto, não era essa a minha intenção, apesar do medo que me sacudia o corpo. Ulna sabia que desta vez não podia me acompanhar. Perto do mar, do nosso lado esquerdo, surgiu um outro par. As elegantes silhuetas, um pouco franzinas, denotavam serem Hiss. Aproximaram-se e reconhecemos Souilik e Essine. Me levantei para os chamar, mas Ulna puxou-me pela túnica, dizendo:

- Não. Também eles têm de se separar.

Fiquei calado. Passaram diante de nós sem nos ver e afastaram-se para a direita. Pouco depois voltaram para o nosso lado. Já não estavam sós. Os seus companheiros eram ainda mais frágeis e adivinhei que se tratava de Beichit e Séfer. Desta vez, quando passaram perante nós, chamei-os e eles vieram se sentar ao nosso lado. Tirei o cachimbo do bolso e acendi-o. Se bem que os Hiss não fumem e achem até este vício singular, existe em Ella uma planta que é melhor do que o tabaco terrestre, sem ser tão nociva como este Trouxe comigo, para aqui, algumas dessas plantas, que, no entanto, não se puderam aclimatar. Acendi, pois, o meu cachimbo e esse gesto me transportou a alguns anos atrás. Uma vez, em 1944, precisamente antes de embarcar para a costa da Provença, fumara o meu último cachimbo diante do Mediterrâneo, acompanhado por camaradas, muitos dos quais deveriam cair mortos, a meu lado, alguns dias depois. Me voltei para Souilik.

- Que probabilidades temos de regressar, na sua opinião?

Me respondeu com uma locução hiss: - É a mordidela do *stissnassan*!

O *stissnassan* é um verme de Ella cuja cabeça é tão semelhante à cauda que as pessoas se enganam uma vez em duas sobre a sua posição. E prosseguiu:

- Provavelmente não há Milsliks nos sóis mortos. O perigo não reside nisso. Mas nós disporemos de muito pouco tempo para lançar o *kilsim*. Tudo dependerá, possivelmente, da sua força. Ao contrário dos Sábios, eu talvez esperasse poder fabricar autômatos que funcionassem nos campos anti-gravíticos Mas, por outro lado, a construção dos *kilsims* devora uma enorme quantidade de energia, e se, no fim de contas, eles não podem servir, mais vale isso ser verificado já e utilizar essa energia para outro fim.

- Mas certamente que você conseguirá - exclamou Beichit, indignada.

- Beichit faz parte da equipe dos construtores - replicou Souilik, num tom ligeiramente sarcástico. - É natural que tenha plena confiança no seu engenho. Por minha parte, ficarei mais tranquilo quando ele estiver funcionado. Ainda não seria nada, se ele se contentasse em não funcionar. Explodirá de qualquer forma. Mas temos de triunfar... ou perecer!

- Mas porque? - interoguei eu.

- O *kilsim* é ainda um engenho experimental... e perigoso. Uma vez assentada a penúltima peça, você terá precisamente um minuto terrestre para a colocar. Assim mesmo, se conseguir, a explosão se dará um *basike* depois. Se falhar, verificaremos dois minutos depois. Inútil dizer que neste último caso não teremos tempo para nos afastarmos. Quanto a passar para o *ahun*, na proximidade de um campo gravítico tão potente, nos arriscamos a ir parar em algum universo negativo. E nem toda a gente tem a sorte de Akéion. Mas não se inquiete. No seu minuto farei dar o máximo ao campo antigravítico. Você conseguirá!

Arzi descia lentamente para trás do horizonte. Levantou-se um vento fresco. Ficamos silenciosos. Depois Ulna entoou, a meia voz, o canto dos Conquistadores do Espaço. Quando chegou ao verso sobre "os que a morte levou para os seus mundos desconhecidos" deu um breve soluço, mas prosseguiu. Com uma voz baixa e muito pura, Beichit entoou, por sua vez, um antigo canto do seu planeta, lento e obscuro como se fosse um sortilégio. Depois me pediram que cantasse uma canção da Terra, e não encontrei melhor do que a rude ária dos corsários de Jean Bart:

São homens de muita coragem Os que conosco partirão...

Exato, pensava eu. Que foram as viagens dos navegadores de outrora ao lado desta fantástica tarefa: reacender um sol?!

Séfer, calado até aí, disse:

- Aconteça o que acontecer, os planetas humanos poderão se orgulhar de nós. Se falharmos, outros, mais tarde, triunfarão. Mas nós teremos sido os primeiros!

Sim - retorquiu Souilik. - Mas tenhamos o cuidado de não nos comportarmos como Ossinsi !

Quem era Ossinsi?

O mais famoso dos guerreiros de Ella-Ven, há alguns milênios. - A canção ainda existe... É a sua vez, Essine!

Constituindo um dueto, cantaram os feitos de Ossinsi. Era uma tão famoso guerreiro que nunca pôde matar ninguém, pois o inimigo debandava só de ouvir o seu nome. Certo dia encontrou um velho eremita que nunca ouvira falar dele e ao qual perturbara as orações. Longe de fugir, o homem invetivou-o violentamente. E Ossinsi, intimidado por ter diante dele alguém que ousava increpá-lo, fugiu tão depressa que ainda hoje corre.

Com esta nota irônica fomos dormir.

Partimos ao romper da aurora. Essine, Beichit e Ulna nos acompanharam ao embarcadouro. Fizemos as últimas despedidas e, então, a porta de metal se fechou sobre nós.

A primeira parte da viagem não teve história. A passagem para o *ahun* notou-se simplesmente por um balanço mais forte do que o habitual, devido as grandes dimensões do *ksill*. Emergimos na Galáxia Maldita, mas Souilik não pôde me dizer se estávamos longe ou perto do planeta Siphon, onde eu permanecera um tão angustioso mês. Passamos suficientemente perto de um planeta para verificar se era povoado por Milsliks. O sistema solar que íamos destruir nos pareceu comportar uma dúzia de planetas, mas, claro, este número era apenas um cálculo. Descemos, então, para o sol morto.

Eu estava com Béranthon, Akéion, Séfer e Souilik no posto de comando, o *séall*. Além dos instrumentos habituais, que eu aprendera a utilizar ou compreender, havia uma nova quantidade de mostradores, controlando a aparelhagem especial.

- Só atingiremos o sol morto dentro de alguns *basikes* - disse Souilik. Será talvez útil que Béranthon lhe mostre exatamente o que terá de fazer.

Segui o físico. O *Sswinss* comportava uma equipe de cinquenta homens apenas: vinte e cinco Hiss e outros tantos Sinzus. A maior parte do *ksill* era ocupada por uma imensa divisão circular, cujo chão estava dividido em duas partes: sobre um círculo central erguia-se uma máquina pesada e maciça, oval. com cerca de três metros de altura e trinta de largura. Estava inacabada e, ao lado dela, pousadas sobre o chão metálico, encontravam-se as peças que a deviam completar. Entre elas vi a que eu devia manipular. Nos extremos deste círculo central estavam os geradores de campo antigravítico, sob cuja ação deveríamos trabalhar.

- Logo que pousemos - disse Béranthon - o círculo central que guarda o *kilsim* se separará. Antes, porém, teremos posto em ação os campos anti-gravíticos Mas para contrabalançar o campo do sol morto consumirão tanta energia que não os poderemos manter funcionando, no total, senão um meio *basike*, a partir do momento em que tivermos pousado. É necessário ser-se rápido. Mal o *kilsim* esteja pronto, tornaremos a partir, passaremos para o *ahun*, bastante longe do sol, e sairemos no Espaço para observar o resultado. Venha até aqui repetir a operação. É simples. Você pegará na peça, introduzirá neste orifício, rodando-a de 90°, empurra e roda de novo 90° no sentido inverso. É tudo. Mas quando eu der o sinal não se demore nem um segundo! Disso depende a vida de todos. Agora ensaie. O *kilsim* ainda não está carregado e não há nenhum perigo.

Estávamos no Espaço, longe de qualquer campo de gravitação intenso. Foi muito fácil. Repeti o movimento até o fazer de olhos fechados.

- Daqui a pouco a peça pesará mais. Ensaiará uma outra vez antes que acabemos de montar o *kilsim*.

Não. Isto basta. Prefiro não me fatigar - respondi.

Voltamos ao *séall*. Ultrapassáramos a zona dos grandes planetas e vogávamos para os planetas interiores. Quando o último desapareceu atrás de nós Souilik ligou os campos anti-gravíticos internos e deu o sinal de alerta. Vestimos os escafandros, mas ficamos ainda no *séall*. Béranthon e Souilik iniciaram então uma série de delicadas manobras. Não se aterra na superfície de um sol morto como num planeta, por maior que ele seja! Durante um momento o consumo de energia ultrapassou a norma prevista e todos pareceram preocupados, mas depois tornou-se normal.

No entanto, quando estávamos apenas a uma dezena de milhares de quilômetros

do nosso alvo, o consumo aumentou novamente e foi necessária uma decisão: continuar, limitando a nossa estada a um terço de *basike*, em vez de meio *basike*, ou regressar depressa. A decisão unânime da tripulação e do estado-maior foi que se prosseguisse. Béranthon decidiu apenas iniciar imediatamente a montagem do *kilsim*, conservando a estrita margem de segurança indispensável.

Salvo Souilik, agarrado ao seu posto de comando, descemos todos para a grande sala. Os geradores anti-gravíticos zumbiam debilmente. As equipes de montagem estavam fatigadas em torno do *kilsim*. Apesar do campo interno, a gravitação já se fazia sentir pesadamente e a agulha do gravímetro aproximava-se da graduação 2. Depois ultrapassou-a. Os nossos movimentos tornaram-se pesados e lentos. Por ordem de Béranthon, estirei-me num leito. Tinha de guardar as fôrças para o momento crucial.

Houve um ligeiro choque. O *ksill* deslizou e imobilizou-se.

Docemente, a plataforma central deslocou-se, deixando-nos na superfície de um sol morto. O *ksill*, com a sua corôa, subiu a três metros de altura. Por todos os lados se estendia, sob a luz fria dos projetores, uma paisagem de metal e de escórias, em vagas solidificadas. Dispúnhamos de um terço de *basike*, ou sejam trinta minutos basikianos, para executar o nosso trabalho.

No meu capacete ouvi a voz fria de Souilik, que contava: "vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete...".

Mas que faziam os componentes das equipes de montagem?

A mim me parecia que nem sequer se tinham ainda movido. Rodando penosamente a cabeça, vi-os metidos nos escafandros, arrastando os pés, mexendo-se vagarosamente. Apoiado no *kilsim*, Béranthon orientava-os vocalmente.

"Vinte e cinco... vinte e quatro... vinte e três...".

A maior parte das peças jazia ainda no chão metálico. Que idiotas todos nós éramos - os Hiss, os Sinzus, os hr'ben e eu mesmo! Se os autômatos não funcionavam nos campos anti-gravíticos, uma simples grua, uma roldana, até, teria, certamente, feito o serviço! Mas a civilização destes senhores tinha esquecido essas primitivas máquinas!

"Vinte. .. dezenove... dezoito...".

Os campos anti-gravíticos não eram absolutamente constantes, mas flutuavam ligeiramente. Me afundei na cama, me ergui novamente, me deitei de novo.

"Quinze... catorze... treze...".

As últimas peças eram colocadas, pouco a pouco, no seu lugar do conjunto. Béranthon gritou para mim:

- Atenção. Ao meu sinal, será a sua vez, terá precisamente um minuto terrestre. Prepare-se!

"Doze. .. onze... dez...".

- Quando eu baixar o braço começará o seu minuto. Venha cá!

Me ergui e me arrastei penosamente até a peça, que me pareceu monstruosa. Não, nunca nestas condições conseguirei erguê-la!

"Nove...". -

Béranthon! Não poderei! Para!

"Oito...".

- Muito tarde! É a sua vez!

Baixou o braço. Me curvei, agarrei a peça, possuído duma vontade selvagem. De qualquer maneira, o monstro, agora, estava carregado. No que eu confiava, por ser a nossa única probabilidade de salvação, era no moderador que nos daria o tempo

necessário para partir. Com um "han!", ergui-o. Béranthon tinha o meu relógio terrestre e dava-me os segundos.

"Cinquenta e cinco...".

Dei um passo, conseguindo introduzir o extremo da peça no orifício.

"Cinquenta..".

Não, era peso demasiado. Tinha de rodar pra direita ou pra esquerda? O suor banhava o meu escafandro e me corria para os olhos.

"Quarenta...".

E esse idiota do Souilik que prometera fazer funcionar a toda a fôrça os campos anti-gravíticos quando fosse a minha vez!

"Trinta e cinco...".

A minha volta as equipes de montagem fugiam, lentamente, esmagadas pela gravitação. Fiz um violento esforço e elevei o outro extremo da peça na altura desejada. Me pareceu sentir um estremecimento no flanco do monstro. E se os Hiss tivessem se enganado? Se fosse rebentar agora?

"Trinta...".

Tomado de panico, rodei a peça no sentido contrário.

- Para o outro lado! Para o outro lado! berrou Béranthon.

"Vinte e cinco...".

Então, subitamente, me pareceu que a peça ficara leve.

Pude rodá-la, fazê-la penetrar. Só me restava rodá-la mais uma vez. Mas em que sentido? No inverso, decerto. Mas para que lado rodara da primeira vez? Com o cérebro parado, fiquei imóvel talvez um segundo.

"Vinte...".

- Como é isto?

A peça rodara sozinha. Maquinalmente, Béranthon tentou limpar o suor que lhe brilhava no rosto.

Dez - disse ele

- Sete - respondeu a voz de Souilik. Atenção, vou descer. Embarquem!

O *ksill* nos cobriu. Uma última vez, lancei um olhar para as vagas de metal solidificado que ninguém mais veria, talvez. Tão depressa quanto podíamos, em passos lentos, subimos para o interior. O *ksill* decolou, abandonando o disco central sobre o qual se erguia a massa pesada do *kilsim*. Decresceu sobre nós e desapareceu. Nos dirigimos para as portas estanques e penetramos no *ksill*. A gravitação era ainda muito forte. Chegamos ao pé das escadas e quando a fôrça começou a decrescer subimos, lentamente, esgotados pela fadiga. E, então, subitamente, quando estava ainda no meio, me tornei leve como se fosse uma pena: acabávamos de passar para o *ahun*.

## CAPÍTULO IV

### UM CLARÃO NA NOITE...

Um após outro, voltamos aos nossos postos. Regressei ao *séall*. - Onde estamos? - perguntei a Souilik.

- Qualquer lugar no Espaço. Bastante longe para nada recermos, creio eu. Aguardamos a explosão. - Dentro de um *basike*, não é?

- Não, mais tempo. Ela se dará dentro de um *basike*, mas nós só a veremos mais tarde, dentro de quatro ou cinco *basikes*, segundo a distância a que estamos da estrela, e que não sei precisamente qual é. Não se esqueça que a propagação da luz não é instantânea. E quanto as ondas *sness*, que se propagam dez vezes mais depressa, não creio que a explosão produza muitas. Podemos tentar captá-las.

Béranthon e Séfer preparavam os aparelhos registradores.

Nós aguardávamos. Tudo estava silencioso no *ksill*. Apenas se ouvia o fraquíssimo zumbir dos motores auxiliares e o ligeiro zumbido do purificador de ar. Me sentei numa das confortáveis cadeiras e, fatigado, adormeci.

Fui acordado por um verdadeiro clamor. Abri os olhos.

Todas as lâmpadas estavam apagadas, mas uma fulgurante claridade, vinda do écran, recortava, em sombras, as silhuetas do hr'ben, do Sinzu e de Souilik. Ofuscado, me volvei. Souilik, com os olhos protegidos pelo braço, manobrava um volante. A luz decresceu, filtrada. Agarrado aos braços da cadeira, eu observava este fantástico espetáculo, que era, em parte, obra minha: o renascimento de um sol!

Ao fundo do céu azul, uma mancha de luz, ainda ofuscante, apesar do filtro, crescia de segundo em segundo. Então surgiram línguas de fogo violáceo, estendendo-se, como imensos dedos, em três direções. O espetáculo era muito mais grandioso por não haver nenhuma outra estrela visível. Os pálidos clarões das galáxias distantes desapareceram com aquela irradiação.

- Por que não me acordou, Souilik? - gritei.

- Fomos surpreendidos! A explosão se produziu mais cedo do que pensávamos, o que significa que estamos mais perto do que julgávamos - demasiado perto, para bem dizer. Olhe para o detetor de radiações!

A agulha deslocava-se, aproximando-se pouco a pouco da linha verde: perigo! Impassível, Béranthon e Séfer vigiavam os registradores.

- Atenção, partimos.

Senti o balanço da passagem para o *ahun*. O écran se escureceu. Pouco depois senti o estremecimento característico, mas o écran continuou obscuro.



- Onde estamos?
- Onde quer que estejamos? No Espaço.
- Mas o sol? Extinguiu-se novamente?

Os meus três companheiros romperam a rir.

- Claro que não, ingênuo terrestre. Ultrapassamos simplesmente a zona que a sua luz atingiu. Observe bem: você vai ver o início da explosão.

Aguardamos em vão durante dois *basikes*. De repente, no negro profundo do Espaço, precisamente diante do brilho de uma galáxia, acendeu-se uma estrela verde.

- A explosão do *kilsim*! - exclamou Béranthon

Talvez durante um ou dois segundos nada houve além de um brilho verde na noite. Depois, deslumbrante, apareceu a luz azul. Como estávamos consideravelmente mais longe, o seu diâmetro me pareceu pequeno. Revi os dedos de chamas, gigantescas lufadas de gás elevadas a uma fantástica temperatura. Alargaram-se, fundiram-se, formaram uma corôa onde palpitaram durante um momento, todas as cores do espectro. E foi um segundo jorro, um terceiro, um décimo, um centésimo, sucedendo-se cada vez mais depressa, indo cada vez mais longe. A mancha de luz atingia agora, vista de tão longe, o dobro do diâmetro aparente do nosso sol. E a cada momento aumentava.

- Não deve existir rasto de Milsliks agora - disse calmamente Béranthon. Nem sequer dos seus planetas.

Souilik regulou o écran para o engrandecimento 100, colocando um novo filtro. Toda a superfície do aparelho foi invadida por um mar borbulhante de fogo, onde se erguiam e abatiam, sem parar, volutas tão grandes como vários planetas. O diâmetro da estrela tinha ultrapassado agora o do seu antigo sistema solar, e todos os mundos que ela outrora iluminara tinham regressado ao seu seio, com as suas montanhas, os seus oceanos gelados, as suas possíveis ruínas humanas... e os seus Milsliks!

- Não, é de mais, Luz do Céu! É demasiado poder entre as mãos das criaturas! disse um jovem Hiss que acabava de entrar.

Souilik voltou-se, como picado por uma serpente.

- Como demasiado? Preferiria ver Ialthar extinto pelos Milsliks?

O jovem Hiss não respondeu. Foi a única vez que ouvi um Hiss pôr em dúvida a Grande Promessa. E, ironia do destino, foi Souilik, um dos raros agnósticos de Ella, que o fez calar-se.

A estrela sem nome estabilizava-se. A sua superfície ainda se agitava em ondas chamejantes de vez em quando, mas não aumentou mais. Passamos para o *ahun*, para a viagem de regresso.

Logo que Ella apareceu, Souilik, pelas ondas, lançou a nova. Assim, mesmo antes de atingirmos a atmosfera, fomos rodeados por uma escolta triunfal de centenas de *ksills* e pelo *Tsalan*. Quando amerrissamos no extremo do embarcadouro, todo o Conselho dos Sábios nos aguardava. E, lá ao fundo, três formas verticais agitavam os braços: Ulna, Essine e Beichit. A praia, a esplanada inferior, as vertentes das montanhas, estavam cobertas de uma multidão de Hiss - única multidão que jamais vi sobre este feliz planeta. Quando surgimos na carapaça do *Sswinss* rompeu, como uma trovoadas, o hino que eu ouvira na sala do Conselho dos Mundos, no planeta Réssan. Era o canto de libertação de centenas de humanidades libertas das ameaças da Grande Noite e para as quais se abria um destino sem limites.

Penetramos na sala do Conselho, alquebrados pela fadiga e pela emoção. Souilik começou a fazer o seu relatório. Azzlem interrompeu docemente:

- Não, Souilik, não. Os pormenores técnicos ficam para .amanhã. Hoje conte simplesmente como tudo se passou.

Cada um de nós fez um relato. Sob o domínio da emoção, eu soube encontrar as palavras necessárias para dar parte das minhas angústias, quando segurei o moderador e os segundos se escoavam tão depressa, ali, na superfície daquele sol morto. Sugeri a instalação de uma grua no *Ssunns*. Fui ouvido como nunca o tinha sido na minha vida.

Depois parti com Ulna para casa. Fiquei oito dias completos em repouso, Souilik e Essine, Beichit e Séfer foram me ver. Os vizinhos também me visitaram e até Hiss que habitavam longe e que eu nunca vira. Relatei um número incalculável de vezes a nossa aventura. Na noite do oitavo dia, quando regressava do banho, um *réob* azul, a cor do Conselho, aterrou diante da minha casa. Assza, descendo dele, me disse simplesmente: - Slair, o segundo *kilsim* está pronto!

Começou então para mim a parte mais fantástica da minha vida. O plano dos Hiss era fazer, na Galáxia Maldita, uma mancha de luz, torpedeando sistematicamente todos os sóis mortos nos arredores do primeiro que tínhamos reacendido. Assim, fiz parte de uma dezena de expedições, sem incidentes. A peça móvel era agora erguida por uma grua e o meu trabalho consistia apenas em manobrá-la. Por acordo tácito, os meus companheiros, tanto Hiss como Sinzus ou Hr'ben, deixaram para mim essa honra, se bem que com a ajuda da grua até uma mulher executaria a tarefa. De resto, as mulheres começaram a participar nas expedições de guerra nos planetas colonizados pelos Milsliks.

Em Marte as fábricas trabalhavam em cheio para construir outros *ksills* gigantes. A partir da quarta expedição saímos aos grupos de três. Na décima figuraram sete *ksills* - e sete sóis reacenderam-se simultaneamente Na décima primeira fomos dez, mas ,apenas cinco regressaram!

Me recordarei sempre disso. Tínhamos torpedeado um enorme sol e, apesar de os campos anti-gravíticos estarem no máximo, conseguimos sobreviver, partindo a tempo. Um Hiss da tripulação aproximou-se imprudentemente do extremo do círculo e, como o campo estava enfraquecido nos bordos, o nosso companheiro caiu sobre a superfície do sol morto, perecendo ingloriamente, sem que lhe pudéssemos valer, esmagado pelo seu próprio peso.

Erramos pelo Espaço, aguardando a explosão. A escuridão era completa. Na verdade, como o nosso primeiro torpedeamento remontava a pouco mais de seis meses, a luz de qualquer sol não tinha ainda atingido mais de seis meses-luz. E estes sóis. mortos estavam separados, em média, por distâncias dez vezes. maiores. Eu estava no *séall*, com Souilik, Ulna e Essine. Esta estava triste: o Hiss que tinha perecido, e cujo corpo ia ser pulverizado pela medonha explosão, era seu parente. Permanecemos calados. O homem de vigia aos registradores entoava a sua monótona litania: "*Sikan, snik. Tsénan, snik. Ojan; snik....*

De repente vimo-lo debruçar-se, perscrutar um registador:

"*Asénan mislik: sen, tsi, séron, stell, sidon...* ".

O registo das irradiações Milsliks acabava de passar de O a 5. Para os Hiss o perigo começava a 7 e para os hr'ben a 6! Havia Milsliks na vizinhança, longe de qualquer planeta E isto era, em si mesmo, um perigo e uma ameaça.

No entanto, desta vez nada se passou - nada para nós. A irradiação decresceu. Alguns minutos depois fomos alcançados pela onda luminosa. O *kilsim* tinha funcionado uma vez mais.

Passando para o *ahun*, pousamos no planeta dos kaiens, que nos servia de

quartel-general. Um outro *ksill* gigante, que era comandado por Akéion, já lá estava. De um dos lados do imenso campo de aterragem tinha nascido uma pequena cidade cosmopolita, que abrigava as equipas encarregadas da conservação dos *ksills*. Os *kaïens* mostravam-se amistosos, mas reservados.

Esperamos. Dois outros *ksills* e os meus comandantes vieram fazer os relatórios. Tudo era normal. Cerca de cinquenta sóis já tinham sido reacendidos, mas, como observou Beichit, isso era apenas um fraco brilho na noite, em relação aos milhares de estrelas mortas das Galáxias Malditas.

O tempo passou. A noite caiu, a noite de *Sswift*. Os seis outros *ksills* não regressavam. Não ficamos muito inquietos, visto que o limite de tempo ainda não fora atingido. Jantamos e fomos dormir. De manhã os quatro enormes corpos dos nossos *ksills* ainda estavam sozinhos no terreno.

Lá para o meio da manhã pousou um pequeno *ksill* proveniente de Ella. Conduzia Assza. A sua visita fez-nos parecer o tempo mais curto. Mas quando, da noite, nenhum dos engenhos tinha ainda regressado, a inquietação começou a nos atormentar. De comum acordo, decidimos que Souilik, Assza e eu velaríamos até de madrugada.

Nos instalamos no penúltimo andar da torre de controle, onde os Hiss tinham instalado um posto de vigia. Por cima das nossas cabeças ouvíamos os pesados passos do *kaïen* que assegurava o tráfego das aeronaves do seu próprio mundo, Assza sentou-se diante do posto emissor e tentou entrar em contacto com os *ksills* no momento de sua aproximação do planeta. Mas tantos aparelhos de ondas *sness* como os de ondas hertzianas continuavam silenciosos. Cerca da meia-noite Souilik tomou o seu lugar. Sentado num confortável divã, eu adormecia lentamente. Tudo estava obscuro, salvo a fraca claridade verde das lâmpadas de controle

De repente apareceu no écran o rosto lívido de um Hiss, Brissan, o comandante do *ksill* nº 8. Pronunciou algumas palavras entrecortadas e ininteligíveis, após o que o écran se apagou.

Completamente desperto, me levantei e me coloquei atrás de Souilik, que manobrava febrilmente os botões de controle. O écran iluminou-se mais uma vez, mas continuou branco.

- Que se passa, Souilik? - perguntei.
- Não sei. Nada de bom, certamente.
- Vamos - interrompeu Assza.

Corremos ao andar superior. Nos olhos pedunculados do *kaïen* surgiu um clarão de hostilidade quando nos viu entrar, mas que desapareceu quando reconheceu Souilik. A pedido de Assza, pôs a funcionar o detetor espacial - de resto, um modelo sinzu aperfeiçoado - e sondou o céu. Este detetor é uma espécie de radar, utilizando as ondas *sness*. No écran surgiu uma mancha que se deslocava rapidamente

- O nº 8 - exclamou Souilik. - Estará aqui dentro de alguns minutos. Deve estar já na atmosfera.

Voltamos a descer. Um a um, os potentes projetores acendiam-se nos quatro cantos do terreno, não para o *ksill*, que deles não precisava, mas para uma astronave *kaïen* que regressava de uma viagem interplanetária. Chegou pouco depois, enorme massa ovoide e deselegante. Mal se tinha imobilizado, surgiu o nosso *ksill*. Mas, em vez de descer verticalmente, caía obliquamente para o solo. Com o rosto tenso, Souilik olhava através do vidro.

- Em que pensa aquele Brissan? É doido, ou julga que está pilotando um *réob*? Por todos os Milsliks! Vem muito depressa, de qualquer maneira! Muito depressa! Ssiüh!

O enorme engenho acabava de tocar no solo com uma velocidade ainda a mais de mil quilômetros por hora. A terra abria-se, saltava e a poeira rolava em vagas pesadas sob a luz dos projetores. Através desta bruma amarelada vimos o *ksill* saltar, cair, saltar de novo. Depois passou sobre a pista como uma gigantesca roda. Tocou ligeiramente no *ksill* nº 2 - o de Akéion -, passou entre o nº 1 e o nº 3 e esbarrou contra a astronave kaïen.

Corríamos já. Lentamente, a poeira caía. Do nº 3 acorriam os Hiss e os Sinzus. Passamos diante do nº 1 e, sempre correndo, vi Essine na minha esquerda e Ulna, Beichit, Souilik e Assza na minha direita. A toda a velocidade acorriam os veículos kaïens com as equipes de socorro.

A astronave ardia. Contra ela, com o casco torcido, desfeito, jazia o nº 8, com três quartas partes destruídas. A portinhola esquerda de saída estava aberta, mas ninguém aparecia. Entramos no corredor, amolgado, subimos pelos tetos caídos, deslocamos alguns cadáveres de Hiss e de Sinzus e penetramos no *séall*. A luz brilhante perdurava e do fundo do *ksill* estripado subia ainda o zumbido dos motores. Havia sete homens no *séall*; seis dentre eles estavam mortos. Brissan ainda vivia. Reconheceu Souilik e Assza e murmurou: "Atenção, os Milsliks contra-atacam". Depois expirou.

Entre a desordem das instalações demolidas e de aparelhos arrancados Souilik encontrou, numa banqueta, o livro de bordo.

Saímos de novo, deixando o lugar para a equipagem do nº3, que, metodicamente, procurou os sobreviventes. Finalmente encontraram um, uma rapariga Kren, com os quatro membros partidos. Foi imediatamente transportada ao hospital da base.

A astronave continuava a arder. Não sei que substâncias os kaïens empregam para aqueles engenhos, mas é eminentemente combustível e produz um enorme calor. Pouco a pouco, o fogo foi extinto; voltamos pra torre de controle e reuniu-se imediatamente um conselho de guerra.

Resumidamente, eis o que nos disse a leitura do livro de bordo: o *kilsim* fora colocado na superfície de uma estrela morta. O *ksill* tinha aguardado a boa distância a explosão, que não se produziu. Brissan esperou ainda durante um espaço de tempo cinco vezes maior do que a duração normal. Nem sequer se sonhava em regressar para verificar o *kilsim*. No momento em que Brissan ia dar ordem para se passar para o *ahun* o *ksill* fora rodeado por Milsliks. Os raios térmicos varreram a ameaça, mas já três Hiss tinham sido gravemente atingidos.

Então Brissan, de acordo com o seu estado-maior, cometeu uma imprudência. Em vez de regressar para a base, aproximara-se do último planeta do sistema, que regurgitava de Milsliks. Pôde observar, na superfície, colunas de um tipo mais complicado do que aquelas que outrora destruíramos em Sete, de Kalvénault. O *kilsim*, na superfície da estrela, continuava a não funcionar e Brissan julgara que os Milsliks haviam encontrado o meio de impedir o seu funcionamento. Isso fazia supor que tinham sido advertidos dos seus efeitos, pois que os Milsliks mantinham, por meios desconhecidos, relações ultra-rápidas de sistema a sistema solar.

Brissan queria regressar. Afastou-se do planeta, a fim de passar para o *ahun*. Então começaram a chover, através do Espaço, blocos de metal e Milsliks mortos, que principiaram a bater no casco do *ksill*, bem menos espesso que o de *Ulna-ten-Sillon*. Se bem que muito danificado, o *ksill* passou para o *ahun*, mas metade dos motores e da aparelhagem não funcionavam. As últimas palavras escritas no livro de bordo eram: "Base a vista. Descemos muito depressa".

Em vão aguardamos os outros *ksills*. Dos trezentos membros de seis tripulações,

um só sobreviveu, a Kren Barassa, que, mais tarde, nos confirmou o relato do livro de bordo. Do seu lado, os kaiëns tiveram oitenta e sete mortos na catástrofe.

Regressamos a Ella. Durante dois meses o Conselho dos Mundos estudou os novos dados do problema. Nós chegamos a esta conclusão (e digo "nós" porque desta vez participei da assembléia, não como Terrestre, mas como Hiss): para o futuro as expedições deviam ser efetuadas por *ksills* gigantes escoltados por uma multidão de pequenos *ksills* do tipo de *Ulna-ten-Sillon*, que destruiriam as colunas Milsliks nos planetas, enquanto o grande *ksill* largaria o *kilsim* sobre a estrela morta. Mas para afrontar sem grossas perdas os Milsliks os pequenos *ksills* deviam ser tripulados por Sinzus ou... Terrestres!

## EPÍLOGO

O meu relato chega ao fim. Fiz ainda duas expedições.

A primeira visou o sistema solar onde o nº 8 tinha sido atingido. Desta vez o *ksill* pilotado por Souilik lançou sobre o sol morto um *kilsim* que funcionou porque cem pequenos *ksills* tinham atacado simultaneamente os planetas e destruído as colunas com explosões de bombas infra-nucleares. Eu encabeçava-os, no *Ulna-ten-Sillon*:

No regresso da segunda expedição fui convocado pelo Conselho dos Sábios, que me fez a seguinte e estranha proposta:

Não se podia pensar em tomar contacto oficial com a Terra no estado atual de evolução da nossa civilização. Os Hiss tinham tentado, outrora, impor a paz em planetas onde a guerra ainda se travava. De cada uma dessas vezes eles próprios tinham se encontrado em guerra com esses planetas. Daí ter surgido a "lei de exclusão". Assim, propunham que eu voltasse pra Terra e procurasse voluntários para emigrar para um planeta virgem de Stéfán-Théséon, a nove anos-luz de Ella. Aí poderiam crescer em quantidade até que fossem suficientemente numerosos para participar eficazmente da luta. O tempo pouco importava, porque, de qualquer forma, ela duraria milênios.

Fui com Souilik e Ulna ver esse planeta. É ligeiramente maior do que a Terra, mas não o suficiente para que a gravitação seja perturbadora para nós. É povoado de animais, dos quais nenhum é perigoso nem repugnante. A vegetação é verde, como aqui, o clima agradável e há duas luas, montanhas, oceanos. Aceitei.

E foi por isso que regressei, após uma ausência de três anos.

E aqui, nesta minha casa, já não me sinto bem. Também já não me sinto Terrestre. Creio que Souilik tem razão: me tornei mais Hiss do que os Hiss.

O *ksill* me deixou, de noite, na clareira do Magnou, há seis meses. Parti imediatamente em viagem pelo estrangeiro e regressei dois meses mais tarde para receber Ulna, que, como eu, chegou de noite, mas que consta ter vindo da Finlândia. Já me avistei com uma centena de pessoas em diversos países. Muitas delas aceitaram e partirão.

- Mas - disse eu - você me afirmou que tinha estado três anos ausente e, no entanto, me dissera antes que a sua partida se tinha verificado em Outubro último!

- Assim é. Eu, para os Terrestres, só estive ausente dois dias. Foi para os Sábios um terrível quebra-cabeças fazer o cálculo desta viagem de regresso quando lhes disse que para cumprir eficazmente a minha missão era necessário que eu não tivesse desaparecido da Terra mais do que alguns dias! A passagem no *ahun* permite, em certas condições e à custa de um consumo fantástico de energia, viajar

no Tempo, em estreitos limites, de resto. Não sei como eles o conseguiram. Tudo o que sei é que vivi três anos em Ella, que tenho agora trinta e cinco anos, apesar de ter nascido apenas um mês antes de você e que você tem trinta e dois; que parti a 5 de Outubro e regressei a 8 do mesmo mês. Mas os Sábios explicarão, se você vier.

- O quê? Você está me propondo ir também?

- E porque não? Você está sozinho no mundo, presentemente. E para um físico entusiasta...

- Terei muito a aprender - exclamei amargamente.

- Aprenderá depressa com os métodos semi-hipnóticos dos Hiss. Pense nisso! O universo, o universo para nós!

Clair calou-se. Apenas se ouvia o tiquetaque do velho relógio de pesos. Fiquei mudo, atordoado por este fantástico relato e pelas surpreendentes possibilidades que se abriam diante de mim, ainda meio incrédulo.

Pouco depois Clair prosseguiu:

- E pronto. Não sei muito bem onde fui. A única coisa certa é que os Hiss vivem no mesmo universo que nós no sentido lato. E os Milsliks também. Neles reside a ameaça, tanto para nós como para os outros.

A única prova que tenho da minha viagem, além das fotografias que posso mostrar, ei-la: Ulna. Ulna, a Andrômeda, nascida a oitocentos mil anos-luz daqui, no planeta Arbor, da estrela Apher, o único mundo conhecido onde, como na Terra - se exceptuarmos o mundo selvagem descoberto por Souilik -, os habitantes têm sangue vermelho e são insensíveis ante a mortal irradiação dos Milsliks, "os que extinguem estrelas",

Partira há seis meses, estava de regresso três dias depois e, durante esse tempo, vivi três anos em Ella, visitei uma Galáxia Maldita e enfrentei os Milsliks. Fiz parte dos torpedeiros de sóis mortos e tornei contacto, em Réssan, com os embaixadores da Liga das Terras Humanas. Sem Ulna eu acreditaria que era o sonho de um louco e iria me meter nas mãos de um psiquiatra. Mas não, ia me esquecendo. Há o *hassrn*, que você viu há pouco no meu laboratório - não negue, você não sabe mentir. Não deixarei aquilo na Terra. Oh, eu sei! Com ele poderia se libertar a humanidade da maioria das doenças. Me servi dele para curar a irmã do nosso amigo Lapeyre, que morria lentamente de um câncer Mas bastava que o segredo caísse nas mãos dos políticos ou dos militares para que se transformasse na mais terrível máquina de guerra. Os raios abióticos diferenciais... Não, mais tarde. Vigiamos a Terra, e quando ela estiver finalmente pacificada... A menos que seja o exemplo de *Aour* e *Gen* e que tudo o que reste, no fim de contas, do homem terrestre seja uma estátua, na casa de um jovem explorador do Céu.

Clair ficou por um momento silencioso e depois soltou um risinho:

- Estou me perguntando o que dirão os governantes quando verificarem estes desaparecimentos entre o escol dos seus povos. Vão se acusar uns aos outros... Mas eu não tenho nenhuma razão para reservar a "Nova Terra" a um único povo!

- Três horas da manhã. São horas de dormir. Reflita bem.

- Tenho de estar amanhã de noite em Paris - disse eu.

- Oh! A resposta não requer pressa. Vou ficar ainda alguns meses na Terra. De resto, voltarei aqui de vez em quando. Ah! um pormenor cômico: devolvi o bloco de tungstênio emprestado ao meu antigo cliente. Ele nem suspeita que guarda cuidadosamente na gaveta o produto de um laboratório de Réssan!

Não sei o que fiz para adormecer nessa madrugada. Me levantei às 7 horas. Clair e a sua mulher me esperavam na sala de jantar. Tudo o que ouvira na noite passada

parecia um sonho longínquo, inacreditável, na claridade do dia. Fui obrigado a olhar a mão estreita de Ulna e a pensar na prova que levava na minha mala, registada em fita magnética.

Comi rapidamente Quando apertava a mão de Clair, Ulna disse algumas palavras, numa língua sonora, me estendendo um pequeno embrulho.

- Ulna lhe oferece isso para a mulher com quem você se casar, no caso de não querer vir conosco - explicou Clair. É um presente de Arbor à Terra. Me escreva sobre o que decidir.

- Combinado. Você sabe que tudo isto ainda é muito recente. Preciso ouvir ainda uma ou duas vezes o seu relato.

Parti. Parei a alguns quilômetros e abri o embrulho. Continha um anel de metal branco com um esplêndido diamante talhado em estrela de seis pontas.

No dia seguinte estava de novo no laboratório, envolvido na rotina diária. Todas as noites ligava o meu magnetofone até ter aprendido de cor o relato de Clair. Transcrevi-o para um caderno. Mostrei o anel a um conhecido ourives. Foi formal: nunca, até então, tinha visto ou ouvira falar de um diamante talhado em estrela. Quanto ao metal, era platina.

Fiz uma estupidez: emprestei este caderno a Irene Masson, a linda especialista de neutrões. Me devolveu dois dias mais tarde, dizendo que eu devia abandonar a física para escrever romances de ficção científica.

"Se isto fosse verdade, você iria?", perguntei-lhe. "Porque não ?", respondeu-me ela. Então fi-la ouvir o relato e mostrei-lhe o anel.

Está decidido: parto. Escrevi a Clair. Vou tentar convencer Irene a vir comigo.

\*

\*   \*

Este abracadabrante relato foi encontrado em casa de M. F. Borie, atrás de um móvel, para onde tinha caído. Como os nossos leitores sabem, Borie, um jovem físico de grande futuro, desapareceu há seis meses, ao mesmo tempo que uma das suas colegas do Centro de Pesquisas Nucleares, Irene Masson. Fizemos um inquérito em Dordogne sobre este Dr. Clair de que se fala no manuscrito. Desapareceu também na mesma data. Alguns meses atrás regressara de viagem, com uma mulher muito bela com quem tinha casado no estrangeiro. Fato a anotar também é que a sua velha ama, Madalena, desapareceu ao mesmo tempo que ele. Na véspera do desaparecimento de Borie, segundo diz a porteira, um homem moreno, alto, e uma mulher loura, muito bela, tinham vindo vê-lo.

Finalmente, para obscurecer ainda este enigma, soubemos que, apesar de toda a discrição dos governantes, tanto na Europa como na América desapareceram na mesma altura várias centenas de pessoas, homens e mulheres, a maior parte jovens, mas todos de um nível intelectual elevado: cientistas, estudantes, artistas, técnicos, operários especializados, em alguns casos com toda a família. Por toda a parte pôde assinalar-se, pouco tempo antes, a passagem do tal homem alto e moreno e da linda mulher loura.





**Homens estavam sendo convidados. Para que? O objetivo era Ella, o planeta dos seres de tez esverdeada. O objetivo era Réssan, onde se reunia a Liga das Terras Humanas. O objetivo era a Galáxia Maldita, para enfrentar os Milsliks, pois que somente os seres de sangue vermelho podiam enfrentar a irradiação mortal dos seres metálicos que apagavam a luz dos sóis.**